



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO UNIDADE
UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE**



RAFAEL LOPES BATISTA

**OS DÉFICITS DE ATENÇÃO E SEUS RISCOS À EXPERIÊNCIA FORMATIVA:
APORTES DA TEORIA CRÍTICA E DA NEUROCIÊNCIA**

Campo Grande – MS

2024



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO
DO SUL PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-
GRADUAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* MESTRADO
PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO UNIDADE
UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE**



RAFAEL LOPES BATISTA

**OS DÉFICITS DE ATENÇÃO E SEUS RISCOS À EXPERIÊNCIA FORMATIVA:
APORTES DA TEORIA CRÍTICA E DA NEUROCIÊNCIA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação, área de concentração Formação de Educadores, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande -MS, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em educação.

Orientador: Prof.º Dr. Marsiel Pacífico.

Campo Grande – MS

2024

B337d Batista, Rafael Lopes

Os déficits de atenção e seus riscos à experiência formativa : aportes da teoria crítica e da neurociência / Rafael Lopes Batista. – Campo Grande, MS: UEMS, 2024.

115 f.

Dissertação (Mestrado) – Educação – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2024.

Orientador: Prof. Dr. Marsiel Pacífico.

1. Teoria crítica 2. Neurociência 3. Experiência 4. Déficit de atenção I. Pacífico, Marsiel II. Título

CDD 23. ed. - 371.94

RAFAEL LOPES BATISTA

**OS DÉFICITS DE ATENÇÃO E SEUS RISCOS À EXPERIÊNCIA FORMATIVA:
APORTES DA TEORIA CRÍTICA E DA NEUROCIÊNCIA**

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação, Mestrado Profissional em Educação, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande/MS, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação. Área de concentração: Formação de educadores.

Aprovada em/...../.....

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marsiel Pacífico (Orientador)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Prof. Dr. Geovane Ferreira Gomes
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Prof. Dra. Luciana Azevedo Rodrigues
Universidade Federal de Lavras (UFLA)

AGRADECIMENTOS

Registro aqui meu reconhecimento e gratidão ao apoio de todos que, direta ou indiretamente, foram fundamentais na construção coletiva deste trabalho:

À Aline, minha companheira de vida e pessoa que dá pulso ao meu caminhar.

Ao Nicolas, meu filho amado, que mesmo sem saber, no auto de seus sete anos, sempre rejuvenesce meu amor pela vida.

Aos meus pais, mas especialmente minha mãe, que sempre apoiou minhas decisões, por mais arriscadas que elas fossem.

Ao meu orientador, prof. Dr. Marsiel Pacífico, que abraçou o tema da pesquisa, incentivou minha evolução acadêmica, e foi parceiro assíduo nas discussões teóricas.

Aos professores e demais membros do ProfEduc, que me abriram as portas e possibilitaram meu desenvolvimento intelectual, pessoal e profissional.

Agradecimento especial também à FUNDECT (Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul), que através das bolsas concedidas potencializa a pesquisa científica do Estado.

Obrigado a todos e todas!

É história naturalizada que, hoje, nove meses depois de nascida, toda criança saudável começa a reatualizar. Para isso, não tem mais necessidade do sagrado. A verdade é que está cercada de adultos que, por meio de palavras e gestos, chamam-lhe a atenção para coisas inteiramente profanas: um brinquedo, um animal, um raio de luz. E o fato é que este primeiro tornar-se atento a algo, o surpreendente persistir em algo, é um momento de dedicação – na verdade, de devoção – ao qual ela dificilmente teria podido chegar se não tivesse sido antes exercitada no sagrado. Vislumbrou-o Nicole Malebranche, ao denominar a atenção “uma oração natural”. Orar significa dirigir conjuntamente os pensamentos e as palavras a um poder superior, buscando assim sua proteção. Há que se ter aprendido já a orar em comunidade, antes de fazê-lo à parte, a sós. Não é diferente com a atenção. Só é possível aprendê-la em comunidade. (TÜRCKE, 2016, p. 72).

RESUMO:

Esta pesquisa aborda o tema da capacidade atencional e sua relação com a noção de experiência, esta entendida na perspectiva da tradição da Teoria Crítica da Sociedade. A metodologia utilizada foi, fundamentalmente, a revisão bibliográfica. A partir das contribuições do filósofo alemão Christoph Türcke, o objetivo desta dissertação foi analisar o processo de atrofiamento da atenção humana na sociedade moderna e contemporânea, identificando assim seus impactos na experiência formativa dos sujeitos. Nesse sentido, buscou-se demonstrar que a atenção não é uma propriedade apenas natural, biológica e genética, mas também um produto da cultura e da história, isto é, ela foi desenvolvida ao longo de milênios e estruturada nas práticas de rituais, de modo que não há garantias de que ela permanecerá eternamente consolidada no repertório mental do ser humano. Essa assertiva foi verificada não só com base nas ideias e interpretações filosóficas acerca da atenção, mas também com base na apropriação e no diálogo com os conhecimentos da neurociência. Dessa maneira, verificou-se que nas sociedades marcadas pela alta tecnologia as pessoas têm sua existência reconfigurada objetiva e subjetivamente, na medida em que elas têm seus sentidos continuamente bombardeados por informações em forma de choques imagéticos. Tal constatação faz Türcke (2016) concluir que vivemos numa “cultura do déficit de atenção”, e, nesse contexto, questões como o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) surgem simplesmente como a expressão mais radical dessa cultura; todavia, as consequências desta nova cultura seriam bem mais abrangentes do que simples diagnósticos psiquiátricos podem revelar. Em diálogo com Walter Benjamin, mostrou-se que a consequência mais grave é o empobrecimento da experiência (*Erfahrung*), pois, em última instância a experiência só é possível estando a capacidade atencional preservada. Apesar de pouco comum, a aproximação entre Teoria Crítica e neurociência mostrou-se frutífera, pois em alguns pontos específicos o saber experimental de uma avalizou as proposições teóricas da outra, possibilitando concluir que é necessário fazer da escola um espaço de resistência à chamada “cultura do déficit de atenção”. Para contribuir como essa tarefa, a ideia de instituir “Estudos Rituais” (TÜRCKE, 2016) foi repensada visando associá-la ao ensino e ao aprendizado dos conhecimentos clássicos, haja vista que estudar saberes clássicos requer instituir no interior da escola estruturas de repetição ritualizadas, de modo a promover nas crianças e jovens atributos como concentração, disciplina, persistência – indispensáveis para uma educação minimamente emancipadora.

Palavras-chave: Atenção. Christoph Türcke. Experiência. Neurociência. Estudos Rituais.

ABSTRACT:

This research addresses the theme of attentional capacity and its relationship with the notion of experience, understood from the perspective of the tradition of Critical Theory of Society. The methodology used was essentially a literature review. From the contributions of the German philosopher Christoph Türcke, the objective of this dissertation was to analyze the process of atrophy of human attention in modern and contemporary society, thus identifying its impacts on the formative experience of the subjects. In this sense, it was sought to demonstrate that attention is not only a natural, biological, and genetic property, but also a product of culture and history, that is, it was developed over millennia and structured in ritual practices, so that there are no guarantees that it necessarily remains eternally established in the mental repertoire of the human being. This assertion was verified not only on the basis of ideas and philosophical interpretations about attention, but also on the basis of appropriation and dialogue with the knowledge of neuroscience. In this way, it was verified that in societies marked by high technology people have their existence reconfigured objectively and subjectively, to the extent that they have their senses continuously bombarded by information in the form of imagery shocks. Such a finding makes Türcke (2016) conclude that we live in an "attention deficit culture", and, in this context, issues such as Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD) arise simply as the most radical expression of this culture. However, the consequences of this new culture are much more far-reaching than simple psychiatric diagnoses can reveal. In dialogue with Walter Benjamin, it was shown that the most serious consequence is the impoverishment of experience (Erfahrung), because ultimately experience is only possible when the attentional capacity is preserved. Although uncommon, the approximation between Critical Theory and neuroscience proved to be fruitful, because in some specific points the experimental knowledge of one endorsed the theoretical propositions of the other, making it possible to conclude that it is necessary to make the school a space of resistance to the so-called "culture of attention deficit". To contribute to this task, the idea of instituting "Ritual Studies" (TÜRCKE, 2016) was rethought in order to associate it with the teaching and learning of classical knowledge, given that studying classical knowledge requires instituting ritualized repetition structures within the school, in order to promote in children and young people attributes such as concentration, discipline, persistence – indispensable for a minimally emancipatory education.

Keywords: Attention. Christoph Türcke. Experience. Neuroscience. Ritual Studies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Vista lateral do hemisfério esquerdo.....	47
Figura 2 - Diagrama da substância ativadora reticular ascendente (SARA) e suas principais conexões.....	48

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES E A ATENÇÃO EM CHRISTOPH TÜRCKE.....	15
1.1. Contextualização do problema e dificuldades teórico-metodológicas.....	15
1.2. O problema da atenção no pensamento de Christoph Türcke.....	20
2. TEORIA CRÍTICA E NEUROCIÊNCIA.....	30
2.1. O trabalho interdisciplinar na tradição frankfurtiana.....	30
2.2. Christoph Türcke: entre teoria social e neurociência.....	33
2.3. Indústria cultural na era digital e a luta pela atenção.....	39
2.4. As contribuições da Neurociência.....	43
3. O TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH) COMO MARCA DA <i>CULTURA</i> DO DÉFICIT DE ATENÇÃO.....	52
3.1. Esclarecimentos prévios acerca da visão de Türcke sobre o TDAH.....	52
3.2. Transformações tecnológicas e a ação delas sobre a percepção humana: surgimento do choque imagético.....	55
3.3. Os choques de imagem e a determinação de um novo regime atencional.....	62
3.4. O TDAH dentro da cultura do déficit de atenção.....	66
4. INTERDIÇÃO DA EXPERIÊNCIA: ENTRE WALTER BENJAMIN E CHRISTOPH TÜRCKE.....	70
4.1. Determinantes socioeconômicos do atrofamento da atenção e da derrocada da experiência formativa.....	70
4.2. A experiência (<i>Erfahrung</i>) segundo as concepções de Walter Benjamin.....	74
4.3. Uma possível teoria da experiência em Türcke: aproximações e distanciamentos em relação a Benjamin.....	86
4.4. Repensando a noção de experiência.....	93
5. CONSTRUINDO POSSÍVEIS CONCLUSÕES: OS “ESTUDOS RITUAIS” COMO RESISTÊNCIA À CULTURA DO DÉFICIT DE ATENÇÃO.....	97
REFERÊNCIAS.....	106
ANEXO 1	110
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	110

INTRODUÇÃO

No Brasil é comum que o campo da educação priorize a pesquisa e a discussão de problemas relacionados a políticas públicas, alfabetização, material didático, educação especial, formação de professores, tecnologias de informação e comunicação, currículos e diversidade. Grosso modo, estes são os assuntos mais recorrentes no debate público, e uma breve observação nos repositórios institucionais dos programas de pós-graduação atestará esse dado¹. E é natural que assim o seja, afinal de contas, o objeto de pesquisa de quem vive ou se interessa pela educação estará inevitavelmente inclinado às preocupações mais notórias e imediatas da área. Ademais, se queremos uma educação que vise a transformação de vidas e a emancipação, necessitaremos mesmo acumular conhecimentos científicos em todos aqueles temas, pois conhecer os problemas candentes da área é o primeiro passo para solucioná-los – ou pelo menos dirimi-los.

Porém, há nesse contexto o risco de encobrirmos ou simplesmente deixarmos de tratar questões primárias, como se elas simplesmente não estivessem ali, não existissem. É o que parece acontecer com o tema da atenção. Intuitivamente todos nós sabemos o que é, quando e como empregá-la, por que então fazer disso um objeto de pesquisa? Decorre daí que raramente nos debruçamos com afincamento em entender o funcionamento dessa faculdade humana tão elementar, que, ironicamente, é empregada em toda e qualquer pesquisa de qualidade minimamente razoável. Nesse sentido, facilmente acabamos por pressupor a atenção como algo plenamente natural, genético e biológico, e que somente em casos excepcionais – como o das pessoas que sofrem de alguma doença ou transtorno – haveria falhas ou desvios que a tornassem digna de estudo. Assim, fica obscurecido o fato de que se hoje temos persistência para ler, reler, anotar, pensar e reescrever, é porque em algum momento de nossas vidas nos foram dadas as condições necessárias para conseguir cultivar nossa atenção.

Dessa forma, estamos deixando de perceber que a qualidade geral da atenção está caindo. Difícil mensurar uma inferência como esta, mas, principalmente para quem trabalha na educação, isso deveria ser algo mais ou menos evidente e ao mesmo tempo alarmante. A

¹ Essa afirmação provavelmente soará controversa, e para embasá-la rigorosamente seria importante realizar levantamentos empíricos detalhados junto às instituições brasileiras de pesquisa, de forma que se demonstrasse a prevalência de temas como os mencionados e a escassez de estudos acerca da atenção humana numa perspectiva mais holística. No entanto, isto fugiria de nosso alcance neste momento. Todavia, podemos demonstrar (negativamente) a polêmica afirmação procurando visualizar o quão pouco o tema da atenção aparece na ciência da educação, pelo menos em âmbito nacional. Longe de ser um trabalho exaustivo e de fôlego como o tema merece, trazemos aqui um dado que se não é totalizante ao menos é ilustrativo: numa busca feita na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), englobando o decênio 2014-2024, foram encontradas apenas sete pesquisas (entre teses e dissertações) na área de Educação que mencionavam em seus títulos ou assuntos a palavra “atenção”. Nenhum dos sete trabalhos tratavam da capacidade atencional no sentido proposto nesta pesquisa, isto é, buscando aliar perspectivas biológicas/naturalistas com a análise crítica, cultural e sócio-histórica.

indisposição, e até certa ojeriza, pelos atos de leitura, escuta e escrita saltam aos olhos em turmas do Ensino Médio público, realidade onde o autor desta pesquisa está inserido. Mas, verdade seja dita, quando nos aprofundamos no problema, fica patente que ele não está restrito a uma etapa do ensino ou apenas às escolas públicas, de modo que a desatenção, e a reboque dela outras complicações, generalizam-se na sociedade, ainda que em graus distintos. Com perdão da redundância: estamos dando pouca atenção ao problema da atenção. Enquanto educadores, sabemos da indispensabilidade da atenção para o bom andamento das aulas, e do processo formativo com um todo, de modo que é papel nosso garantir que a escola seja um espaço onde possam florescer e serem aprimoradas as aptidões cognitivas, emocionais e atitudinais dos estudantes.

Com esse desafio em mente, o autor desta dissertação achou por bem trazer para o plano da pesquisa educacional o tema da (des)atenção e suas repercussões na experiência educativa, redefinindo, inclusive, o que pode vir a ser a experiência na contemporaneidade. É, de fato, um estudo inclinado sobretudo a certos fundamentos teóricos da educação, e, nesse sentido, tem um pé cravado na filosofia, notadamente na tradição conhecida como Escola de Frankfurt ou Teoria Crítica da Sociedade². Não obstante, procuramos aliar ao pensamento filosófico as contribuições da ciência empírica em sua vertente neurocientífica, visando assim uma compreensão mais aprofundada dos processos atencionais. Essa estratégia será bastante útil pois, como veremos, promove o reconhecimento da dimensão cerebral e, portanto, biológica da atenção, mas também desvela seu profundo caráter histórico e sociocultural. Neste ponto tornam-se claros os perigos. Se a atenção não é puramente natural, algo dado *a priori*, então ela não é eterna e inabalável, de modo que sua estabilização na espécie humana pode sofrer retrocessos.

² Existe no meio acadêmico questionamentos acerca de qual seria a denominação mais correta dada aos pensadores que constituíram vínculos com o Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt. Alguns se referem a estes intelectuais como pertencentes à Escola de Frankfurt, outros preferem Teoria Crítica, e ainda há os que não fazem essa distinção, utilizando ambos os termos. Na presente dissertação, a depender do contexto, surgirão as duas terminologias, ora Escola de Frankfurt, ora Teoria Crítica. Isto não significa, evidentemente, que defendemos uma suposta homogeneidade entre pensadores tão díspares como Adorno, Horkheimer, Marcuse, Benjamin e Türcke, só para mencionar alguns deles. Todavia, por mais que existam sérias limitações no termo, a denominação “Escola de Frankfurt” ainda é útil para conferir a ideia de pertencimento a uma determinada tradição de pensamento, o que não é incorreto de se fazer para uma série de pensadores, vivos ou mortos, independentemente de terem ou não alguma vinculação formal com aquele Instituto de Pesquisa Social. Quem se interessar de maneira mais aprofundada nesse debate pode ler o pequeno livro de Marcos Nobre (2004), onde o autor diferencia didática e historicamente os dois conceitos, alertando assim para o equívoco de tomá-los como sinônimos. No caso específico de Christoph Türcke julgamos ser mais adequado dizer que ele pertence à Teoria Crítica, entretanto, não vemos nenhum problema em dizer que ele faz parte da *tradição frankfurtiana*. O ponto principal é passar a ideia de que inegavelmente existem, na forma e no conteúdo, pontos de vinculação entre os pensadores, o que torna legítimo classificá-los dentro de uma mesma perspectiva teórica.

Iniciando então esta jornada teórica, no primeiro capítulo forneceremos alguns indícios do alastramento do problema da falta de atenção nos meios educacionais, porém sem demonstrar isso com base unicamente em números e dados quantitativos exatos. Buscaremos argumentar que, em certa medida, tal limitação é justificada por causa da própria natureza do problema, uma vez que é metodologicamente controversa e intrincada a tarefa de metrificar com precisão informações sobre níveis e desníveis da capacidade atencional. Nem mesmo o Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) pode ser utilizado como um marcador totalmente seguro, pois, nos estudos de diagnóstico e prevalência, existem enormes divergências dentro da própria ciência psiquiátrica. Por essa imprecisão na dimensão quantitativa, torna-se viável confiar também nos indicadores qualitativos. Logo em seguida adentraremos na seara histórica e filosófica. Apresentaremos como o pensador alemão Christoph Türcke problematiza o surgimento e a natureza da atenção. Sendo provavelmente o primeiro filósofo da Teoria Crítica a colocar a atenção no centro da teoria social, veremos que essa centralidade está relacionada à sua anterior teoria das sensações, originada do livro *Sociedade excitada: filosofia da sensação* (2010). Nele, o filósofo remonta ao longínquo passado hominídeo, onde os rituais primitivos, marcados pela prática sacrificial, eram a maneira encontrada por nossos antepassados para debelar a excitação nefasta causada pelo pavor advindo das forças da natureza. Ocorre que o apaziguamento do pavor pelos rituais só terá sido possível por causa de uma “compulsão à repetição” (FREUD, 2020) que pressionou os homens a repetirem exaustiva e prolongadamente certas práticas, de modo que esse repetir continuamente os mesmos atos teria sido, junto à sensação de uma força superior, os germes de surgimento da atenção.

Depois disso, no segundo capítulo, defenderemos que a filosofia, especialmente em sua vertente da Teoria Crítica, não deve abdicar da interdisciplinaridade e do diálogo estreito com as ciências especializadas, pois é desta forma que poderá melhor compreender as causas e os impactos de novos problemas que atingem as sociedades contemporâneas. Como veremos, é tributário desta perspectiva o pensamento de Türcke, pois, dialeticamente, consegue conectar fisiologia e teologia, neurociência e sociedade. Nesta parte ficará evidente o caráter interdisciplinar de suas ideias, especialmente sua apropriação do conhecimento neurocientífico, o qual embasa sua teoria da cultura e da sociedade. Desse modo, veremos que a Teoria Crítica atualiza conceitos e traz ao debate a questão da capacidade atencional do ser humano e seu risco de atrofiamento na contemporaneidade -- uma vez que ela não seria meramente um dado biológico-natural. Para entender a complexidade do fenômeno atencional, a reta final do capítulo é dedicada a realizar um movimento de aproximação com

alguns achados da neurociência, principalmente no que diz respeito aos aspectos funcionais, anatômicos e neuroquímicos da atenção no sistema nervoso central. Isso nos permitirá concluir que a capacidade atencional é formada por processos complementares que interligam as diversas partes e funções do sistema nervoso, não sendo possível imputar à atenção a visão localizacionista, como se ela se processasse em uma única região do cérebro. Nesse sentido, o conhecimento acumulado pela neurociência será útil para pensarmos estratégias terapêuticas, educacionais e comportamentais para solucionar ou amenizar questões como o TDAH. Ao fim, analisaremos a posição da neurocientista norte-americana Maryanne Wolf em relação aos possíveis métodos de enfrentamento ao retrocesso da capacidade atencional.

Já o terceiro capítulo é dedicado a uma longa análise de como o TDAH se insere numa tendência global mais ampla que Türcke (2016) chama de “cultura do déficit de atenção”. Ou seja, sobretudo a partir das teses desenvolvidas pelo filósofo em *Hiperativos! Abaixo a cultura do déficit de atenção* (2016), pretendemos demonstrar que há um encadeamento histórico que desenvolveu as condições e abriu caminho para que o transtorno aparecesse com a força que tem hoje. O surgimento, a proliferação e a dependência do uso das máquinas atingiram em cheio o ser humano em sua mais íntima subjetividade, e a fotografia, enquanto técnica imagética que substituiu processos perceptivos e mentais, tem papel especial nisso. Isso significa que o desenvolvimento histórico e socioeconômico é determinante no surgimento de um novo regime atencional. Assim, nossa argumentação caminhará no sentido de afirmar que o TDAH é aquilo que nos aparece na superfície do social, mas que é um problema muito mais profundo e genérico, um problema que de fato emerge do espaço sociocultural.

O quarto capítulo é uma tentativa de repensar aquela que talvez seja a consequência mais significativa do atrofiamiento da atenção: a derrocada da experiência. Este conceito, complicado de definir, nos apareceu nesta pesquisa pela influência de Walter Benjamin, outro filósofo da Teoria Crítica. Com base em três ensaios de Benjamin, procuraremos entender e definir o que é experiência, mas também, paralelamente a isso, traçar relações com as ideias de Türcke, de modo a extrair do pensamento deste último uma teoria da experiência, que, em alguma medida, seja compatível com a de Benjamin. Nesse sentido, iremos propor uma redefinição da noção de experiência, pensando-a dentro das potencialidades que a sociedade contemporânea ainda nos oferece. A conclusão desta parte da dissertação, que merece destaque, é a confirmação da hipótese de que a possibilidade de reconstruir a experiência está em estreita relação com a capacidade atencional.

No quinto e último capítulo a escola é trazida para o núcleo do debate. Nossa ideia é buscar inspiração na proposta prática de Türcke, cujo nome provisório é “Estudos Rituais”

(2016). A intenção do filósofo é que a escola, enquanto instituição social, faça frente e resista à lógica da cultura do déficit de atenção. Os professores e suas aulas não deveriam se dobrar à espetacularização pela qual passa a sociedade, na qual, para ser percebido, é necessário excitar sensorialmente os outros via produção de choques imagéticos. Por conseguinte, argumentaremos que a ideia dos Estudos Rituais deve ser apropriada primordialmente naquilo que ela tem de fundamental para nós, isto é: justamente a defesa da repetição como princípio educativo, haja vista que o ato de repetir seria congênito ao próprio ser humano. Assim, defenderemos que é parte das funções da educação formal a busca por canalizar a repetição para aquilo que possibilite uma reabilitação da experiência, esta por sua vez assentada no ensino e na aprendizagem dos conhecimentos clássicos. As práticas coletivas ritualizadas talvez sejam os remédios

1. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES E A ATENÇÃO EM CHRISTOPH TÜRCKE

1.1. Contextualização do problema e dificuldades teórico-metodológicas

Não é condição exclusiva do mundo contemporâneo as queixas acerca de pessoas (especialmente crianças e jovens) desatentas, excessivamente agitadas ou impulsivas. Apesar de hoje não serem objetos de detida análise acadêmica, de forma a sistematizá-los e aprofundá-los, existem relatos de médicos europeus que, já no século XVIII, demonstraram alguma preocupação em entender e estudar tais fenômenos³. Todavia, tendo em vista a recente proliferação de estudos que abordam patologicamente tais traços cognitivos-comportamentais (CALIMAN, 2009; CRUZ, 2017; TUMELEIRO *et.al*, 2018; OLIVEIRA, SILVA, CARSOSO, 2021), podemos afirmar com certa segurança que hoje em dia esta situação é sem nenhuma dúvida muito mais alarmante e evidente. Ainda que não dominemos o instrumental técnico e teórico das ciências da saúde, para nós professores, principalmente do nível básico da educação, é evidente o aumento de casos de jovens demasiadamente desatentos e agitados, que não conseguem manter um comportamento minimamente condizente com uma sala de aula. É fácil notar a gigantesca dificuldade de fazer com que os estudantes se mantenham firmemente atentos nas aulas, principalmente em atividades que envolvam leituras e produções textuais. Aliás, nem os filmes têm escapado dessa realidade. É recorrente ouvir colegas professores relatando a dificuldade de chamar a atenção dos alunos para aulas com recursos audiovisuais. E nem mesmo o ensino superior está tão distante dessa situação, pois tem sido perceptível, e até documentado⁴, docentes reclamarem de certo desinteresse e desatenção por parte dos alunos em realizarem atividades que são elementares para seu processo formativo.

Quantitativamente esse é um problema difícil de ser tratado, e que ainda carece de aprofundamento. E esta tarefa pode ser inglória, afinal, como metrificar, com relativa

³ Em 1775 o médico alemão chamado Melchior Adam Weikard publicou um artigo tratando sobre “Transtornos da Atenção”. Depois, em 1798, o médico escocês Alexander Crichton publica um livro onde investiga as causas da dificuldade atenta que algumas pessoas demonstravam ao realizar tarefas que exigiam manter-se concentradas por longos períodos (MARTINEZ-BADÍA; MARTINEZ-RAGA, 2015). Estes seriam os primeiros passos da literatura médica rumo à descrição do que hoje se assemelha ao TDAH.

⁴ Vide o relato de experiência de Máira Borba (2020), professora do curso de Filosofia de uma universidade federal. Nele, a autora descreve as frustrações que teve com a proposta de uma Oficina de Escrita para graduandos em Filosofia. Para ela, é evidente a dificuldade de persistência, atenção, concentração dos alunos. Ao final do relato conclui que “a noção de esforço é desvalorizada em prol de atalhos para o sucesso rápido”, e nisso as novas tecnologias teriam um papel significativo, pois segundo ela, “muitos dos avanços do mundo moderno estão intimamente vinculados à necessidade de diminuir o esforço. Quanto mais automático melhor, quanto mais um objeto for capaz de facilitar minha vida, mais valor ele tem. O que por si só não é um problema. A questão é que nossos jovens estão levando isso para outros domínios, domínios em que não é possível manter esse padrão” (BORBA, 2020, p. 119).

exatidão, os diferentes níveis e tipos de desempenho da atenção em crianças e adolescentes? Como assegurar a todos sujeitos envolvidos condições ao menos parecidas para os testes, e isso numa amostragem que seja significativa para confirmar ou não uma tendência global de atrofiamento da capacidade atenta? Quais critérios seriam utilizados para distinguir o que consideramos “normal” por um lado, daquilo que consideramos “patológico” por outro?

Mas, a despeito dos obstáculos, há diversas tentativas sendo feitas mundo afora. Desde meados do século XX tem se tornado intensa a produção científica que busca compreender os comportamentos considerados disfuncionais ou prejudiciais aos indivíduos e seu entorno, tais como a desatenção, a impulsividade e a agitação constantes. Seguindo esse propósito, atualmente essa tríade de sintomas – se é que assim podemos classificá-los –, isolados ou em conjunto, começam a ser diagnosticados como uma síndrome conhecida como Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH)⁵. Ora, se considerarmos que este distúrbio é o sinal mais emblemático dos déficits atencionais em sua manifestação extremada, então a quantidade de diagnósticos poderá ilustrar o quão urgente se torna a melhor compreensão do problema.

Pelo menos de abrangência nacional, no Brasil, não há nenhum tipo de monitoramento governamental ou da sociedade civil sobre o TDAH em termos quantitativos, o que torna praticamente impossível traçar uma análise histórica de possíveis declínios e ascensões do distúrbio, ou até mesmo, em perspectivas mais modestas, obter números com maior precisão. Geralmente os estudos existentes se remetem quase sempre aos dados fornecidos pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, em inglês *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM)*, que, na sua quinta edição, diz: “Levantamentos populacionais sugerem que o TDAH ocorre na maioria das culturas em cerca de 5% das crianças e 2,5% dos adultos” (APA, 2014, p. 61). Partindo destes números, o manual, que é elaborado pela *American Psychiatric Association*, serve como referência para os profissionais da saúde de várias partes do mundo na realização dos diagnósticos de TDAH, e, mais do que isso, é também a base utilizada por muitos artigos e demais estudos quando buscam estipular um quantitativo de pessoas atingidas pelo transtorno. Obviamente, essa prática torna problemático saber, com elevado grau de certeza, o total de indivíduos atingidos pelo déficit de atenção e

⁵ Entendemos nesta dissertação o TDAH na mesma linha que a APA entende, ou seja, como uma condição clínica que afeta o neurodesenvolvimento principalmente de crianças e adolescentes, e que se expressa em comportamentos persistentes de impulsividade e hiperatividade, além da incapacidade crônica do sujeito sustentar por longo período sua atenção num determinado objeto ou atividade. Isto é, o problema para nós não é a definição em si do que vem a ser o TDAH, mas sim os discursos em torno de suas causas, impactos, formas de diagnóstico e tratamento.

com qual intensidade, pois, a depender da fonte, o que temos parece ser um simples “copia e cola” do DSM.

Em seu site oficial, a Associação Brasileira do Déficit de Atenção (ABDA) afirma, de maneira vaga, que o transtorno ocorre em 3% a 5% das crianças de vários lugares do mundo em que ele já tenha sido pesquisado (ABDA, 2022). Quando consultamos outras fontes a discrepância entre os dados é bem maior. Conforme apresentado na dissertação de mestrado de Andrea Lunardelli Valente, os “números são bastante discordantes”, principalmente no Brasil, onde os índices de prevalência do TDAH variam “entre 0,9% e 26,8% para as crianças e os adolescentes” (VALENTE, 2019, p. 12). Se retrocedermos alguns anos em relação a estes dados, quando ainda vigorava o DSM-IV, encontramos no artigo de Morales Alexis Ariel e Dionisio Leandro constatações parecidas no que diz respeito às tendências de grandes divergências quantitativas entre os dados do DSM e demais pesquisas de outros estudiosos pelo mundo, de modo que as cifras chegam a variar de 1% a quase 20% (MORALES; DIONISIO, 2012, p.48). Especificamente no contexto latino-americano os autores fornecem os seguintes números:

O "Primeiro Congresso Latino-Americano de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade", realizado em 2007 na Cidade do México, concluiu que a prevalência estimada para essa região seria de 5,29%. Isso coincide com uma série de estudos realizados na região: Rohde em um recorte de 1.013 adolescentes brasileiros encontrou uma prevalência de 5,8%; Belkis Vidal Martinez estimou 7,4% de uma amostra representativa de 740 crianças cubanas em idade escolar; e Montiel Navas, que de 1.141 crianças marabinas (Venezuela) mostraram que 7,19% foram afetadas pelo TDAH. No entanto, um estudo realizado com crianças e adolescentes colombianos mostrou uma prevalência de 20,4% e 15,8% quando indivíduos com QI inferior a 80 pontos foram descartados (MORALES; DIONISIO, 2012, p.48, tradução nossa).

Ainda neste mesmo estudo, além de tentar compreender o porquê da grande heterogeneidade das estimativas, os autores também se questionam sobre a predominante tendência de crescimento das taxas de diagnósticos, de modo que, conforme os DSM's e outros sistemas de classificação são atualizados, as taxas aumentam. Isso se explica, segundo eles (2012, p.49), por três motivos: a própria nosografia usada pelos profissionais da saúde e cientistas; a origem dos dados dos pacientes; e erros de diagnóstico. Assim, depois de analisar cada um destes três tópicos, concluem que há sérias arbitrariedades e limitações na delimitação de critérios que estabeleçam uma sintomatologia e um perfil diagnóstico para o TDAH. Isto posto, torna-se compreensível a alta variabilidade dos dados estatísticos que se têm mundo afora. Segundo os autores:

Com relação aos números elevados e variáveis sobre prevalência, pode-se dizer que ele responde: 1) às modificações na nosografia especialmente utilizadas, como o uso do DSM que em suas versões mais modernas vem incorporando diferentes áreas de

comportamento sob a mesma categoria; 2) a origem questionável dos dados, que pressupõe que os questionários aplicados por pais e professores são fontes objetivas e confiáveis para a realização de um diagnóstico sobre a saúde mental das crianças; e 3) erros no diagnóstico, que não sabem que antes de diagnosticar o TDAH é necessário descartar toda uma série de patologias infantis propostas pelo DSM IV. Isso sugere que a alta frequência de crianças com TDAH encontrada por inúmeras investigações está mais ligada ao método de avaliação e diagnóstico, que tem uma incidência real da doença (MORALES; DIONISIO, 2012, p. 53, tradução nossa).

Na verdade, essa situação da imprecisão dos dados revela uma questão bastante delicada, a saber, a própria natureza dos transtornos mentais e da ciência psiquiátrica. Quantificar os adoecimentos psíquicos e comportamentais é extremamente complexo, pois eles podem envolver uma enormidade de fatores que vão desde o funcionamento físico-químico do sistema nervoso, até determinações de ordem econômica e social nas quais os indivíduos estão inseridos, passando ainda por questões genéticas, morais, tecnológicas e culturais. O TDAH não escapa a essa regra.

Portanto, isso nos faz concluir que é aconselhável a qualquer levantamento e análise de dados, a adoção de certa cautela e senso crítico, uma vez que os cálculos disponíveis nos manuais normalmente apresentam lacunas epistemológicas graves. Nesse sentido, Resende, Pontes e Calazans afirmam que:

O DSM, principalmente a partir de sua terceira versão [...], foi elaborado com a pretensão de ser um instrumento científico e principalmente ateuórico de diagnóstico. Ou seja, a perspectiva era de que esse manual conseguisse ultrapassar as diversas teorias que existem no campo da psicopatologia, de modo a unificar os sistemas diagnósticos no campo do sofrimento psíquico. Mas como realizar essa tábula rasa se a própria história da psicopatologia é de debates, composta essencialmente por teorias que divergem entre si? Os DSM partem de uma perspectiva teórica pragmática, em que o sujeito deve estar no melhor funcionamento social possível (RESENDE; PONTES; CALAZANS, 2015, p. 535-536).

Ou seja, dependendo da abordagem adotada, estamos diante de uma questão que é sensível, polêmica. Como nossa perspectiva epistemológica é a Teoria Crítica da Sociedade, seria pouco razoável abordar o problema do TDAH sem discutir as questões mal resolvidas que o circundam. Assim, pretendemos assumir uma postura crítica e ao mesmo orientada para a emancipação, dois princípios fundamentais da Teoria Crítica (NOBRE, p. 33, 2004).

Justamente por isso, o foco desta dissertação é muito mais os déficits de atenção em geral, diagnosticados ou não, do que propriamente o TDAH enquanto entidade nosológica isolada. Se optássemos por esta última posição, a pesquisa tomaria um rumo indesejado para o programa de mestrado a qual está vinculada, além de correr o risco de produzir um material que pouco auxiliaria no debate existente em torno dos psiquiatras, psicólogos, terapeutas em geral e neurocientistas. Obviamente, e até respeitando o trabalho interdisciplinar como

preceito marcante dos frankfurtianos, em determinados momentos, em maior ou menor medida, as contribuições daquelas áreas aparecerão. Todavia, quando optamos por tratar a atenção/desatenção de maneira genérica, estamos considerando-a mais como um sintoma social difuso, etéreo – que ao mesmo tempo demonstra ser muito concreto ao se observar fatos cotidianos –, e não tanto como sintoma de uma síndrome já etiologicamente resolvida. Desse modo, na presente dissertação, o TDAH cumpre a função de fenômeno indicativo e alusivo, que expõe uma realidade alarmante.

Apesar das ressalvas quanto à dificuldade de quantificar ou obter dados precisos concernentes à desatenção que toma a sociedade, não parece correto minimizar ou desconsiderar acontecimentos que de alguma forma se relacionam com o processo cada vez mais generalizado de deterioração da atenção. Por exemplo: de acordo com Wolf (2019, p. 128), um relatório de 2015 aponta que “a média de tempo gasto por crianças de 3 a 5 anos em aparelhos digitais era de 4 horas por dia”, e, mais assustador ainda, é o salto de 52% em 2013 para 75% em 2015 de “crianças de 0 a 8 anos” que passaram a ter “acesso a aparelhos digitais”; a própria criação da ABDA, cuja existência expressa a necessidade de representação de um grupo social em expansão; os altos índices de medicalização da população brasileira, que procura solucionar problemas de ordem mental/cognitiva (como o TDAH) recorrendo aos fármacos⁶ (RESENDE; PONTES; CALAZANS, 2015); os níveis insuficientes de escrita, leitura e interpretação de textos de alunos do ensino básico (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2019); as constantes queixas dos docentes em relação ao bom andamento de suas aulas. Tudo isso acontecendo concomitantemente é mero acaso? Estes fenômenos não teriam algo em comum entre si? Ora, certamente nenhum deles substitui a importância dos dados e informações que a pesquisa empírica pode revelar quando bem estruturada, com critérios claros e predefinidos, e com uma amostra populacional significativamente representativa. Mas

⁶ O crescimento assustador da fabricação e do consumo de medicamentos estimulantes é registrado, por exemplo, na tese de doutorado de Denise Barros, que é fundamentada pela análise teórica, mas também por estudo empírico, baseado em entrevistas semiestruturada com pessoas que fazem uso do metilfenidato. Segundo a autora, considerando a fabricação e a importação, o metilfenidato teve “um aumento de aproximadamente 6.322%” no Brasil entre os anos de 1996 e 2012 (BARROS, 2014, p. 12), dado que apenas reflete uma tendência mundial. A pesquisadora correlaciona estes dados com o aumento de diagnósticos de TDAH, mas também com a vontade de muitas pessoas buscarem a potencialização de suas capacidades cognitivas, em especial a concentração, visando assim o alcance de sucesso acadêmico e profissional, independentemente de terem ou não um diagnóstico de transtorno atencional (BARROS, 2014). O que a pesquisa de Denise Barros nos confirma é que existe nas sociedades contemporâneas uma inclinação à desatenção como uma espécie de sintoma que se alastra de forma indistinta e genérica, e que a estratégia medicalizante desta situação advém de pressões históricas e socioculturais. O autor que inspira a presente dissertação, Christoph Türcke, também critica fortemente a interpretação de que o TDAH é a simples falta de dopamina no organismo, e que para suprir esta falta, seja necessário e suficiente o uso de metilfenidato (2016, p. 38). Como tentaremos demonstrar ao longo deste trabalho, o problema é muito mais profundo.

ao menos eles são sinais de alerta de natureza qualitativa, os quais apontam para a necessidade de repensarmos como gastamos nossa atenção enquanto sociedade.

Feitas estas ressalvas teórico-metodológicas, daqui em diante iremos explorar algumas das perspectivas que estão colocadas atualmente, da filosofia social à neurociência. Questões e dificuldades específicas das abordagens médicas voltarão a aparecer no decorrer dos capítulos, entretanto, já na seção seguinte, iniciaremos o trato propriamente filosófico da atenção, o qual se sobressai em boa parte da pesquisa.

1.2. O problema da atenção no pensamento de Christoph Türcke

Podemos dizer que a atenção, enquanto problema filosófico, aparece de maneira mais explícita (embora não tão sistematizada ainda) na tradição da Teoria Crítica com o pensador alemão Christoph Türcke⁷, especialmente a partir de *Sociedade Excitada: filosofia da sensação*, livro publicado originalmente em 2002 e traduzido no Brasil em 2010. Ainda que de forma mais ou menos periférica, é nessa obra que o empreendimento teórico de analisar criticamente os meandros da atenção humana se inicia. Como veremos em pormenores mais adiante, a atenção aparecerá na obra mencionada inserindo-se no contexto de resignificação pela qual passa o conceito de sensação no decorrer da história humana. Resignificação essa, aliás, que constitui o eixo central do livro de Türcke.

Acontece que, dez anos depois de *Sociedade Excitada*, o filósofo publica outro trabalho, e dessa vez colocando a atenção como ponto central de sua reflexão. Isso ocorre no livro *Hiperativos! abaixo a cultura do déficit de atenção* (2016). Nele, a discussão em torno da atenção é, em parte, orientada seguindo a esteira da compreensão das ciências médicas, ou seja, a partir de uma perspectiva na qual predomina o discurso que julga ser legítimo classificar determinados indivíduos, com determinados sintomas, como portadores de uma síndrome – o chamado TDAH. Todavia, o ponto diferencial de Türcke nesse texto é sua análise histórico-cultural do fenômeno atencivo. Quer dizer, ao desnaturalizar a capacidade de atenção – embora sem rejeitar o conhecimento acumulado pelas neurociências e pela medicina –, o filósofo elabora uma interpretação original.

⁷ Nascido em 1948 na Alemanha Ocidental, o filósofo está até hoje em plena atividade. Formado em teologia e filosofia, no ano de 1991 Türcke veio para o Brasil e aqui viveu por alguns anos lecionando em universidades gaúchas, fato este que lhe dá a peculiaridade de ser um intelectual alemão que detém bom domínio da língua portuguesa (há inclusive palestras dele no YouTube que são ministradas em nosso idioma). Seus principais interlocutores são Theodor Adorno, Sigmund Freud e Karl Marx (TÜRCKE, 2014). É marca de suas obras mais importantes a vinculação constante de elementos teológicos com as problemáticas sociais, de maneira que em seu pensamento a base religiosa é irrenunciável frente à necessidade de compreensão dos fenômenos humanos.

Destarte, há no autor, assim como houve em outros momentos na história da Teoria Crítica, o esforço em compreender as correlações e o movimento dialético entre natureza e cultura na determinação de certos fenômenos. No caso específico da obra *Hiperativos!* esse esforço é canalizado para o fenômeno do TDAH. Neste sentido, a tematização do TDAH serve de representação particular de uma tendência universal que é a regressão da atenção, sendo o transtorno “apenas” o aceno patológico dessa tendência. Ainda que de maneira incipiente, esse empreendimento intelectual tem seus primeiros frutos no *Sociedade Excitada*, onde a fundamentação teórica e histórica do problema é desenvolvida detalhadamente, de tal sorte que *Hiperativos!* (2016) acaba por ser a culminância mais prática e explícita daquele desenvolvimento teórico. Enfim, apesar de distantes temporal e tematicamente, podemos dizer que ambas as obras (*Sociedade Excitada* e *Hiperativos!*) têm em comum a atenção humana como uma questão que as conecta. Claro, isso não ocorre com profundidade nas duas obras, pois no primeiro livro a atenção está colocada mais como algo implícito, secundário, de modo que ali o foco está na história filosófica das sensações humanas e como os homens as elaboram a partir de seus contextos determinados. Entretanto, somados, de maneira muito genérica, podemos dizer que os dois trabalhos consistem num esforço de expor as contradições que perfazem o mundo humano em suas variadas dimensões, lançando assim luz a alguns dos problemas e desafios do tempo presente.

Preocupado em compreender as transformações pelas quais o significado de sensação passou ao longo dos milênios, TÜRCKE refaz o percurso deste conceito no sentido de inseri-lo dentro de uma história, na verdade, mais do que isso, inseri-lo dentro de uma pré-história. Isso porque, uma autêntica filosofia da sensação precisaria englobar os tempos mais remotos da vida humana na Terra, pois é no período paleolítico que nosso aparato sensorial haveria se formado, sendo ele o berço de nascimento da atenção (TÜRCKE, 2016). Esta abordagem confere à Teoria Crítica de Christoph TÜRCKE contornos de peculiaridade e originalidade. Com ela, se se quer apreender os mecanismos de dominação e coerção da sociedade capitalista/neoliberal contemporânea, torna-se imprescindível fazer a teoria social descer ao nível neurofisiológico da formação das sensações, para assim, ascender ao nível da crítica sociocultural – a qual apontará, como parte do diagnóstico do tempo presente, para uma tendencial e gradual destruição da atenção.

Para o autor, salvo raras exceções, a sensação nunca foi um objeto de estudo privilegiado na História da Filosofia. Grosso modo, nas tradições clássica e medieval o debate epistemológico e ontológico sempre concedeu à razão, à alma ou ao espírito, o status de superioridade em relação aos sentidos e ao corpóreo. Quer dizer, tanto os princípios que

possibilitam acesso ao conhecimento da verdade, quanto os princípios que fundamentam a existência, ambos, ficavam em alguma medida submetidos a pressupostos imateriais – sejam eles o mundo das ideias platônico, a razão, a alma, o intelecto ou Deus. É na Idade Moderna que as coisas começam a tomar outro rumo, sobretudo a partir da Revolução Científica do século XVII, onde o método científico passou a se ancorar mais notoriamente na observação e na experimentação, conferindo assim grande prestígio epistemológico ao nosso aparato sensorial. Na esteira deste processo, alguns filósofos modernos começaram a constituir aquela tradição filosófica e científica chamada empirismo, em detrimento àquela outra corrente denominada racionalismo. Isto é, há no período moderno, especialmente em termos epistemológicos, o início da sobrevalorização do corpóreo e do sensorial face ao espiritual/ideal. É então dentro desse contexto histórico de ascensão das abordagens empiristas que Christoph Türcke irá localizar dois nomes importantes para sua história filosófica das sensações.

Segundo Türcke, é inicialmente no pensamento de John Locke (1632-1704), e depois em George Berkeley (1685-1753), que as sensações passam a figurar como protagonistas no pensamento ocidental. Com o primeiro, apesar de a sensação ter papel fundamental no processo de obtenção do conhecimento, sendo sua fonte primária, ela ainda é dependente de uma segunda fonte: a reflexão; esta então, na visão de Türcke (2010), acaba se sobrepondo àquela na hierarquia epistemológica do empirista inglês.

No caso do bispo anglicano a abordagem é radicalmente diferente. De acordo com Türcke, a importância que Berkeley atribuiu às percepções extrapola o campo epistemológico até chegar ao âmbito da ontologia e da metafísica. Para o irlandês, as ideias, entendidas como representações de qualquer objeto exterior ao “eu”, só existem na medida em que elas mesmas não constituem mais do que meras percepções, as quais, por sua vez, são impressas em nossas mentes pelos órgãos sensoriais através de uma força superior: Deus. Todas as ideias humanas, das mais simples às mais complexas e elevadas, seriam, na teoria de Berkeley, produzidas e organizadas nos indivíduos por intermédio da divindade. Ao contrário de Locke, Berkeley entende que é nas “excitações sensoriais mais elementares” que o poder de Deus se manifestaria, na medida em que a autêntica sensação “não é aquela que está sob meu controle, mas aquela que se impõe mesmo contra minha vontade” (TÜRCKE, 2010, p. 107). Ora, se mesmo as ideias superiores, tais como Verdade, Bem Supremo, divindade, Belo, entre outras, não passam de vestígios surgidos das sensações originais que se impõe ao organismo sensorial pela força divina, então, em última instância, é a sensação ela mesma o sentido do mundo

(TÜRCKE, 2010, p. 106-107). A expressão paradigmática dessa doutrina seria a famosa fórmula “Ser é ser percebido”.

“[...] ambos [Locke e Berkeley] eram atormentados com a mesma intensidade por uma questão que até hoje ainda não foi respondida a contento: o que ocorreria se os homens fossem tão essencialmente seres sensitivos, de maneira que todas as suas ideias e conceitos não fossem senão sensações, ou seja, corresponderem a meras excitações nervosas? Então não haveria sentido no mundo, diz Locke. A não ser que, retruca Berkeley, essa própria excitação fosse o sentido. E justamente essa é sua agudeza: a sensação é o sentido do mundo, e quanto mais elementar, subjugante e irresistível ela for, tanto mais evidente ele será” (TÜRCKE, 2010, p.107).

É neste momento que a leitura de Türcke sobre Berkeley começa a desvelar a importância das sensações, pois se elas são o sentido do mundo, isso implicará, indiretamente, em admitir que o regime atencional dos indivíduos precisará se adaptar às sensações que perfazem este mundo. Ora, numa sociedade em que há oferta abundante de estímulos sensoriais, obviamente muitos deles passarão ao largo do processo de percepção e internalização humana – justamente por haver aí limitações de ordem fisiológica. Isso exige do organismo a necessidade de priorizar qual estímulo irá se fixar, empregar sua atenção. Se seguirmos a linha de raciocínio de Türcke sobre Berkeley, notaremos então que as sensações são o sentido do mundo, e isso implicará, pelo menos indiretamente, em admitir a impossibilidade de o indivíduo moderno apreender o sentido deste mundo. Isso ocorreria porque as sensações engendradas pelo mundo digitalizado são demasiadamente fortes e violentas, são quantitativa e qualitativamente mais avassaladoras que o tipo de sensação que prevalecia na época do bispo anglicano, de tal sorte que elas sobrecarregam e ultrapassam os limites fisiológicos do aparato sensorial. O exemplo a seguir é bastante didático e nos auxilia a captar o quão tortuoso pode ser o excesso de estímulos disponíveis à atenção humana:

Não se trata apenas de perguntar o quão livre é a escolha entre dez novelas ou 12 programas de entrevista; cada escolha significa também deixar de lado outras possibilidades. Quando uma criança pode selecionar a mais bonita de cinco balas, ela alegre-se. Mas se tem de escolher entre 50 ou 100, ela sente-se sobrecarregada. Com os adultos e os programas de televisão não é muito diferente. Cada escolha significa abrir mão de uma centena de outras possibilidades, cada decisão seguida da suspeita de ser equivocada. Os planejadores de programa há muito já levam isso em conta (TÜRCKE, 2010, p. 69).

Conveniente esclarecer que em termos metafísicos e teológicos Türcke considera falaciosa e absurda a argumentação de Berkeley, porém, enquanto “indicação de que a sensação está intimamente relacionada à sujeição”, ela faz bastante sentido (2010, 107). Ou seja, a linha de raciocínio berkeleyana possibilitaria entender que assim como em seus primórdios, a produção de sensações na atualidade está inseparavelmente ligada a forças superiores. Na sociedade contemporânea, esta força produtora de sensações é a pressão concorrencial do mercado capitalista, que em seu estágio mais avançado assume o paradigma

microeletrônico. Dessa maneira, a primazia da sensação põe em evidência sua lógica interna de funcionamento, isto é, ela se retroalimenta de tal modo que cada vez mais intensifica sua agudez ao se impor às percepções, pois precisa sobressair-se em relação à enxurrada de outras sensações disponíveis. Se de algum modo ela não se destacar, dificilmente poderá ser captada pela atenção. Há então, nesse mundo guiado por sensações, uma verdadeira luta pela atenção (TÜRCKE, 2010).

Agora, demonstrado o paralelo entre sensação e atenção, fica clara a estreita dependência de uma em relação à outra, ou, em outras palavras, o quanto o regime atencional do ser humano é coagido e subjugado pelos estímulos sensoriais provindos do mundo exterior. Essa reflexão permite que Türcke conecte dois modelos distintos de sensação, que, sob determinado ponto de vista, se assemelham muito: ambos são moldados pela intensa força dos estímulos perceptivos que atingem o aparato sensorial humano. Certo, e quais são estes dois modos de causar sensação?

Um deles é aquele modelo que dominou a pré-história humana e suas gradativas evoluções, e refere-se aos fenômenos extremos da natureza com os quais nossos ancestrais forçosamente se deparavam. Aqui podemos imaginar as grandes tempestades, ataques de animais ferozes, secas, vulcões, terremotos etc. Se até hoje, em nossas sociedades altamente secularizadas e afeiçoadas às explicações técnico-científicas, alguns destes acontecimentos geram susto e temor, então o quão impactante e pavoroso teria sido para os primeiros hominídeos? Certamente foram sensacionais no uso literal da palavra. O outro modelo de causar sensação se constitui com a atual maquinaria audiovisual das novas tecnologias de informação e comunicação. Türcke enxerga nelas um disparador de choques imagéticos que também causam fortes sensações, tão potentes quanto aqueles eventos inquietantes e pavorosos de tempos remotos, residindo justamente nisto a semelhança entre ambos. Porém, se no modelo arcaico de sensação estava localizada a mola propulsora da criação e desenvolvimento da atenção humana, na sociedade como a nossa, extremamente dependente de toda uma aparelhagem midiática, acontece o inverso: marcha-se rumo à degradação da atenção.

Utilizando-se do diálogo crítico com a psicanálise – além de inúmeras referências à teologia, arqueologia e neurociência – o filósofo alemão insiste na tese de que todo e qualquer produto civilizacional, material ou espiritual, tem como raiz comum de surgimento um instinto primevo: a compulsão à repetição traumática⁸. Este conceito, de início apropriado de

⁸ Apesar de fomentar o desenvolvimento de tudo que é cultural, isso não significa dizer que a compulsão à repetição seja o princípio gerador de cultura. A compulsão por si mesma não tinha intenção de iniciar a cultura, não havia nela nenhum teleologismo, ela era apenas uma reação fisiológica do organismo humano frente àquilo

Sigmund Freud (1856-1939), será a chave de leitura para a questão da gênese histórica e sagrada da atenção.

De acordo com o filósofo (2010; 2016), a prática de rituais sacrificiais (seja imolando animais ou seres humanos) consta nas mais diversas sociedades arcaicas, e sob a égide da compulsão à repetição tais ritos representavam a forma desesperada e rudimentar que os homínídeos tinham para elaborar mentalmente a excitação provinda das forças da natureza, as quais causavam tremor, pânico, susto. Realizar sacrifícios certamente era doloroso, horripilante e angustiante, principalmente em seus inícios mais remotos, mas também era uma forma – provavelmente a única – de adaptar-se àquele pavor primário, que traumatizava e angustiava muito mais intensamente porque era provocado por fatores externos aos sujeitos de determinada comunidade. Dar seu consentimento ao pavoroso revivendo o pavor por outros meios, e assim tomando-lhe as rédeas, de modo a neutralizá-lo depois de incontáveis repetições, era a “saída de emergência” do homem pré-histórico; ele simplesmente ainda não dispunha de outras ferramentas ou estratégias para afastar o horror traumático. Os discursos linguísticos não estavam constituídos, não havia análise clínica, menos ainda medicamentos ou qualquer coisa do tipo, portanto, a única saída, “cura” por assim dizer, estaria na lógica da repetição sacrificial.

Nesse sentido, longe de ser mobilizada meramente como curiosidade antropológica/histórica, a figura do sacrifício ritual ocupará posição de destaque na teoria social de Christoph Türcke. Isso está bem expresso na citação a seguir:

Por menor que seja o conhecimento da origem da humanidade, uma coisa é certa: a formação dos costumes é parte integral da hominização, que tem origem nos rituais sagrados, sendo que estes, por sua vez, têm uma raiz comum: o ritual do sacrifício. Quem, no sentido arqueológico, se volta para os vestígios da humanidade em seus primórdios, obrigatoriamente, depara com resíduos e suplementos do oferecimento de sacrifício [...] Matar – isso os animais também fazem, ocasionalmente, inclusive, a seus iguais. Mas matar ritualmente, em reuniões festivas num determinado lugar e de acordo com um esquema estipulado: essa é uma particularidade do *Homo sapiens* (TÜRCKE, 2016, p. 16-17).

Estas fortes palavras revelam que há na concepção do autor a inseparabilidade entre uma espécie de violência fundadora e os seres humanos que somos hoje. E mais: se superamos nossa condição de animalidade foi porque nossos antepassados mais remotos conseguiram sublimar essa violência, que, bem entendida, é tanto fruto da manifestação do sagrado, como também o movimento de tornar profano este sagrado por meio dos cultos

que causava pavor extremo. Por mais que “Todos os rituais, costumes, gramáticas, leis, instituições” sejam “sedimentos da compulsão à repetição traumática”, não podemos deduzir tais produções culturais de “um único princípio” (TÜRCKE, 2016, p. 24).

sacrificiais⁹. Quer dizer, ao reviver o sofrimento com outro tipo de sofrimento, qualitativamente distinto e autoinjeto, o homem primitivo realizava um duplo movimento: primeiramente acionava um mecanismo fisiológico de legítima defesa, o qual canalizava a insuportável excitação que atingia seu sistema nervoso, sendo tal mecanismo justamente a compulsão à repetição traumática (TÜRCKE, 2016, p. 19). Secundariamente, os hominídeos abriram assim o caminho para sua evolução biológica e cultural, pois, milenarmente repetidos, os ritos de sacrifício ganhavam contornos de cultos sagrados.

Em entrevista concedida aos professores Flademir Roberto Williges e Paulo Denisar Fraga, TÜRCKE esclarece a especificidade da espécie humana no modo como, em seus primórdios, ela encarou os choques traumáticos que abriram caminho para a hominização e, conseqüentemente, para a cultura:

[...] de fato, nenhuma espécie fora do *Homo sapiens* conseguiu inverter a experiência traumática num estado de cultura. As outras não descobriram aquela saída de emergência, aquela fuga para frente, que chamamos, na retrospectiva, de cultura. Confesso, porém, que não estive presente à origem da cultura. Nunca participei de sacrifícios paleolíticos [...]. Ninguém de nós estava lá. Muito claro isso. Tanto que se pergunta: “como se pode verificar isso?” Só de modo negativo. Ninguém sabe os detalhes nos quais o sacrifício humano se realizou. Mas seu papel constitutivo no processo da humanização é inegável. Sempre que os arqueólogos ou antropólogos se deparam com restos de comunidades arcaicas, eles se deparam com traços do sacrifício. Não há humanidade sem traços de sacrifício (TÜRCKE, 2021, p. 333)

Aqui habita o aspecto mais interessante da lógica de funcionamento da compulsão à repetição: apesar de seu caráter essencialmente fisiológico, ela repercute metafísica, teológica e culturalmente. E como acontece as reverberações em todos esses níveis? Ora, para compreender as conseqüências metafísicas e teológicas da compulsão à repetição, temos primeiro de compreender que a prática de sacrifícios exige, segundo TÜRCKE, três dimensões: uma “comunidade que faz a oferenda, a vítima ofertada e o destinatário a quem ela é ofertada” (TÜRCKE, 2016, p. 21). Justamente esse destinatário é imaginado – e aqui localiza-se o início da própria imaginação humana e o espaço mental que a envolve -- como algo superior, o qual é buscado pelos homens como ponto de apoio e salvação. Ele é a finalidade, o “para quê” do sacrifício; se o ser humano não o projeta, não o imagina, os ritos então perderiam sua razão de ser. Portanto, o ato de sacrificar traz consigo a necessidade de ser pensado ou

⁹ No pensamento de TÜRCKE profano e sagrado estão umbilicalmente ligados. O sagrado, que neurofisiologicamente falando nada mais é do que a “excitação perturbadora e torturante” (TÜRCKE, 2010, p. 168), começa a se tornar profano assim que se instalam as primeiras tentativas de familiarização, interpretação e arrefecimento de seu pavor original. O aprimoramento das técnicas rituais, como a substituição de seres humanos por animais, já contém o germe da profanação, aliás, [...] “a própria constituição do sagrado já brota de um primeiro movimento de profanação. Reavaliar o pavor, dar-lhe o beneplácito por meio de sua repetição, fazer dele algo sagrado já é um primeiro ainda que imperceptível passo de distanciamento” (TÜRCKE, 2010, p. 205).

imaginado algo que detenha sobre o indivíduo, e a coletividade a qual ele faz parte, uma força superior arrebatadora. Está aí aberto o caminho para o surgimento da ideia de existência de deuses, e posteriormente de religiões:

Como os hominídeos foram capazes de transladar sua lástima interior para a imaginação de um poder exterior que dela deve salvá-los, isso provavelmente nunca poderá ser inteiramente esclarecido e sempre voltará a ser um objeto de espanto. Mas justo esse *transladar* para o imaginário foi igualmente um primeiro caso da atenção humana. A atenção se tornou algo especificamente humano quando começou a durar mais que o respectivo estímulo a afetar o sistema nervoso. E isso teve início exatamente quando coletivos de hominídeos começaram, com a imaginação de uma instância mais elevada, a cobrir a repetição compulsiva do horror experimentado. A atenção, que cabe a esta instância, não é apenas reação a um estímulo. Ela é interesse em algo de permanente: algo de sagrado. O sagrado, a princípio, não é senão horror sacralizado: um horror que surge como poder protetor (TÜRCKE, 2016, p. 55-56).

Aquele fenômeno natural, que se converte em destinatário do sacrifício ritualístico e então passa ser entendido como força sobrenatural, é o ponto de direcionamento e fixação da atenção do indivíduo e de sua comunidade. É tamanha a força e violência com que ocorre o acontecimento extraordinário que seria impossível ele não chamar a atenção do coletivo inteiro, que, por sua vez, ao ressignificar o extraordinário por meio da repetição de ritos, torna-o familiar, momento este que exige grande dispêndio de atenção. Em suma, a habilidade cognitiva da atenção, condição necessária da evolução humana, é tributária do sagrado, pois dominar a excitação causada pelas horripilantes forças sobre-humanas exigia a projeção imagética de seres sobrenaturais, diante os quais as tribos arcaicas criavam e ao mesmo tempo exercitavam sua atenção. Ou seja, o método de proteger-se da excitação primordial através da repetição impulsiva traz como consequência inevitável a mobilização da habilidade de atentar-se a algo.

Já a repercussão cultural da compulsão à repetição é em certa medida apenas uma derivação direta da repercussão metafísica/teológica. Preparar rituais exige uma complexa organização: eleger as oferendas, ter locais específicos, fabricar ferramentas e utensílios, treinar danças e cânticos, dispor de alimentos, ervas e coisas do gênero, acomodar os membros da tribo de maneira adequada; enfim, arquitetar e pôr em prática tudo que diga respeito a um cerimonial. Ora, todas estas tarefas embutidas nas cerimônias ritualísticas contêm, fundamentalmente, estruturas de repetição indispensáveis para a consolidação do rito, e assim para a assimilação paulatina do pavor. Repetir constante e ordenadamente as mesmas tarefas e ações é o meio de florescimento da atenção, e com ela, floresce a cultura, tanto em sua vertente material quanto imaterial. Ou seja, a repetição, no longo prazo, consolida a atenção enquanto faculdade constitutiva da espécie, de modo que toda e qualquer criação

cultural deriva em algum grau da atenção, isto é, deriva da capacidade humana de reagir mental e corporalmente aos estímulos proporcionados pelo meio ambiente. A seguinte passagem pode ajudar a ilustrar essa ideia:

A imitação proposital de forças naturais, que não falta em nenhuma cultura arcaica, é uma compulsão à repetição aperfeiçoada até se transformar em técnica de dominação. A chuva imediata deve cair, o leão imitado deve perder sua força ameaçadora, a caça imitada deve abater o mamute de antemão, e tais ritos são de tão vital importância para os envolvidos, são tão “ofício” quanto o trabalho apropriado do solo ou a fabricação de ferramentas e armas. E a magia imitativa é inicialmente praticada como medida de dominação da natureza exatamente como os atos de colecionar, caçar e arar (TÜRCKE, 2010, p. 144).

Em uma nota de rodapé, onde o autor, concordando com a ideia marxista de que o homem se diferencia das demais espécies na medida em que produz seu próprio alimento, dá prosseguimento àquela ideia de que os produtos culturais são resultados da compulsão à repetição. Neste contexto, ele diz:

Não se trata aqui de algo como fazer o trabalho derivar do culto, e sim apenas da diferenciação inicial entre culto e trabalho; ambos tiveram seu ponto de partida no esforço de dominação do pavor. É certo que a ideia de utilizar uma pedra como machadinha, um osso como clava, um galho como alavanca, e para isso prepará-los um pouco, não se origina imediatamente de nenhum pavor nem de nenhuma compulsão à repetição. Mas a ideia por si só também nada faz; ela lampeja e novamente se apaga. Os seres humanos só começam a se diferenciar dos animais quando a ideia tiver sido “fixada”, isto é, quando ela se tiver transformado em todo um sistema de trabalho permanentemente reproduzível, e é simplesmente inimaginável como isso seria possível sem a compulsão à repetição (TÜRCKE, 2010, p. 144).

Portanto, os valores morais, as religiões, o direito, as artes, as ferramentas de trabalho, tudo isso só foi tornado possível porque o ser humano repete compulsivamente. Tais invenções constituem vestígios tardios, sedimentações culturais da primitiva reação fisiológica do organismo frente aos estímulos excitatórios, diante dos quais nossos ancestrais mais longínquos estavam expostos sem nenhuma proteção. Ou melhor, havia sim uma proteção, contudo, ativá-la dependeria de um método aparentemente absurdo, a saber, imitar repetitiva e duradouramente, através de rituais, aquilo que causava trauma, incomodo, sofrimento e pavor. Nesse sentido, não devemos menosprezar ou diminuir o papel dos rituais no processo de hominização, pois conforme o autor:

Rituais são repetições coaguladas, codificadas. Suas formas mais antigas surgiram do pavor. Por sorte, conseguiram se livrar dele. Hoje eles não estão mais condenados a tornar presente um sagrado arrepiante, sedento de sacrifícios. Eles podem assumir formas temperadas, na verdade amenas, por assim dizer, e girar ao redor de algo bastante profano: uma encenação, um discurso, uma refeição. E, todavia, neles segue afixada, indelével, a marca de sua origem sagrada [...]. Onde termina o ritual e começa o uso, o hábito, é uma questão burocrática. Todos os usos, costumes e hábitos são rituais degradados, gastos, tornados mais ou menos profanos (TÜRCKE, 2016, p. 88-89).

Deste modo, ao conferir grande importância aos rituais de sacrifício no processo de hominização, o filósofo alemão põe em posição de centralidade a compulsão à repetição freudiana. Não à toa, como ainda veremos nesta pesquisa, no pensamento de Türcke as práticas de repetição, quando sistematizadas e conscientemente orientadas, servem como foco de resistência da atenção. Numa cultura que muitas vezes desdenha das formas de repetição mais tradicionais, tais ideias podem propiciar alívio, pois, em última instância, nos mostram o quão próximas de nós mesmos estão as saídas de emergência para certos males contemporâneos, em especial aqueles ligados ao espírito – ou à “saúde mental”, para usar a linguagem corrente. Deste modo, demonstrar a necessidade de reabilitarmos os rituais hoje, ainda que em seu significado profano e secularizado, é um grande mérito de Türcke. E faz isso em boa medida ressuscitando o conceito de compulsão à repetição que, na própria psicanálise, parecia estar mais ou menos escanteado.

Aliás, beber da fonte psicanalítica, principalmente na matriz freudiana, não é nenhuma novidade na Teoria Crítica da Sociedade, estratégia esta que obedece a um princípio mais geral dessa corrente intelectual: a inclinação ao trabalho interdisciplinar. Ora, em nosso contexto de fortalecimento da especialização e fragmentação do saber, a abordagem interdisciplinar poderia ganhar destaque no trato de questões como o TDAH? O que a Teoria Crítica teria a nos dizer sobre a sociedade altamente digitalizada da atualidade, especialmente no que se refere às suas consequências psíquicas e cognitivas? O diálogo e aproximação com outras áreas ainda é um imperativo?

2. TEORIA CRÍTICA E NEUROCIÊNCIA

2.1. O trabalho interdisciplinar na tradição frankfurtiana

Observar e analisar o distante passado humano, forjando assim uma genealogia da atenção, é a maneira pela qual Christoph Türcke reflete acerca desta faculdade humana tão cara ao aperfeiçoamento da espécie. Metodologicamente falando, analisar fenômenos socioculturais sob a lupa do contexto histórico de determinada realidade objetiva e subjetiva, talvez seja um dos pontos de maior aproximação do autor com a Teoria Crítica. De acordo com Marcos Nobre (2004), as duas características fundamentais desta tradição intelectual é a orientação para a emancipação e o comportamento crítico, sendo que ambas estão inseridas numa perspectiva de que a compreensão e a transformação da realidade devem emergir do próprio devir histórico. Daí a posição de Türcke de refletir sobre a questão dos déficits atencionais a partir de determinada sociabilidade, que se transforma no decurso do tempo e das ações humanas. Se assim não fosse, seriam insuperáveis as limitações que esta sociedade determinada nos apresenta.

Os pensadores da tradição frankfurtiana herdaram do marxismo o método de análise histórica e dialética da realidade, compreendendo que os fatos sociais e subjetivos são constituídos pelas contradições inerentes ao curso do desenvolvimento sócio-histórico. Corroboram com esse entendimento a posição assumida por Max Horkheimer em seu paradigmático ensaio *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*, de 1937. Como uma fonte de inspiração aos atuais adeptos da Teoria Crítica da Sociedade, o escrito de Horkheimer é categórico quanto à necessidade de se reconhecer as determinações sócio-históricas até mesmo dos dados biológicos/naturais. As tensões típicas entre polos opostos, como natureza-cultura ou indivíduo-sociedade, devem ser tratadas pela Teoria Crítica de modo confluyente e recíproco, pois, movidos pelas relações econômicas da sociedade de mercado, cada um destes polos produz e reproduz o outro no fluxo do devir histórico:

Porém, entre indivíduo e sociedade, existe uma diferença essencial. O mesmo mundo que, para o indivíduo, é algo em si existente e que tem que captar e tomar em consideração é, por outro lado, na figura que existe e se mantém, produto da práxis social geral [...]. Os homens não são apenas um resultado da história em sua indumentária e apresentação, em sua figura e modo de existir, mas também a *maneira como vêem e ouvem é inseparável do processo de vida social* tal como este se desenvolveu através dos séculos. Os fatos que os sentidos nos fornecem são pré-formados de modo duplo: pelo caráter histórico do objeto percebido e pelo caráter histórico do órgão perceptivo. *Nem um nem outro são meramente naturais, mas enformados pela atividade humana*, sendo que o indivíduo se autopercebe, no momento da percepção, como perceptivo e passivo (HORKHEIMER, 1983, p. 125, grifo nosso).

Assim, há na visão da Teoria Crítica, desde seus primórdios, a tendência de desnaturalizar os diversos fenômenos que muitas vezes podem, à primeira vista, parecer eternamente fixos e estáveis e, paralelamente, há também sempre o compromisso de compreender os mesmos fenômenos histórica e dialeticamente. Com a atenção/desatenção não é diferente. Enquanto objeto de estudo, Türcke a insere dentro de um movimento histórico real, buscando evidenciar sua formação a partir de suas próprias contradições dialéticas, e inserida dentro de determinada organização social das diferentes épocas. O que esse método de trabalho quer nos mostrar, e está claro na citação de Horkheimer, é a seguinte constatação: mesmo o aparato fisiológico-sensorial do ser humano é decisivamente afetado pelo modo de organização civilizacional que rege o mundo¹⁰. Tanto os objetos e fenômenos que percebemos, quanto a própria forma de percepção em sua organização sensorial, correspondem a determinações criadas historicamente pelos seres humanos.

É conhecido o caráter interdisciplinar que marca a Escola de Frankfurt. Intelectuais como Theodor Adorno e Max Horkheimer produziram férteis análises sociológicas e filosóficas a partir da apropriação e do diálogo com áreas tão diversas como economia política, psicologia (especialmente em sua vertente psicanalítica), música e literatura. Esta aproximação não deve ser compreendida como mero ecletismo epistemológico, antes, ela é uma interessante tentativa de superar a crescente especialização e autonomização das ciências particulares que se intensificava no início do século XX. O legado desse pioneirismo frankfurtiano é facilmente percebido atualmente, quando não raro encontramos, no Brasil, trabalhos acadêmicos influenciados por ele em cursos não só de Filosofia, mas também em áreas como Educação, Artes, Comunicação, Psicologia e Ciências Sociais, por exemplo.

Sendo assim, entendemos que é tarefa do pesquisador adepto da Teoria Crítica dar continuidade a essa tradição, levando em frente e atualizando sempre que necessário o intercâmbio da filosofia com as demais ciências. Na verdade, este é um postulado explicitamente defendido por Adorno pelo menos desde sua palestra *A atualidade da filosofia*, de 1931:

Não me parece que a filosofia deva desistir outra vez do contato com as ciências particulares ou afrouxar essa ligação que, por fim, voltou a conquistar e que se coloca entre os resultados mais afortunados da mais recente história da filosofia. Ao contrário. A filosofia só poderá conseguir plenitude material e concreção dos

¹⁰ Coaduna com esta ideia uma frase de Theodor Adorno que surge quase como um *insight* em seu texto *Teoria da Semiformação*: “A semiformação não se confina meramente ao espírito, adultera também a vida sensorial” (ADORNO, 2010, p. 25). Adorno está tratando aqui do problema da debilidade da formação cultural e educacional em tempos de vigência da indústria cultural na sociedade do capitalismo tardio, portanto, já previa que nas condições de tal sociedade nem mesmo a percepção sensorial deixava de ser afetada. Em certa medida, a frase do filósofo expressa o *leitmotiv* desta dissertação.

problemas a partir do estado contemporâneo das ciências particulares. Por sua vez a filosofia não poderia elevar-se acima das ciências particulares para tomar delas os resultados como algo pronto e meditar sobre eles a uma distância mais segura. Os problemas filosóficos se encontram continuamente, e, em certo sentido, indissolúvelmente encerrados nas questões mais definidas das ciências particulares (ADORNO, 2005, p. 36).

Para melhor compreendermos essa passagem e como ela ilumina nossas pretensões, precisamos fazer uma breve digressão. No texto supracitado, Adorno considera que fracassaram em seus objetivos os projetos filosóficos oriundos do Idealismo alemão, como as fenomenologias de Husserl e de Heidegger. De forma semelhante, também fracassou o neopositivismo do Círculo de Viena, movimento filosófico e científico bastante influente na primeira metade do século XX. Apesar de diametralmente opostos, idealismo e neopositivismo contêm elementos importantes que devem ser preservados e conciliados numa eventual renovação da filosofia para o mundo contemporâneo: grosso modo, nas filosofias idealistas temos a preocupação com a totalidade do real, o fundamento último da realidade e a crença de que a razão é capaz de abstrair dessa totalidade a verdade do Ser. Já no neopositivismo do Círculo de Viena há o esforço de reduzir a verdade a proposições empíricas, verificáveis e testáveis, e, neste sentido, há uma rejeição muito grande a todo e qualquer resquício de metafísica. Dessa maneira, o conhecimento, sob o prisma do neopositivismo do Círculo de Viena, tende a ser compartimentalizado, fechado em campos de investigação que reduzem ao máximo os objetos de estudo, justamente por entender que desse modo simplificaria a verificação das proposições.

Posto isso, ao que parece, Adorno somente concebe atualidade na filosofia se ela for capaz de conjugar dialeticamente os dados da ciência especializada com a não renúncia pelo todo que caracteriza a história do pensamento filosófico idealista – desde que esse “todo” seja demarcado historicamente, e não seja entendido como uma totalidade atemporal. Assim, surge em Adorno a ideia de que a filosofia seria essencialmente interpretação, ou seja, a tarefa do filósofo consistiria em interpretar os problemas da realidade concreta a partir do conteúdo fragmentário e desordenado das ciências, de maneira a promover aí um ordenamento, ou aquilo que o filósofo também chama de constelação:

A autêntica interpretação filosófica não aceita um sentido que já se encontra pronto e permanente por detrás da questão, e sim a ilumina repentina e instantaneamente e, ao mesmo tempo, a consome. E assim como as soluções dos enigmas se formam quando os elementos singulares e dispersos da questão são colocados em diferentes ordenações, até que se juntam em uma figura, da qual se salta para fora a solução, enquanto a questão desaparece, da mesma maneira a filosofia tem de dispor seus elementos, que recebe das ciências, em constelações mutáveis, ou, para usar uma expressão menos astrológica e cientificamente mais atual, em diferentes tentativas de ordenação, até que ela se encaixe em uma figura legível como resposta, enquanto,

simultaneamente, a questão se desvanece. Não é tarefa da filosofia investigar intenções ocultas e preexistentes da realidade, mas interpretar uma realidade carente de intenções, mediante a capacidade de construção de figuras, de imagens a partir dos elementos isolados da realidade [...] (ADORNO, 2005, p. 37).

Lembremos: essa é uma palestra convertida em texto que foi proferida na terceira década do século passado. Sobretudo as ciências empíricas avançaram de forma estrondosa de lá para cá. Agora temos as neurociências constituindo, talvez, o campo de pesquisa mais promissor, e cujo discurso tem ampla aderência nos diversos setores da sociedade. Caracterização e a cura de patologias, aprimoramento cognitivo e comportamental, esclarecimento das relações mente-corpo, redefinição do que é o ser humano: eis algumas das maiores questões que as neurociências levantam desde os anos 1990 (não à toa designada por autoridades estadunidenses como a “década do cérebro”).

O estudo detalhado do sistema nervoso, tornado possível por meio de aprimoradas tecnologias, tem produzido efeitos inclusive na teoria pedagógica, fornecendo contribuições tanto para o ensino quanto para o aprendizado, de tal sorte que já se fala até em “neuroeducação”. Obviamente, seguindo os preceitos de Horkheimer e Adorno, acima expostos, uma novidade como essa não poderia passar incólume pela reflexão filosófica. Se os frankfurtianos da primeira geração se apoderaram das descobertas da psicanálise para ampliar o alcance de sua teoria social, por que a Teoria Crítica atual não poderia trazer para si as descobertas da neurociência com o mesmo objetivo? E, mais especificamente, entendendo os mecanismos de funcionamento do cérebro humano a Teoria Crítica não poderia jogar uma nova luz ao problema da atenção e sua evidente degradação no mundo atual? Os dados da neurociência não seriam parte daquela realidade “carente de intenções” (ADORNO, 2005, p. 37), e que por isso mesmo deve ser interpretada de forma que possamos ordenar as partes dentro de um todo maior?

2.2. Christoph Türcke: entre teoria social e neurociência

Promover o movimento de incorporação da neurociência na Teoria Crítica não chega a ser algo inteiramente novo. De maneira ainda rudimentar, é provável que seus primeiros registros estejam documentados no capítulo “Fisioteologia da sensação”, o terceiro de *Sociedade Excitada*. Dentre outras coisas, nesta seção do livro Türcke se esforça em demonstrar a dependência do sagrado em relação ao fisiológico, corporal, ou, para ser mais preciso, poderíamos também falar de uma gênese neurofisiológica do sacro. Como assim? Vejamos.

No referido capítulo, a estratégia de mobilizar os conhecimentos da neurofisiologia insere-se num contexto específico em que o autor questiona alguns pressupostos da teoria freudiana das pulsões, e tal questionamento, por sua vez, está ligado ao objetivo mais amplo de desenvolver uma pré-história da sensação, que a reboque acaba por também ser uma pré-história da atenção. Para o autor, a compulsão à repetição não teve na psicanálise freudiana o lugar de destaque que merecia, tendo ela sido colocada em segundo plano devido a introdução da noção de pulsão de morte.

É bom lembrar que tal noção é desenvolvida de maneira sistematizada em *Além do princípio de prazer*, texto de 1920 em que Sigmund Freud propõe um novo dualismo pulsional, diante o qual a vida psíquica seria atravessada pela oposição entre pulsão de morte e pulsão de vida. “Novo dualismo” porque ele substitui o anterior que vigorava desde a *Intepretação dos sonhos* (1900), que se baseava no entendimento de que nosso psiquismo funcionaria a partir da busca pelo equilíbrio entre prazer e desprazer. Grosso modo, recorrendo principalmente aos conhecimentos das ciências biológicas da época, mas também sob influência de variadas fontes filosóficas e psicanalíticas (o texto é relativamente curto, e nele há referências que vão de Platão até Goethe e Schopenhauer), a especulação que Freud (2020) empreende se desenvolve no sentido de afirmar que a meta de todo organismo vivo é a morte, ou seja: aquilo que é orgânico quer retornar ao seu estado anterior de matéria inorgânica. De acordo com o psicanalista vienense, hipoteticamente, as formas mais elementares de vida aos poucos foram se complexificando graças às mediações do ambiente externo, e com isso, começaram a prolongar seu tempo de vida sob a Terra, de tal sorte que o objetivo final de restabelecer o estado inanimado se postergava. O resumo dessa ideia pode ser extraído daqui:

Durante um longo tempo a substância viva deve então ter sido recriada sem cessar e ter morrido facilmente, até que influências externas decisivas se alteraram de tal maneira que obrigaram a substância ainda sobrevivente a desvios cada vez maiores no seu curso de vida original e a rodeios cada vez mais complicados para alcançar a meta da morte. Esses rodeios para a morte fielmente mantidos pelas pulsões conservadoras seriam os que hoje nos oferecem o quadro das manifestações da vida (FREUD, 2020, p. 137).

Para Freud, essa é uma constatação que poderia ser verificada tanto nas formas mais simples de vida quanto nas mais complexas, como nós, seres humanos. As pulsões de vida, representadas pelos nossos mecanismos de defesa e conservação – e que geram prazer evitando o desprazer externo –, seriam apenas desvios temporários para a meta final, que é a morte. Nesse sentido, este grupo pulsional é denominado por Freud de “pulsões parciais”, pois elas estão “destinadas a assegurar ao organismo seu próprio caminho para a morte e a

manter afastadas quaisquer outras possibilidades de retorno ao inorgânico que não sejam imanentes” (2020, p. 139). Com efeito, a compulsão à repetição entra nesse processo como impulso que quer repetir estados anteriores, no caso, a volta ao inorgânico, e, portanto, a constatação da existência de uma compulsão à repetição leva Freud a supor a pulsão de morte¹¹.

O problema é que a pulsão de morte, na visão de Türcke (2010), serve para naturalizar a compulsão à repetição, pois Freud não teria percebido a relação dela com os cultos sacrificiais que subjazem às comunidades arcaicas, relegando-a a um mero impulso regressivo e pré-cultural, isto é, inerente à natureza, e a partir do qual o organismo buscaria restaurar seu estado inorgânico (a morte). Acontece que ignorar a dimensão sagrada/teológica da compulsão à repetição tornaria incompreensível o processo de hominização, visto que as funções superiores como percepção, atenção, pensamento e imaginação – as quais possibilitaram os hominídeos evoluírem para seres humanos – seriam assim pressupostas como suficientes em si mesmas, surgidas pelo simples acaso, por capricho da natureza, ou por bondade divina. Convenhamos, isso seria incompatível com qualquer Teoria Crítica da Sociedade digna deste nome. Desse modo, a argumentação de Türcke procura afirmar que as atividades mentais/cognitivas, como a atenção, têm sim sua base material em processos fisiológicos do sistema nervoso, mas, paralelamente, são objetivadas na repetição exaustiva de rituais coletivos, e assim, obedecem a uma necessidade de sobrevivência muito concreta, dotada de história e resquícios de sacralidade.

O raciocínio do filósofo vai na direção de interpretar dialeticamente a compulsão à repetição, de modo que, por um lado, ela é mera reação fisiológica ao pavor originário das

¹¹ A hipótese da pulsão de morte pode ser compreendida como consequência última da compulsão à repetição, no entanto, tal compulsão se explicitaria em outras esferas de nossa vida pessoal. Em *Além do princípio de prazer*, Freud faz menção a pelo menos mais duas situações em que esta compulsão se manifesta: a primeira situação estaria localizada nos pacientes de neurose traumática, patologia que surge “após graves abalos mecânicos, colisões ferroviárias e outros acidentes relacionados ao risco de morte” (FREUD, 2020, p. 69-71). Estas pessoas repetem em seus sonhos traumas vivenciados em vigília. Isso ocorre porque a “vida onírica da neurose traumática apresenta a característica de repetidamente reconduzir o doente de volta à situação de seu acidente, da qual ele desperta com um novo susto” (FREUD, 2020, p. 73). O segundo exemplo de manifestação da compulsão à repetição seria a brincadeira de “sumir e retornar”, chamada no texto de *fort-da*, na qual a criança pequena joga um carretel de linha pelos cantos da casa e depois ela própria encontra-o, repetindo isso inúmeras vezes. Na interpretação freudiana, esta brincadeira seria a repetição, por outros meios, da situação vivida pela criança quando a mãe sai de casa e deixa-a sob o cuidado de outros. Assim, a criança começa a contornar a dor inicial (ausência da mãe) e a renunciar às suas satisfações pulsionais. Segundo Freud, “Ela estava se compensando, por assim dizer, quando ela própria colocava em cena o mesmo desaparecimento e retorno utilizando os objetos ao seu alcance” (2020, p. 79). Desse modo, o desprazer causado pela ausência da mãe é assimilado através da brincadeira, que faz a criança reelaborar aquela dor por meio de uma “dor” de outra espécie (o sumiço do objeto), criada por ela mesma, e que torna possível suportar a dor inicial.

forças da natureza¹², e de outro, germe de tudo o que pode ser classificado como cultura. Enquanto reação neurofisiológica ela age como sistema de legítima defesa, pois auxilia no estabelecimento de redes neuronais que adaptam o sistema nervoso no sentido de fazê-lo suportar o pavor dos choques violentos promovidos pelo ambiente. Já enquanto germe da cultura, a compulsão à repetição é a reação fisiológica externada em ritos culturais de sacrifício que manifestam e imitam o pavor originário, os quais, milenarmente repetidos, constituem as bases das antigas civilizações. Exatamente aqui talvez resida uma das maiores inovações de Türcke: o polo denominado “cultura” tem em sua base mais profunda o polo contrário da “fisiologia”. Em outras palavras: há um laço estreito entre cultura e sagrado, e ambos habitam e atuam no plano da liberdade de criação humana; mas, ao mesmo tempo, a cultura é tão somente a consequência de um certo determinismo das pulsões, no caso, a compulsão à repetição, que age neurofisiologicamente e sem nenhuma intenção que não seja a simples preservação do orgânico. Entretanto, justamente esse mero “agir” concede, paulatinamente, as condições necessárias para o desenvolvimento cultural. É esse agir neurofisiologicamente o componente neurocientífico que irá atravessar a Teoria Crítica de Christoph Türcke. Logo, torna-se imperioso compreender os mecanismos neurofisiológicos mobilizados pelo pensador alemão, assim como sua conexão com os fenômenos externos em que eles se expressam. Neste sentido, é válida a explicação do professor Oswaldo Giacóia Junior. Segundo ele:

A criação de canais nervosos de escoamento, pela via dos neurotransmissores (sinapses), constrói as vias de escoamento, o que se realiza pela repetição do circuito percorrido pela quantidade de excitação, desde sua fonte psicossomática até o terminal de escoamento e descarga motora [...]. A inflexão decisiva dada por Christoph Türcke consiste em associar o conceito freudiano de compulsão à repetição ao processo de fixação desses canais de escoamento da experiência (dolorosa) traumática do susto. Por meio da compulsão à repetição, a vivência coletiva do susto é mobilizada para o exorcismo do trauma. Este passa a ser dominado por meio do expediente da repetição do trauma, de tal modo que, passando sempre pela mesma experiência, as vias de escoamento ficam demarcadas de tal maneira que o costume gerado produz um “calcinamento” das cadeias neuronais, em cujo percurso a energia acumulada é então escoada pelo aparelho nervoso (GIACÓIA JUNIOR, 2012, p. 16).

¹² Talvez pareça um tanto abstrato falar aqui de “forças da natureza” geradoras de pavor, medo ou susto intenso, mas se isso ocorre certamente é porque nós nascemos e vivemos num contexto civilizacional que já apaziguou quase por completo as manifestações de tais forças, principalmente através da ciência e da técnica. Türcke (2010) insinua isso algumas vezes, e ele próprio dá exemplos de quais fatos seriam este desencadeador do pavor traumático: tempestades, ataques de animais ferozes, erupções vulcânicas etc. Se até hoje muitos de nós por vezes nos assustamos com os fortes relâmpagos e sons estrondosos de trovões, imaginemos então como os primitivos deviam ter sido atormentados por eles. E o que dizer da lava ardente sendo expelida a quilômetros de distância ou os tornados e enchentes que certamente devastavam clãs e comunidades inteiras? Ora, com certeza os nervos dos homens primitivos eram abalados com uma violência quase inimaginável para nós, de tal sorte que só poderiam mesmo ter interpretado acontecimentos desse tipo como algo extraordinário, espantoso e incomensurável.

Esse processo de “escoamento” e “descarga” da excitação é a neutralização do pavor a partir de sua familiarização, promovida justamente pela repetição ritualística de um pavor secundário autoimposto via cultos sacrificiais. O susto/choque causado no organismo, e que é interpretado como sagrado, deve ser debelado, absorvido, familiarizado. Em termos neurológicos, para sobreviver, o organismo precisava canalizar o excesso de excitação gerada pelo trauma violento, e, nos tempos mais remotos, o único meio disponível para os homínídeos realizarem isso era a repetição de ações, materializadas internamente por meios específicos do *Homo Sapiens*:

Esses meios são os da ligação neuronal. O cérebro humano se constitui de estimadamente meio bilhão a um bilhão de neurônios. As possibilidades de ligações entre eles em pontos de contato condutores de excitação, as chamadas sinapses, não são, em virtude de sua diversidade, de maneira nenhuma aleatórias; são, porém, em virtude de sua imensa quantidade, quase inesgotáveis, inclusive no sentido de que o sistema nervoso por si mesmo não tende absolutamente a experimentá-las todas. Tendo-se, porém, aberto o caminho para certas ligações – e ‘abrir caminho’ é uma metáfora freudiana recorrente para aqueles traços de excitação que atravessam o sistema nervoso e constituem o fato ‘psique’ –, uma vez que os neurônios se mostram bem-sucedidos processadores de excitação, é muito mais cômodo conservá-los e paulatinamente automatizá-los (TÜRCKE, 2010, p. 128).

Assim, a configuração neurofisiológica do ser humano lhe permite fomentar uma infinidade de adaptações, hábitos e costumes que estão potencialmente disponíveis na relação homem-mundo. Canalizar a excitação é pré-condição da cultura, ou, dito em linguagem lógico-formal: apesar de não ser condição suficiente, o serviço prestado pelo sistema nervoso humano ao debelar o excesso de excitação sensorial, é condição necessária para o surgimento da cultura. Quer dizer, a cultura tem necessariamente uma sustentação neurológica, haja vista que, em última análise, o potencial dela reside na enorme capacidade do cérebro humano criar e recriar redes de ligações neuronais que auxiliam o organismo a se preservar frente ao ambiente ameaçador.

Cabe ressaltar ainda que a subversão da psicanálise freudiana, materializada pela sua singular leitura mágico-sagrada da noção de compulsão à repetição, faz com que Türcke conseguisse ampliar o potencial do alcance cultural do conceito, mas sem menosprezar sua ancoragem neurocientífica:

Reproduzir o pavoroso para justamente com isso torná-lo suportável, conhecido e mesmo familiar, foi a legítima defesa fisiológica de feixes de nervos que de outro modo não saberiam onde correr para debelar o excesso repentino de excitação do choque traumático e construir trilhos nervosos para sua descarga. Em suma, a base neurológica da compulsão à repetição é o anseio pela debelação de tensões: por proporções equilibradas de excitação (TÜRCKE, 2010, p. 202).

A neutralização da excitação provocada por estímulos externos ocorre na medida em que aquelas redes são firmadas, bem estabilizadas, enfim, fixadas no organismo como parte de seu funcionamento essencial. Ora, para isso ocorrer é imprescindível a repetição. A descarga de excitação que determinadas ações (os rituais sacrificiais) promovem não é suficiente que aconteça uma única vez, ao contrário, tem de ser repetida numa constante que permita fixar as redes neurológicas de escoamento. Desse modo, o susto provocado pelo pavor traumático, que é altamente excitante, age, no final das contas, como “elemento formador do aparato sensorial humano” (GIACÓIA JUNIOR, 2012, p. 16). Isso porque a compulsão à repetição, colocada em ação a fim de debelar a tensão, treinou e moldou os órgãos e a percepção de toda nossa espécie. Memória e atenção, por exemplo, são frutos tardios da necessidade humana de repetir, assim como a própria maneira de sentir e receber estímulos também o são. O que foi para nossos antepassados mais longínquos uma estratégia grosseira de suportar sofrimento e dor, é para nós, homens modernos, a gênese das faculdades cognitivas mais nobres:

Se a sensação primeva dos seres humanos é o pavor, um “eis” categórico, absoluto, isso então significa que, quando a percepção começou a se tornar especificamente humana, ela se inflamou ao extremo, ao primordialmente excitante. Ela se tornou *sensatio* através do sensacional *par excellence*. Apenas por meio do artifício singular de torná-lo familiar pela repetição, de temperar sua torrente de excitação é que foi exercitado, treinado, preparado aquilo que hoje se evidencia como sensorio humano e que parece transmitir-se de geração para geração como um conjunto de certas formas de percepção e presentificação mais ou menos firmemente ligadas. Em outras palavras: o sensorio humano, que nos parece um dote constante do *Homo sapiens*, é o resultado de uma longa desescalada da sensação [...] (TÜRCKE, 2010, p. 170).

Ou seja, a assimilação sistemática de estímulos sensoriais extraordinários converteu aquela sensação extrema, absoluta, em sensação cotidiana e suportável, a qual serviu de base para formação estrutural do que é hoje o sistema perceptivo humano. E mais do que isso: esse redimensionamento das sensações gerou o sagrado, de modo que houve, nos primórdios da humanidade, uma clara “indiferenciação entre fisiologia e teologia” (TÜRCKE, 2010, p. 142). Esse fato aparece para nós, filhos da avançada ciência e tecnologia, demasiadamente obscuro e absurdo, mas isso acontece justamente porque com o passar dos milênios o ser humano foi capaz de substituir os modelos de absorção da excitação sensorial. Se de início era a oferta sacrificial de vida humana que apaziguava as forças extraordinárias que atormentavam coletividades arcaicas, na modernidade isso não faz mais sentido algum, pois nossos antepassados há muito superaram as sensações espantosas e terríveis, de modo a substituí-las,

racionalizando-as, explicando-as. Filosofias, ciências e artes são frutos tardios deste longo e árduo processo.

Enfim, o pensamento de Christoph Türcke tem se mostrado como uma rica fonte de interpretação de antigos e novos problemas da sociedade, inclusive no âmbito educacional. Ao mobilizar parte do conhecimento neurocientífico então disponível na época da publicação original de *Sociedade Excitada* – isto é, no ano de 2002 –, o filósofo amplia e ajuda fundamentar, a partir de elementos empíricos-biológicos, uma teoria social que mergulha no âmago de nossa civilização, pois além de considerar os processos socioculturais/políticos/econômicos que abalam o mundo contemporâneo, leva em conta também o modo como tais processos atingem fisiologicamente o aspecto mais particular dos indivíduos, a saber, suas qualidades mentais/cognitivas. Ademais, poderíamos nos perguntar: o fisiológico determina o social, ou o social determina o fisiológico? Primeiro vem a natureza, depois a cultura, ou a cultura (re)modela nossa natureza? A ontogênese é, apenas em escala menor, o reflexo da filogênese, ou esta configura-se paralelamente àquela? Como bom dialético que é, Türcke faz estas categorias se entrelaçarem, não havendo em seu pensamento a sobreposição unilateral de um aspecto sobre o outro, mas sim uma correlação, um processo vivo e dinâmico de interdependência. A agudeza e vivacidade da Teoria Crítica formulada pelo pensador alemão talvez resida precisamente nessa interlocução frequente que ele consegue operar entre polos aparentemente antinômicos: individual-geral, natureza-cultura, fisiologia-teologia.

2.3. Indústria cultural na era digital e a luta pela atenção

Pensar a neurociência como área interseccionada com a Teoria Crítica da Sociedade é uma perspectiva de investigação assentada, primeiramente, no pressuposto de que existe a necessidade de atualização de alguns conceitos fundamentais daquela tradição filosófica, entre eles o de indústria cultural. Apesar dessa atualização não ser nosso intento nesta dissertação, vale fazermos algumas breves considerações para melhor contextualizarmos como tal tarefa se relaciona com a possível renovação neurocientífica da Teoria Crítica.

Assim como Adorno e Horkheimer foram intelectuais que apontaram o rádio, a televisão e o cinema como a materialização técnica e histórica da indústria cultural, urge à Teoria Crítica atual refletir sobre os novos meios técnicos que reproduzem a lógica deste conceito no contexto atual. Aliás, esse empreendimento teórico casa com a compreensão de

Bruna Della Torre, que defende a ideia de que a o conceito de indústria cultural é uma agenda de pesquisa em aberta (TORRE, 2021).

Na área da educação, como atestam os professores Antônio Zuin e Luiz Gomes (2017), a indústria cultural deve ser pensada de acordo com as determinações daquilo que passa a ser chamado de “cultura digital”. Em outras palavras, o termo cultura digital, tão ouvido no meio pedagógico e mesmo em meios extra-acadêmicos, é a objetivação da indústria cultural no mundo marcado pela revolução microeletrônica, e é nessa perspectiva que os dois professores brasileiros afirmam: “Atualmente, conceitos-chave elaborados pelos pensadores frankfurtianos, tais como indústria cultural, formação e semiformação estão sendo reavaliados em função do modo como as mediações da cultura digital os reconfiguram” (ZUIN; GOMES, 2017, p. 102).

Hoje temos a internet, milhares de jogos eletrônicos, plataformas de *streaming* e dezenas de redes sociais, além, é claro, dos *smartphones*, instrumento que é capaz de condensar toda representação da indústria cultural num único objeto. Todo esse aparato está disposto numa rede complexa de grupos, corporações, instituições, valores e crenças que compõem a organização socioeconômica do capitalismo contemporâneo, de modo que ao refinar sua atuação na cultura hodierna por meio da modernização incessante, estas tecnologias ganharam em agilidade, intensidade e capilaridade social quando comparadas às antigas mídias. Estas mudanças trazem impactos severos em praticamente todas as esferas da vida pública e privada dos sujeitos, na medida em que alteram veloz e bruscamente a maneira como eles se comunicam, descansam, fazem compras, se informam, se relacionam, estudam e se divertem. É certo que transformações desse tipo não deixariam impune o sensorio humano.

Tendo por base o que foi discutido até o momento, fica cada vez mais evidente que o excesso de estímulos audiovisuais age agressivamente não só contra o pensamento autônomo, mas inclusive contra sua própria infraestrutura biológica e físico-química. Isso obviamente é muito grave, pois então a indústria cultural para além de danificar as subjetividades e a formação cultural, também danifica a base neurofisiológica delas, alicerces de toda cultura. Demonstrar isso empiricamente poderia dar mais força e contundência à Teoria Crítica. E é justamente este papel de demonstração material que aqui pretendemos conferir às neurociências. Neste sentido, estamos em convergência com aquele princípio adornoiano, mencionado anteriormente, sobre a filosofia ter uma orientação baseada no “estado contemporâneo das ciências particulares” (ADORNO, 2005, p. 36). Desse modo, ao sugerir que a Teoria Crítica pode ser conduzida dialogando com os estudos sobre o funcionamento do cérebro humano, acreditamos estar defendendo uma ideia plenamente confluyente com a

perspectiva frankfurtiana. Pois, conforme se verifica em estudos recentes: “[...] pesquisas desenvolvidas pela Teoria Crítica são potencializadas por estudos teóricos e empíricos, que ampliam o escopo da compreensão crítica das mediações que compõem os fenômenos culturais da vida social contemporânea” (ZUIN; GOMES, 2017, p. 99).

Pois bem, e se essa cultura digital passa a integrar as mais diversas esferas da sociabilidade humana ao ponto de se impor como a catalizadora máxima de nossa faculdade atenta, quais então seriam os riscos de aprofundamento da pseudoformação? Uma sociedade onde o regime atencional é marcado pela distração concentrada dos choques imagéticos (TÜRCKE, 2016), cujos disparos são feitos pela onipresente maquinaria audiovisual, além de retroceder culturalmente, poderá tal sociedade retroceder também (neuro)biologicamente? De certo modo, estas são perguntas que a algum tempo preocupam os teóricos críticos, especialmente a partir da publicação do livro *Hiperativos! Abaixo a cultura do déficit de atenção*. No Brasil, um dos intelectuais de destaque que ajuda a esclarecer este problema é, novamente, o professor Antônio Zuin. Inspirados nas ideias e categorias de Christoph Türcke, ele e Vânia Zuin, no artigo *A indústria cultural na era da tela onipresente* (2019) comentam, dentre outras coisas, sobre a dependência, inclusive fisiológica (ou seja, vício), que as telas tendem a engendrar nas pessoas:

Diante da universalização dos choques imagéticos em praticamente todas as relações sociais, ele [Türcke] enfatizou o modo como o consumo de tais choques ocorria em meio à produção de incomensuráveis distrações. Ou seja, o choque imagético capturava a atenção para logo em seguida triturava-a por meio de incontáveis distrações que aconteciam todas as vezes que um novo choque venciam a luta titânica de se destacar de alguma maneira em relação a outro choque. A agressividade de tais choques seduzia o espectador, a ponto de se engendrar uma espécie de vício audiovisual, como se fosse uma injeção que o organismo precisasse consumir diariamente [...]. Diante do atual bombardeamento dos estímulos audiovisuais, os quais são consumidos continuamente principalmente pelo uso dos aparelhos celulares, a dispersão da concentração não se torna uma espécie de consequência, mas sim se transforma numa parte “essencial” da concentração, pois se trata de uma essência mediada historicamente pelo vício de tais estímulos (ZUIN; ZUIN, 2019, p. 97).

Concentrar a atenção de tal forma a torná-la uma atenção dispersa, a qual salta de um estímulo a outro, procurando prender-se, nem que seja por instantes, àquele que seja mais radiante, chamativo e espetacular: esta é uma característica da indústria cultural que em princípio estava contida ou ao menos podia ser intuída desde 1944, quando Adorno e Horkheimer cunharam o termo. Todavia, na era da digitalização da vida, tal característica é quantitativa e qualitativamente alterada. Quantitativamente porque agora temos um maior arsenal midiático enraizado e diluído na integralidade dos espaços e tempos que regem nossa

vida. Da hora em que acordamos ao momento em que dormimos, temos à nossa disposição um sem-número de distrações, que englobam desde aplicativos de conversa, até séries inteiras para “maratonar”, passando ainda, por exemplo, por vídeos rápidos do *Kwai* ou *TikTok*. Em termos qualitativos, a indústria cultural digital é ainda mais prejudicial para nosso regime atencional, pois sua roupagem microeletrônica permite impregnar de forma mais veemente, subjetiva e objetivamente, as ideologias da sociedade de mercado. Conseqüentemente – e este é um dos alertas de TÜRCKE desde a publicação de *Sociedade Excitada* (2010) –, estamos gerando uma nova ontologia, baseada na percepção daquilo que é sensacional, de tal sorte que a existência passa a ser ancorada na capacidade estética de fazer-se notar, ser percebido, chamar a atenção. Dito em termos mercadológicos: ser percebido, existir socialmente, depende da propaganda que cada um faz de si mesmo:

Quando o comercial se transforma na ação comunicativa por excelência, ele passa a ser equivalente à presença social. Quem não faz propaganda não comunica; é como uma emissora que não emite: praticamente, não está *aí*. Fazer propaganda de si próprio torna-se um imperativo de autoconservação [...]. Mesmo em todas as formas de interação humana vale o seguinte: quem não chama a atenção constantemente para si, quem não causa uma sensação corre o risco de não ser percebido (TÜRCKE, 2010, p. 37)

Daí a situação generaliza em que a luta pela atenção (TÜRCKE, 2010) entre indivíduos, corporações e todo tipo de instituições, faz esta faculdade cognitiva se tornar deficitária, pois se todos estão o tempo todo tentando conquistar a atenção uns dos outros, os estímulos necessários para isso paulatinamente se tornam mais espetaculares e violentos e, ao mesmo tempo, mais fugazes e descartáveis. Em outras palavras, na era da tecnologia digital, a atenção humana se torna refém da pressão concorrencial e da força de coação dos estímulos audiovisuais – haja vista ser somente assim que eles têm chances de nos excitar fisiologicamente.

Em suma, as transformações quantitativa e qualitativa da indústria cultural parecem estar em estreita relação com a revolução digital. Tais transformações possibilitam e exigem problematizações novas por parte da Teoria Crítica da Sociedade. Neste sentido, a obra de TÜRCKE constitui um abundante material para oxigenar as ideias e as pesquisas que tenham como norte este referencial teórico-metodológico. No entanto, para efetivar os propósitos do presente trabalho, basta por enquanto destacar as reconfigurações pelas quais passa a atenção enquanto competência humana historicamente adquirida. O arcabouço puramente filosófico não parece ser suficiente para demonstrar que a regressão da atenção é um dado objetivo da realidade, assim como ele é insuficiente também no esclarecimento dos mecanismos internos de funcionamento da atenção. Por essa razão, se queremos compreender de forma satisfatória

as consequências da desatenção enquanto regime sociocultural, devemos aliar à filosofia as neurociências. Assim, a compreensão do par atenção-desatenção, especialmente em suas repercussões pedagógicas e formativas, exige que ele seja colocado na agenda de pesquisa de uma Teoria Crítica embasada a partir de elementos neurocientíficos.

2.4. As contribuições da Neurociência

Compreender cientificamente o fenômeno atencional, sua estrutura, funcionamento e subdivisões, assim como suas relações com outras funções executivas do sistema nervoso, são tarefas que têm sido alvo de empenho da neurociência cognitiva. Neste campo científico o ponto de partida é o consenso dos especialistas de que o cérebro possui uma anatomia específica e complexa, e nela seria possível encontrar correspondências biológicas entre determinados comportamentos e determinadas partes do sistema nervoso. Em última instância, essa perspectiva é particularmente interessante quando consideramos que: dizer que existem correlatos neurobiológicos para comportamentos é o equivalente a dizer que há elementos materiais, localizáveis e mais ou menos manipuláveis da nossa cognição, estados mentais, emoções e comportamentos.

Por isso, a neurociência, enquanto ciência do cérebro, pode, conforme se desenvolve, mostrar-se capaz de prover soluções medicinais e/ou psicoterápicas para distúrbios psiquiátricos que tanto atormentam nossas sociedades atuais, pois ao encontrarmos o núcleo material daquilo que é predominantemente mental, entenderíamos muito melhor a natureza de tais transtornos (como o TDAH), e, conseqüentemente, conseguiríamos criar práticas de intervenção mais apropriadas. Sobretudo com as técnicas de neuroimagem disponíveis e constantemente aperfeiçoadas, mas também a partir de testes psicológicos controlados, os pesquisadores têm conseguido avançar em tal empreendimento. Especificamente no caso do fenômeno atencional, vários estudos têm sido produzidos pelas neurociências nas últimas décadas, de maneira que se tornou possível inclusive falar de uma incipiente “ciência da atenção” (TONNETTI, 2008).

Evidentemente, um dos motivos para este interesse em pesquisar empiricamente a atenção tem a ver com o TDAH. O fato de o transtorno prejudicar uma capacidade humana tão elementar e intuitivamente conhecida por todos, faz com que os estudiosos dele, e de áreas correlatas, se vejam instados a ultrapassar o senso comum na busca por definições conceituais da atenção. É como se admitissem que para melhor compreender o problema, primeiro seria necessário esclarecer seus significados. E esse trabalho não é tão simples, pois, na esteira do

que afirma Uehara *et al.* (2016, p. 26), nem mesmo a definição exata do que são as “funções executivas” do sistema nervoso é consenso entre os cientistas. No entanto, apesar desta falta de exatidão conceitual, todos parecem concordar que tais funções são importantíssimas, dado que são responsáveis pela capacidade de regulação cognitiva dos indivíduos, de tal forma que possibilitam aos indivíduos o estabelecimento de metas e objetivos, além de servir ao controle de comportamentos e emoções. Assim, podemos dizer que provavelmente existe uma correlação fina e direta, embora imprecisa, entre o equilíbrio cognitivo-comportamental dos sujeitos e sua faculdade atenta. É neste sentido que as autoras definem as funções executivas como:

[...] conjunto de habilidades e capacidades que nos permitem executar as ações necessárias para atingir um objetivo. Dessa forma, as FEs [funções executivas] consistem em um mecanismo de controle cognitivo que direciona e coordena o comportamento humano de maneira adaptativa, permitindo mudanças rápidas e flexíveis ante as novas exigências do ambiente. Elas englobam uma série de competências inter-relacionadas e de alto nível de processamento cognitivo, cujo impacto se reflete no funcionamento afetivo-emocional, motivacional, comportamental e social. Diversos autores se referem às FEs como um conceito guarda-chuva que engloba diversas funções. Entre elas, pode-se citar o controle atencional e inibitório, a memória de trabalho, a flexibilidade cognitiva, a identificação de metas, a iniciação de tarefas, o planejamento e a execução de comportamentos, e o monitoramento do próprio desempenho (autorregulação) até que o objetivo seja alcançado [...]. Portanto, as FEs são essenciais para garantir o bom desempenho na escola, no trabalho e em diversos aspectos da vida cotidiana (UEHARA *et al.*, 2016, p. 26).

Posto isso, fica claro que no entendimento das autoras supracitadas, a atenção seria parte fundamental destas funções, e não mera decorrência delas.

Ainda nesse texto das pesquisadoras, há uma discussão acerca dos principais modelos teóricos elaborados por neurocientistas, nos quais se tenta explicar o que são as funções executivas, e é interessante notar que todos eles têm conexões com aquilo que convencionamos chamar de atenção. Mesmo que seja em seu significado mais popular e coloquial, em maior ou menor medida, explícita ou implicitamente, a capacidade de atentar-se plenamente a algo atravessa todos os modelos teóricos propostos, de tal modo que ela figura como condição elementar para a realização de quaisquer tarefas, das mais simples às mais complexas, das mais abstratas às mais concretas. Aliás, um desses modelos explicativos das funções executivas é inteiramente centrado nos processos atencionais¹³. Destarte, em maior ou menor grau, tais constatações revelam que também a neurociência reconhece a participação da

¹³ De acordo com Uehara *et al.* (2016, p. 28), o nome desta proposta de modelo teórico é Sistema Atencional Supervisor (SAS). Relacionado aos lobos frontais do cérebro, para as pesquisadoras, a conceituação do SAS “refere-se à coordenação e à regulação de ações complexas, atuando como elemento organizador do comportamento para que as metas possam ser alcançadas de maneira adequada, o que, muitas vezes, é considerado como o papel principal da FEs” (UEHARA *et al.*, 2016, p. 26).

atenção na formação e no processamento de estados mentais, nas habilidades e capacidades humanas mais elevadas – ainda que permaneça sendo um conceito cercado por imprecisões e obscuridades.

Mas há graduais avanços. A pesquisa experimental, somada às técnicas de imagem e mapeamento cerebral, permitiram à neurociência cognitiva alcançar significativos conhecimentos concernentes ao modo como o sistema nervoso se relaciona com a atenção, de maneira que algumas constatações podem ser inferidas. Flávio Américo Tonnetti (2008), em sua dissertação de mestrado, interessou-se, principalmente, em verificar a legitimidade de haver um campo próprio na ciência para os estudos da atenção, e assim chega a admitir que a neurociência cognitiva não deve se preocupar tanto com a conceituação da atenção, e sim com os mecanismos de funcionamento dela, ou seja, “na neurociência talvez não nos importe saber *o que* as coisas são, mas apenas observar *como* elas aparecem – e como se comportam” (TONNETTI, 2008. p. 106, grifos do autor). Para o pesquisador, a ciência da atenção ainda não teria um paradigma teórico totalmente preciso e indubitável, mas teria, isso sim, um paradigma experimental bem estabelecido (pautado especialmente em testes psicofísicos e técnicas de neuroimagem), o qual nos ajuda a compreendê-la em termos operacionais e/ou performáticos.

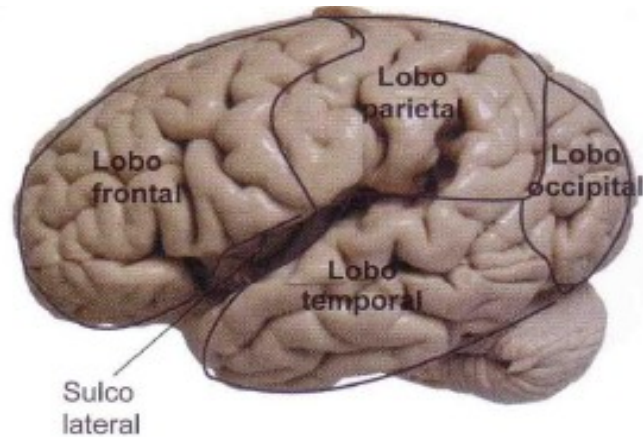
Tendo em vista os interesses e especificidades da presente dissertação, registraremos aqui dois dos principais achados captados da literatura especializada, os quais analisaremos e referenciaremos no decorrer do capítulo: 1) embora os processos atencionais envolvam anatômica e funcionalmente todas regiões mais importantes do sistema nervoso central, de modo que diferentes áreas e atividades são mobilizadas pelo organismo – e portanto a atenção não poderia ser uma função com localização nervosa específica –, há sim partes do cérebro que registram maior atividade no processo atencional do que outras; 2) justamente por causa da flexibilidade cognitiva – também conhecida como plasticidade cerebral ou neuronal –, que é considerada uma das mais importantes funções executivas, seria possível treinar e aprimorar a capacidade atencional proporcionando os estímulos adequados, e isso até mesmo em pessoas que já não estão mais nas fases iniciais de neurodesenvolvimento.

Sobre a primeira inferência, Tonnetti afirma que:

Por conta dos variados experimentos e medições, é consenso afirmar que o córtex frontal e o córtex parietal são áreas do cérebro grandemente envolvidas no processamento atencional – conjunto que os especialistas comumente chamam de eixo fronto-parietal. [...] Os cientistas aceitam também que, além dos córtex frontal e parietal – mais especificamente o parietal posterior – estão também envolvidas diretamente com o processamento atencional os colículos superiores e o núcleo pulvinar do tálamo – estruturas que, quando associados ao córtex parietal posterior, constituem o sistema atencional posterior. Embora desempenhem papéis específicos,

qualquer lesão ou mau funcionamento destas estruturas implica num comprometimento da capacidade atencional [...] (TONNETTI, 2008, p. 89-90).

Figura 1 - Vista lateral do hemisfério esquerdo.

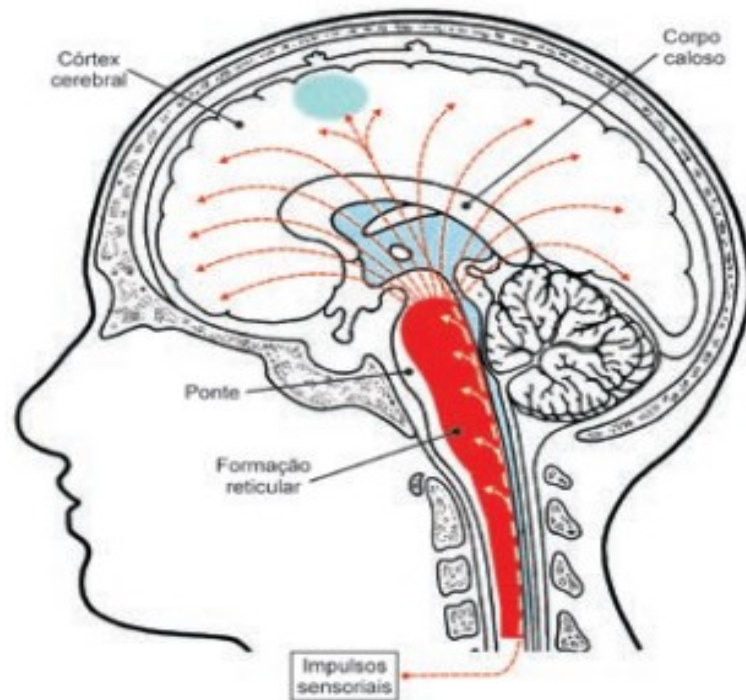


Fonte: Lent, 2008, p. 21.

A figura 1 nos mostra a divisão básica dos lobos, que são regiões internas do córtex cerebral (mencionado por Tonnetti na citação), este por sua vez é classificado como a camada mais externa de células que compõe a chamada substância cinzenta do sistema nervoso central (LENT, 2008, p. 22). O tálamo e suas subestruturas, que ficam numa região interna e central do cérebro, conhecida como diencéfalo, participam, junto aos lobos frontal e parietal, na ativação de processos atencionais.

Em estudo pouco mais antigo, Marcus Lira Brandão, um dos mais renomados neurocientistas brasileiros, também destacou a importância das áreas corticais do cérebro para a atenção, porém, submeteu tais regiões à uma estrutura chamada “formação reticular”, a qual seria a responsável por ativar as regiões do córtex e assim regular nossos estados de sono e alerta – sendo o estado de alerta a “condição mais elementar da atenção” (BRANDÃO, 2004, p. 169).

Figura 2 - Diagrama da substância ativadora reticular ascendente (SARA) e suas principais conexões.



Fonte: Brandão, 2004, p. 169.

Conforme abordado anteriormente, já é dado como certo entre os cientistas que inexistente um substrato neuronal único e exclusivo que seja responsável por funções executivas como a atenção, ao contrário, é consenso que ocorre complexas interações entre todas estas áreas das quais nos falamos os neurocientistas. Com Brandão não é diferente, para ele, a formação reticular atua em estreita cooperação com as demais regiões, como podemos verificar na passagem abaixo:

Os processos que determinam a atenção envolvem atividades cooperativas na formação reticular, sistema límbico e estruturas corticais e subcorticais associadas à função sensorial e motora. De maneira geral, podemos dizer que dentre as estruturas cerebrais que processam as informações relativas à atenção destacam-se, sequencialmente, a formação reticular, tálamo e as áreas corticais responsáveis primariamente pelo processamento de um determinado estímulo particular, como o córtex occipital se o estímulo é visual, o córtex temporal, se o estímulo é auditivo, etc. (BRANDÃO, 2004, p. 167).

A complexidade e interdependência dos diferentes elementos funcionais e anatômicos do sistema nervoso central também se explicitam no âmbito neuroquímico, pois há uma variação de neurotransmissores presentes em células do sistema reticular (BRANDÃO, 2004), cada qual cumprindo funções específicas relacionadas à capacidade atenta. De acordo com Brandão:

Tendo em vista a multiplicidade de conexões sinápticas do SARA [sistema ativador reticular ascendente], não constitui surpresa que vários neurotransmissores estejam envolvidos na integração do estado de atenção. Evidências neste sentido são as inúmeras demonstrações da existência de corpos celulares contendo acetilcolina, noradrenalina, serotonina e dopamina na formação reticular comprovando a natureza multimediada dos processos elaborados neste sistema (BRANDÃO, 2004, p. 171).

Ou seja, em sua dimensão interna e orgânica, substâncias químicas produzidas pelo próprio organismo também compõem a base material da atenção, as quais, agora desveladas por causa da ascensão das neurociências e suas técnicas experimentais, mostram-se indispensáveis para o funcionamento da atenção. Com efeito, todas estas informações enriquecem o nosso conhecimento geral sobre a atenção na medida em que ajudam a encaixar na perspectiva sócio-histórica e filosófica os elementos empíricos, neurobiológicos, que estão por trás desse estado cognitivo.

Nesse sentido, a obtenção de dados da anatomia cerebral também é parte fundamental das contribuições que estão ao alcance da neurociência da atenção. Ora, se sabemos em quais regiões do sistema nervoso ocorrem a atividade atencional, seus caminhos e sua dinâmica eletroquímica, então, provavelmente, poderemos prevenir e/ou remediar diversas patologias a partir de intervenções diagnósticas e terapêuticas, e até, por que não, subsidiar políticas públicas que visem colaborar com a saúde mental da população em geral. Dentro desse rol de potenciais benefícios das pesquisas neurocientíficas, há ainda a oportunidade de aprimoramento da capacidade atensiva, pois com base na plasticidade cerebral e no conhecimento da anatomia funcional do sistema nervoso central, seria possível desenvolver técnicas farmacológicas e/ou comportamentais para o melhoramento cognitivo.

Pois então, subsidiada por esses avanços no conhecimento do sistema nervoso humano, a literatura neurocientífica costuma classificar os processos atencionais em fundamentalmente quatro tipos: atenção seletiva, atenção sustentada, atenção alternada e atenção dividida (LIMA, 2005). Não é nosso intento neste trabalho debater ou analisar especificamente estes tipos de atenção, todavia, é importante deixar claro que regiões nervosas e diferentes ligações neurais são ativadas, com maior ou menor predominância, conforme os variados processos atencionais se desenvolvem. Por isso, a separação do fenômeno atencional em diversas modalidades acaba por ser um recuso didático útil e importante para o público leigo, que muitas vezes pode não fazer ideia da complexidade de tal fenômeno, e mesmo para os cientistas, que ao decompor o problema da atenção, abrem caminhos para integrar as partes ao todo, forjando assim uma teoria científica mais

abrangente. A exposição abaixo, retirada do artigo de Ricardo Franco de Lima, deixa bem claro o que realiza cada um daqueles quatro tipos de atenção:

A atenção seletiva é definida como a capacidade do indivíduo privilegiar determinados estímulos em detrimento de outros, ou seja, está ligada ao mecanismo básico que subsidia o mecanismo atencional. A atenção sustentada descreve a capacidade de o indivíduo manter o foco atencional em determinado estímulo ou sequência de estímulos durante um período de tempo para o desempenho de uma tarefa [...]. A atenção alternada é a capacidade do indivíduo em alternar o foco atencional, ou seja, desengajar o foco de um estímulo e engajar em outro. A atenção também pode ser dividida para o desempenho de duas tarefas simultaneamente (LIMA 2005, p. 117).

Vale lembrar que além desta forma de dividir a atenção, existem algumas outras, como por exemplo na separação entre atenção voluntária e atenção involuntária (TONNETTI, 2008). Como dito acima, a despeito de haver certa artificialidade nestas classificações (pois são apenas constructos teóricos), elas podem facilitar a compreensão global do fenômeno e, inclusive, tornar mais fácil a elaboração e implementação de estratégias e recursos que visem superar os déficits atencionais, por exemplo, nos ambientes educacionais e familiares. Neste sentido, atualmente existem treinos cognitivos/comportamentais¹⁴ que permitem não só avaliarmos nosso nível de atenção como também treiná-la para atividades que exijam calma, concentração e persistência.

É dentro da abordagem de adaptação do ambiente com vistas a tornar o cérebro acostumado e preparado para determinadas atividades que podemos encaixar a perspectiva da neurocientista estadunidense Maryanne Wolf. Em seu livro *O cérebro no mundo digital* (2018), ela chegou à conclusão de que a leitura compartilhada de histórias para as crianças pequenas, ainda que estas não tenham desenvolvido plenamente a linguagem, “proporciona

¹⁴ A título de mera exemplificação, mencionamos aqui dois possíveis modelos teóricos e práticos de enfrentamento à desatenção enquanto sintoma social. 1) Na internet é possível encontrar plataformas e aplicativos, em versões pagas e gratuitas, onde são disponibilizados treinos, exercícios e testes de atenção. Não é nossa intenção entrar nesta seara, pois, entre outras coisas, precisaríamos debater a pertinência, ou a possível contradição, em defender o uso de telas para amenizar/corriger um problema que, em última análise, julgamos ser provocado justamente pelo excesso de telas, especialmente se isto fosse ser aplicado entre crianças e adolescentes. 2) Outra medida contra os déficits atencionais, mas que é frontalmente distinta da anterior, é a chamada prática do *mindfulness*. Conhecida como atenção plena ou consciência plena, esta é uma estratégia terapêutica que tem origens nas religiões orientais da Antiguidade e que vem sendo adaptada aos contextos educacionais nos últimos anos. Suas técnicas de aplicação pautam-se essencialmente na contemplação e focalização de toda atenção do sujeito a processos corporais como a respiração, de modo que se assemelha muito à meditação. A pesquisadora brasileira Renata Cueto de Souza, tem se aprofundado nesse tema e suas elaborações merecem apreciação e continuidade, haja vista o potencial educativo e emancipatório que ela enxerga na prática do *mindfulness* (SOUZA, 2022). Porém, também esta não é uma estratégia na qual nos debruçaremos neste trabalho. Isso porque, entre outros motivos, entendemos que ela pode facilmente ser desvirtuada em técnicas neoliberais de individualização e auto responsabilização dos sujeitos pelos males modernos. Inclusive, a pesquisadora aponta para essa possibilidade ao reconhecer o lado meramente instrumental do *mindfulness*, onde ele se converte “em uma tecnologia do eu neoliberal, que visa à docilização dos sujeitos a sistemas de opressão e exploração” (SOUZA, 2022, p. 145). Assim, acreditamos serem necessários mais estudos e aprofundamento nesse tema aqui no país antes de trazê-lo ao debate nesta dissertação.

não só as associações mais palpáveis com a leitura, mas também uma interação entre pais e filhos sem hora para terminar”, na qual se desenvolvem “atenção compartilhada, aprendizado de palavras, sentenças e conceitos, e mesmo o conhecimento do que é um livro” (2018, p.151). E aqui podemos indicar mais um ponto incomum, ainda que não seja intencional num primeiro momento, entre a Teoria Crítica de TÜRCKE e determinadas perspectivas neurocientíficas, pois a posição do filósofo é muito parecida com a de Wolf:

Fato é que o bebê, desde o primeiro dia, busca comunidade, quando procura o calor e o peito da mãe. Mas essa espécie de comunidade todos os mamíferos tratam de buscar. Especificamente humana, porém, a comunidade só se torna quando promove um terceiro. Proximidade humana, não apenas físico-emocional, entre pais e a criança, requer que juntos se voltem para algo que os cativa. Por isso, a contemplação conjunta de livros de gravuras, o paciente e repetido nomear dos objetos, recitar ou ler em voz alta textos para crianças pequenas, tudo isso tem importância inestimável. Trata-se, no caso, de nada menos que ritos de iniciação, os quais, de um modo específico, desde o nascimento fazem por acolher as crianças na comunidade humana. (TÜRCKE, 2016, p. 72-73).

Por mais que possa parecer trivial, isso significa que a prática de narrar estórias/histórias aos pequenos, desde a mais tenra infância, traz enormes benefícios para o futuro das crianças, dentre eles a construção e sedimentação de ligações neuronais capazes de formar um arsenal cognitivo e linguístico, que dará sustentação ao desenvolvimento pleno dos sujeitos. Dessa maneira, acreditamos que dentro do enorme referencial neurocientífico, o caminho escolhido por Wolf (2018), centrado na formação de um “cérebro leitor” que esteja apto a realizar a “leitura profunda”, é o tipo de estratégia de resistência à cultura do déficit de atenção que mais se coaduna com as ideias e propostas de TÜRCKE, especificamente em relação à ideia de um “comportamento social triádico” (2016, p. 68)¹⁵.

Nesse sentido, o estímulo desde cedo ao hábito da leitura concentrada – seja participando da prática como ouvinte, seja posteriormente sendo o narrador – tem o potencial de ser uma espécie de terapia preventiva à desatenção e à hiperatividade enquanto sintomas da sociedade tecnológica. Isso se prova em certa medida pelos estudos empíricos citados por Wolf em seu livro. Baseando-se em achados de neuroimagem feitos por neuropediatras e neurologistas, a autora argumenta que há nas crianças que ouvem as vozes dos pais contando histórias, uma maior ativação de redes neurais relacionadas ao desenvolvimento linguístico.

Para a neurocientista:

[...] os primeiros momentos de vida ideal do leitor começam com um bebê no colo de uma pessoa querida, “carregada nos braços”, lugar próprio para que o contato compartilhado, o olhar e a experiência de ouvir alguém ler proporcionem as

¹⁵ Esse conceito aparece no contexto do diálogo de TÜRCKE com o antropólogo Michael Tomasello, onde o filósofo analisa criticamente a ideia de “Revolução nove meses” (TÜRCKE, 2016, p. 64). Trata-se de uma forma de interação humana que é essencialmente socializadora, e que além do “eu” exige o “outro”, e ainda um terceiro elemento, que é justamente o objeto para o qual se direciona a atenção.

melhores portas para esse mundo doce e novo. Antes que o bebê possa pronunciar a primeira palavra, nos cérebros mais jovens, essa dimensão física que nunca envelhece da primeira experiência com a leitura conecta o sentir – tátil e emocional – com as regiões da atenção e da memória, da percepção e da linguagem (WOLF, 2018, 149-150).

Ora, Wolf focaliza neste ponto do livro a relação entre pais e filhos, de modo que em suas análises o ambiente familiar acaba se sobrepondo ao ambiente educacional. Não obstante, como esses conhecimentos da leitura e sua relação com o neurodesenvolvimento podem ser transpostos para a escola, nas relações de ensino e aprendizagem e entre professores e alunos? Como escola e professores podem tomar para si parte dessa missão de resistir à cultura do déficit de atenção através da sistematização e organização de hábitos – ou, para usar a terminologia de Türcke (2016), práticas “rituais” – que envolvam a leitura, a contação de história e a escrita? Quais implicações isso traria e o que seria necessário mudar na cultura escolar?

Nos próximos capítulos, veremos que a configuração socioeconômica e cultural do mundo moderno pressiona os indivíduos em direção a déficits atencionais, e a educação, enquanto instituição social, não deixa de ser afetada. Nesse sentido, cabe a nós investigarmos as causas, arranjos e consequências de um fenômeno que tem se tornado cada vez mais comum.

3. O TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH) COMO MARCA DA *CULTURA* DO DÉFICIT DE ATENÇÃO

3.1. Esclarecimentos prévios acerca da visão de Türcke sobre o TDAH

Logo no início desta dissertação trouxemos alguns indicativos acerca do TDAH com a intenção de demonstrar o quão alarmante é a situação de mal-estar social diante a qual estamos sendo confrontados, para a partir de então defendermos a necessidade de melhor compreender a desatenção na qualidade de regime sociocultural. Por um lado, utilizar o TDAH como caso paradigmático desse contexto sociocultural talvez seja um tanto arbitrário, pois independentemente de diagnósticos, a “crise existencial da atenção humana” (TÜRCKE, 2016, p. 64) é muito mais abrangente e difusa do que qualquer condição neurológica ou psiquiátrica. Ao mesmo tempo, a própria definição dos manuais psiquiátricos (APA, 2014, p.61) – na qual se coloca a desatenção, a hiperatividade e a impulsividade como sintomas cardinais – colabora para visualizarmos no TDAH a síntese das dificuldades e dos comportamentos disfuncionais que são engendrados em nossa civilização técnico-científica. Nesse sentido, podemos dizer que em alguma medida o distúrbio resume parte do que é o espírito de nosso tempo.

E é curioso notar que a desatenção exerce certa primazia em relação aos outros sintomas. Em geral, admite-se a possibilidade de eles desaparecerem ou diminuírem conforme a idade da pessoa avança, especialmente a impulsividade e a hiperatividade. Logo, ao que parece, dos três sintomas, é a desatenção que mostra maior persistência em todas as fases da vida. Por se manifestarem em atividades sensoriais e motoras, os comportamentos impulsivos e hiperativos trariam prejuízos mais imediatos e perceptíveis, e, portanto, tenderiam à maior possibilidade de autocontrole? A falta de atenção prejudicaria de maneira mais aguda as atividades cognitivas e intelectuais, tornando-a assim um sintoma menos perceptível, e conseqüentemente menos controlável? Os especialistas da American Psychiatric Association caminham no rumo deste entendimento:

Na maioria das pessoas com TDAH, sintomas de hiperatividade motora ficam menos claros na adolescência e na vida adulta, embora persistam dificuldades com planejamento, inquietude, desatenção e impulsividade. Uma proporção substancial de crianças com TDAH permanece relativamente prejudicada até a vida adulta. [...] Na adolescência, sinais de hiperatividade [...] são menos comuns, podendo limitar-se a comportamento mais irrequieto ou sensação interna de nervosismo, inquietude ou impaciência. Na vida adulta, além da desatenção e da inquietude, a impulsividade pode permanecer problemática, mesmo quando ocorreu redução da hiperatividade (APA, 2014, p. 62).

Isso pode significar que seria mais eficiente priorizar a compreensão e o “tratamento” da atenção-desatenção do que os outros dois sintomas do TDAH, tendo em vista que

combatendo a desatenção, necessariamente, promoveríamos também a maior paciência, concentração, persistência, calma e autocontrole – todas estas, características antônimas à hiperatividade e impulsividade. No fundo, o que temos é a dificuldade de separar as coisas, isto é, entendidos como sintomas, os comportamentos impulsivos e hiperativos seriam apêndices ou desdobramentos da incapacidade crônica de prestar atenção, de tal sorte que separar de maneira estanque e não intercambiável a tríade sintomatológica do TDAH seria por demais artificial e determinista. Portanto, defendemos que ao direcionar os esforços no enfrentamento à desatenção sistêmica, já estaríamos coibindo também o surgimento de outros traços patológicos (como a impulsividade e hiperatividade), isso porque, ao que parece, eles constituem apenas manifestações secundárias decorrentes dos déficits atencionais. Ora, em última análise, esta é a aposta de Christoph Türcke no livro *Hiperativos! Abaixo a cultura do déficit de atenção*.

É provável que tal obra seja a primeira tentativa sistemática de interpretar o TDAH culturalmente, a partir de uma teoria multidisciplinar de forte caráter filosófico, sendo que, normalmente, tal tema fica circunscrito aos debates das ciências naturais e da saúde. Em diversas passagens – dito às vezes de forma direta, e às vezes de forma indireta – Türcke ressalta que este é o tipo de problema que só poderia ser suficientemente compreendido estando assentado sob uma teoria social e cultural. Vejamos alguns exemplos: logo no “Prefácio” lemos: “Quem quer esclarecer o que é o TDAH acaba se responsabilizando por bem mais do que o mero fenômeno. O que ele assume está ligado a algo extremamente genérico: toda uma cultura do déficit de atenção” (TÜRCKE, 2016, p. 10). Chegando quase na metade do livro, ao discorrer sobre a dialética envolvida no transtorno, a qual impõe pensarmos as contradições entre cérebro e cultura, entre repetição humana e repetição maquinal, o autor corrobora a mesma ideia:

A atividade cerebral de uma crescente quantidade de crianças e jovens deixou de corresponder a determinados padrões tradicionais de cultura. Em contraposição, corresponde amplamente a outros padrões, que só passaram a experimentar avanços ao constituir-se um novo regime de atenção, ela passando a se comportar como vanguarda. Com isso, o distúrbio em questão se localiza naquele ponto nevrálgico, histórico, no qual duas culturas de repetição contrárias acabam se encontrando. Está envolvido no conflito entre ambas, sendo distúrbio cerebral apenas enquanto distúrbio cultural. Como tal, porém, é improvável que ofereça qualquer chance de verificação num laboratório neurofisiológico. Pois sua carência, no momento, quase não passa de uma determinada espécie de carência de repetição e, desta resultante, de uma carência de estabilidade de correlações basais de interconexões sinápticas (TÜRCKE, 2016, p. 50-51).

Por fim, na derradeira página do livro em questão, o pensador não deixa margem para dúvidas quanto à sua posição: a “síndrome de déficit de atenção somente pode se tornar

compreensível por meio de uma abrangente teoria da cultura” (TÜRCKE, 2016, p. 131). Estas três citações demonstram a ambição do filósofo em desnaturalizar e negar o determinismo biológico que muitas vezes é atribuído ao TDAH. Para o enfrentamento deste transtorno o instrumental teórico-metodológico das ciências empíricas tem limitações, de modo que não basta conhecer as estruturas do sistema nervoso e o funcionamento neurofisiológico para desvendar sua natureza e suas consequências. Conforme demonstrado anteriormente, em *Sociedade excitada* (2010) Türcke já apontava para esse entendimento. Como fenômeno profundamente sócio-histórico, o desenvolvimento da atenção humana não pode ser encaixado dentro de perspectivas meramente individuais e ontogenéticas. E é exatamente isso que se tenta fazer quando retiramos dos déficits atencionais seu pano de fundo histórico, cujos desdobramentos somam ainda aspectos socioculturais e econômicos. E mais: se a compreensão dos distúrbios da atenção é reduzida aos critérios de uma nosologia estanque, nos expomos ao risco político de aceitar interpretações que servem à ideologia neoliberal dominante, a qual tende a individualizar os sofrimentos sociais e seus respectivos tratamentos, isolando-os de seus contextos mais amplos. Dessa forma, nunca se chega à raiz do problema. Contra esse inconveniente, o pensamento de Christoph Türcke funciona como antídoto.

Por conseguinte, sendo discípulo da primeira geração dos pensadores frankfurtianos, o filósofo nos oferece uma abordagem dialética do TDAH. Sua análise (2016) leva em consideração as evidências do campo neurocientífico, principalmente no que diz respeito à “plasticidade” do cérebro e ao papel dos medicamentos à base de dopamina na regulação atencional. O ato de recorrer ao que as ciências empíricas têm a dizer sobre o distúrbio é importante de ser notado, pois mostra o quão interessado o filósofo está em buscar apoio naquilo que de mais palpável e científico já tenha sido produzido sobre o tema, respeitando assim, mais uma vez, o princípio de interdisciplinaridade da Teoria Crítica. De fato, a interpretação histórico-filosófica da atenção não implica em desconsiderarmos sua objetividade científica, e, neste sentido, Türcke reconhece que em indivíduos com TDAH alguma anomalia físico-química se faz presente: “Ora, na verdade, não dá para negar que no cérebro de uma criança incapaz de concentração as coisas se passam diferentemente do que ocorre no cérebro de uma criança capaz de concentração. Também não é errado, no caso, falar em transtorno [...]” (TÜRCKE, 2016, p. 47).

A supracitada assertiva do filósofo indica que seu debate e suas críticas em torno de como normalmente é encarado o TDAH, não se furtará a ouvir o discurso médico-científico. Sendo assim, cumpre entender minimamente o funcionamento do sistema nervoso humano, particularmente a premissa da chamada “neuroplasticidade cerebral”, cuja existência implica a

possibilidade de progressos, mas também a possibilidade de regressões nas esferas cognitiva, comportamental e neurofisiológica.

3.2. Transformações tecnológicas e a ação delas sobre a percepção humana: surgimento do choque imagético

Para o bem ou para o mal, a capacidade do cérebro alterar e estabelecer novas ligações neuronais atua sobre o organismo de maneira decisiva, pois segundo o princípio de plasticidade o cérebro aprende, cria, recria, aprimora ou debilita comportamentos e habilidades de acordo com os estímulos do ambiente. O neurocientista brasileiro Roberto Lent (2008) usa o termo “neuroplasticidade” para se referir às inúmeras possibilidades de variação morfológica, funcional e comportamental que o organismo humano pode desenvolver em seu sistema nervoso. Segundo ele:

Define-se neuroplasticidade como a propriedade do sistema nervoso de alterar a sua função ou sua estrutura em resposta às influências ambientais que o atingem. Tanto as alterações plásticas quanto as influências ambientais que as provocam podem variar bastante, de muito fortes a extremamente sutis. Por exemplo: em um dos extremos, uma lesão traumática, cirúrgica ou congênita no cérebro pode levar a mudanças de posição de setores funcionais com o redirecionamento de circuitos neurais, ambos detectáveis experimentalmente em animais, ou por meio de técnicas de neuroimagem em seres humanos; no outro extremo, um simples fato novo que presenciamos pode resultar em alterações sinápticas moleculares capazes de possibilitar a memorização daquele fato por um longo tempo durante a vida. Em ambos os casos, bem como nas numerosas possibilidades intermediárias, trata-se de neuroplasticidade (LENT, 2008, p 112).

Tendo em vista este aspecto da neuroplasticidade como resposta neurofisiológica e comportamental a estímulos externos, isto é, como adaptação do organismo às influências proporcionadas pelo ambiente, a ênfase de Türcke (2016) na flexibilidade cerebral é representada como uma faca de dois gumes: para além de proporcionar ou alargar novas aprendizagens, a plasticidade é também maleabilidade, e, em última instância, a maleabilidade indica o risco de certos padrões sinápticos, importantes para o desenvolvimento individual, não se estabilizarem devido justamente à constante adaptação do indivíduo a outros padrões de estímulo. Exatamente sob este ponto de vista, Türcke enxerga uma interessante e inesperada confluência entre a neurociência e o pensamento benjaminiano:

O que é tão fascinante quanto irritante no cérebro é sua enorme flexibilidade (“plasticidade”), sua alta capacidade de se ajustar a novos estímulos, de a si mesmo se reestruturar, de fato, para melhor elaborá-los. Pedagogos gostam de traduzir “plasticidade” por “capacidade de aprendizagem”. Mas plasticidade [*Formbarkeit*] significa também maleabilidade [*verformbarkeit*]: ajustar-se constantemente, e de tal modo, a novos estímulos que em absoluto não se oferece a padrões complexos de intercomunicação a possibilidade de estabilizar-se e transformar-se em base para outros padrões estáveis. De modo diretamente exemplar, é o que se dá, descrito de maneira tão bela por Benjamin, no “efeito de choque do cinema”, pela ininterrupta

“mudança de lugares e ângulos”, “que penetram aos solavancos no observador”, de modo que “o processo associativo daquele que contempla essas imagens” seja “de imediato interrompido por essas mudanças”. Nesse meio-tempo, a Neurobiologia foi tão longe que consegue testar essa lógica da interrupção em seu alcance fisiológico-cerebral. Ela sabe pouco ou nada de Benjamin, mas, em compensação, bastante sobre o “sistema sensível ao estresse neuroendócrino” e descobriu que o estresse (já nos ratos) surge principalmente quando falta algo de indispensável ou entra algo de novo (TÜRCKE, 2016, p. 39-40).

Logo adiante veremos que essa apropriação de algumas ideias benjaminianas por parte de Türcke irá auxiliá-lo em sua análise sobre o regime sociocultural moderno, o qual retroage no processo atencional. Mas, por ora, tentemos reconstituir, muito brevemente, o movimento histórico que causou e está causando acentuadas transformações no sistema perceptivo do ser humano, de modo que ao final consigamos vislumbrar como o TDAH se insere nessa história. Fazer esse movimento é importante porque ele nos permitirá enxergar de maneira mais clara a relação do progresso tecnológico (e este é um dado histórico-social) com o já descrito pressuposto da plasticidade cerebral (dado biológico-natural). Assim, acreditamos estar evidenciando como a transformação quantitativa e qualitativa da oferta de estímulos externos impacta os processos neurofisiológicos e atencionais.

Ao avaliar as transformações pelas quais o mundo passou, especialmente a partir da Revolução Industrial, constataremos que a oferta de estímulos mudou drasticamente, e o cérebro humano, enquanto órgão processador da realidade, teve de se adaptar a uma enormidade de novidades até então desconhecidas e cada vez mais intensas. Pensemos, por exemplo, nos ruídos e também na turbulência vivenciada pela massa de indivíduos dos grandes centros urbanos; as fábricas e os meios de transportes mecanizados e poluidores; o testemunho direto e indireto do poder e da letalidade das guerras movidas por tanques, aviões, navios e armas químicas; a produção e veiculação de notícias em quantidade colossal cujo conteúdo, a partir da superprodução midiática, passa a abranger fatos insignificantes e desprezíveis, os quais favorecem o congestionamento do aparato sensorial por causa do fluxo de informações a que é submetido; os apelativos comerciais nas rádios, televisões e *outdoors*, que além de propagar as mercadorias também propagam novas formas de divertimento e entretenimento; a revolução microeletrônica que ocorre a partir da segunda metade do século XX, germinando a partir de então o que viria ser o advento, proliferação e miniaturização de aparelhos de tecnologia de comunicação e informação (as chamadas TIC's). Tudo isso é específico deste nosso mundo contemporâneo, e obviamente afeta nosso sistema perceptivo.

Mas de todas as transformações, uma em especial desencadeia consequências decisivas para a atenção humana, a saber, a reprodução automatizada de imagens¹⁶.

A universalização das máquinas na vida do homem moderno passou a alterar paulatinamente nosso sistema sensorial e perceptivo, e o advento da fotografia no século XIX é um marco crucial deste processo. Vamos acompanhar mais de perto o raciocínio de TÜRCKE para melhor compreender estas colocações.

Na perspectiva do pensador alemão, uma das maneiras de sustentar teoricamente as correlações entre ferramentas tecnológicas e a vida mental e perceptiva do ser humano é recorrer, novamente, à psicanálise freudiana. Para TÜRCKE (2016), a invenção de autômatos na Idade Moderna, os quais constantemente passam a ser aperfeiçoados, principalmente com a Revolução Industrial, gerou nos seres humanos uma necessidade de se identificarem com as máquinas. Sendo mais preciso: antes dos autômatos surgirem, “a dinâmica de repetição da história humana, a maior parte do tempo, corria no sentido de retrocesso e tranquilização tendenciais” (TÜRCKE, 2016, p. 26), mas desde então este tipo de repetição, nascida na prática sacrificial de tempos pré-históricos, começou a ser substituída por uma “repetição maquinal”. Essa repetição maquinal advém justamente do processo de identificação que ocorre entre homem e máquina, no sentido de que o homem quer, ainda que inconscientemente, assemelhar ou adequar suas funções e capacidades, tanto motoras quanto cognitivas, àquilo que as máquinas conseguem fazer. Sobre isso, o filósofo observa que:

Com a adoção dos movimentos humanos pelas máquinas, sucede à repetição algo de qualitativamente novo: sua retirada do organismo humano e, com ela, sua objetivação. Movimentos maquinais se deixam repetir de modo incomparavelmente melhor do que movimentos humanos, a saber, pela programação. A qualidade de um programa técnico consiste em poder funcionar repetidas vezes com a mesma confiabilidade. A competência das máquinas é uma nova e como que sobre-humana espécie de saber repetir. *O que as máquinas realizam, fazem-no amiúde com muito mais rapidez, exatidão e persistência do que os seres humanos. Porém, jamais sem que estes tenham que se haver com elas. E isso significa: todas as repetições que os seres humanos lhes delegam têm sobre eles efeito retroativo.* [...] Operários de fábrica foram usados para ajustar os movimentos de seus organismos ao movimento esquematizado das máquinas. Máquina alguma se deixa manipular sem que seus operadores acabem se equiparando a seu programa, a seu movimento. “Assemelhamento de um Eu a outro é, no entanto, a fórmula freudiana corrente para identificação. E de fato: seres humanos em absoluto não estão em condições de

¹⁶ Em *Sociedade excitada* (2010), no quarto capítulo, denominado “Sensação absoluta”, TÜRCKE se detém em várias páginas no tema da fotografia, seu surgimento histórico, seu impacto metafísico e econômico, que, é claro, gera repercussões no âmbito sensorial. Para o autor, a fotografia é detentora de um poder mágico que lhe permite paralisar, destacar e promover uma espécie de “salvação” de pequenos momentos do espaço-tempo, e, neste sentido, “à natureza como um todo” é propiciada a possibilidade “de se tornar imagem”; entretanto, essa possibilidade é onerada “por uma hipoteca, cujo peso só se revela aos poucos: poder tornar-se imagem significa talvez se tornar imagem e, mais cedo ou mais tarde, ter de se tornar imagem” (2010, p. 182).

manobrar ou manejar [...] máquinas, sem com elas se identificar em certo grau (TÜRCKE, 2016, p. 27-28, grifo nosso).

A substituição de um sistema de repetição tradicional essencialmente humano para um sistema de repetição maquinal, abala fisiológica, mental e existencialmente nossa espécie, haja vista a ânsia que comumente temos em ser incessantemente eficazes e produtivos, nos aparentando assim, gradativamente, a autômatos. TÜRCKE (2016, p. 28), recorrendo à ideia de um pensador também alemão, chamado Günter Anders, nos fala de uma “vergonha prometeica”¹⁷, cuja decorrência está no reconhecimento por parte do ser humano de que a máquina lhe é superior, e usá-la eficientemente seria então uma forma de compartilhar dessa superioridade. Segundo ele:

O ser humano como “Prometeu”, como criador do mundo das máquinas, terá chegado à constrangedora situação de se sentir sempre inferior à criatura – de se envergonhar diante dela. A vergonha é constrangedora, um sentimento que seria preferível não ter – e, por isso, reprimido ou dissimulado com prazer. Isso, é claro, sobrecarrega, e essa sobrecarga é o estresse subcutâneo, sublime, tão difícil de apreender como de negar, que fundamenta permanentemente a relação humana com o mundo das máquinas – o preço do desencargo oferecido pelas máquinas (TÜRCKE, 2016, p. 28).

De alguma maneira, quanto mais delegamos funções às máquinas, maior tende a ser nossa dependência delas para o trabalho, o estudo, a diversão e os relacionamentos interpessoais, e com isso, menos exercitamos funções que nos eram específicas. Nesse sentido, o que as duas últimas citações nos mostram é: as máquinas retroagem em nós, seu uso abusivo e desmedido provoca consequências de várias ordens. É como se na esteira do processo de identificação com as habilidades maquinais, o organismo humano fosse lentamente acumulando em suas camadas mais profundas uma perturbação e um esgotamento perenes, que, reprimidos ou disfarçados como vivência prazerosa, passariam ao largo da tomada de consciência e da reflexão crítica. Em linhas gerais, a despeito das esperanças, confortos e facilidades proporcionadas pela automatização, há no final das contas um preço a ser pago.

No caso específico das técnicas de automatização das imagens, o preço cobrado está sendo debitado dos nossos processos perceptivos, o que, por extensão, afeta também nossa capacidade de concentração, sendo este o entendimento que podemos extrair de passagens como esta:

¹⁷ Referência ao mito grego de Prometeu Acorrentado, segundo o qual, Prometeu, que era um titã, havia roubado dos deuses o fogo da sabedoria, entregando-o aos seres humanos. Como punição de Zeus, Prometeu foi aprisionado com correntes numa região rochosa e inabitada, onde todos os dias um águia comia seu fígado, que se regenerava à noite, e então voltava a ser devorado no dia seguinte. Ou seja, no contexto da argumentação de TÜRCKE, o homem enquanto detentor de um poder – o saber tecno-científico – é como que “punido” pela inferioridade que percebe e sente em relação às suas criações tecnológicas.

A máquina a vapor assumiu processos de movimentação. A máquina de imagens assumiu processos de percepção. Tal como o olho em sua retina, a câmera faz surgir imagens sobre superfícies quimicamente preparadas – imagens que ela fixa assim como elas são imaginadas – e então também as torna, sem discriminação, acessíveis a muitos olhos humanos. Que progresso! Enquanto os seres humanos com esforço precisam passar de impressões difusas a uma percepção distinta, da percepção à imaginação, e só indiretamente, por gestos e palavras, conseguem comunicar o imaginado que lhes é externo, a câmera consegue tudo isso simultânea e diretamente, através da sua faculdade de imaginação técnica. É compreensível que, com esse engenho maravilhoso, a identificação, o “assemelhamento de um Eu a outro”, tenha sido bem mais intensa em comparação com a máquina a vapor (TÜRCKE, 2016, p. 29).

Pois bem, antes dos aparelhos de televisão, dos computadores ou dos *smartphones* havia a fotografia; ela é uma espécie de mãe de todas estas outras formas mais avançadas da indústria cultural, e o próprio TÜRCKE (2010) compartilha dessa visão quando reconhece que as caracterizações da indústria cultural, analisadas por Adorno e Horkheimer, foram aos poucos preparadas desde o século XIX. A implicação direta dessa ideia é que quando quisermos empreender uma análise profunda sobre as implicações maléficas da indústria cultural sobre a formação das subjetividades ou da sociabilidade capitalista, temos de ter em mente que o nascimento das técnicas fotográficas é parte fundante dessa história. Isso porque todos aqueles aparelhos mencionados no início deste parágrafo funcionam, essencialmente, repetindo a lógica do choque de imagem, e a gênese histórica da imagem é a fotografia. Ao longo da história ela é a primeira “máquina de imagem”. Essa tecnologia, detentora de poderes maravilhosos, desempenha de forma automática, incansável e veloz, funções que um indivíduo demora anos para aprender, e as quais, filogeneticamente falando, demoraram milênios para se consolidar no repertório intelectual e cultural do ser humano. Dentre tais funções, podemos destacar aqui, por exemplo, o caso da capacidade de atenção e concentração.

Na perspectiva do filósofo, as técnicas de produção e reprodução fotográfica desempenharam, e ainda desempenham, papel importante na formação de um novo regime atencional, cuja configuração está assentada no poder dos choques que as imagens causam, principalmente com o posterior advento dos filmes. Aqui, devemos nos lembrar que os filmes são basicamente uma enorme quantidade de fotografias, porém, colocadas em movimento hiperacelerado e seguindo uma sequência predeterminada. Neste ponto, as reflexões de TÜRCKE estão em completa sintonia com que escreve Walter Benjamin em *A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução* (1983). Ambos os pensadores partem do consenso de que os modos de expressão, sensibilidade e percepção humana são radicalmente alterados

com o surgimento e a expansão da fotografia e do cinema, de forma que uma análise histórica da atenção não poderia ignorar tais elementos.

Para o autor de *Hiperativos*, Benjamin foi preciso ao cravar que o princípio basilar do cinema é “a constante mudança de lugares e ângulos” (TÜRCKE, 2016, p. 31), a qual, em ritmo acelerado, introjetaria no espectador pequenas doses de choques traumáticos. Todavia, apesar de haver concordância neste ponto, o fato de em seu ensaio Benjamin enxergar no cinema um potencial revolucionário, de transformação da sociedade capitalista, não encontra eco nas ideias de TÜRCKE. Isso porque justamente a dinâmica do choque provocaria no homem um estado de espírito que lhe interdita o ruminar profundo e calmo do pensamento, a associação de ideias, a reflexão. Inclusive, no próprio texto benjaminiano, temos essa ideia exposta claramente:

De espetáculo atraente para o olho e de sonoridade sedutora para o ouvido, a obra de arte, mediante o dadaísmo, transformou-se em choque. Ela feria o espectador ou o ouvinte; adquiriu poder traumatizante. E, dentro disso, favoreceu o gosto pelo cinema, que também possui um caráter de diversionismo pelos choques provocados no espectador devido às mudanças de lugares e de ambientes. Pensar em toda a diferença que separa a tela na qual se desenrola o filme e a tela onde se fixa a pintura! A pintura convida à contemplação; em sua presença as pessoas se entregam à associação de ideais. Nada disso ocorre no cinema; mal o olho capta uma imagem, esta já cede lugar a outra e o olho jamais consegue se fixar. [...] De fato, a sucessão de imagens impede qualquer associação no espírito do espectador. Daí é que vem a sua influência traumatizante; como tudo que choca, o filme somente pode ser apreendido mediante um esforço maior de atenção (BENJAMIN, 1983, p. 24-25).

Ou seja, argumentando como a arte dadaísta preparou, no âmbito estético, um comportamento social que mais tarde se adequaria perfeitamente ao público do cinema, Benjamin dava os primeiros sinais de preocupação com a nova tecnologia. O pressuposto elementar aqui é que o ritmo impactante e frenético das imagens impede a estabilização ou fixação de padrões mentais e comportamentais indispensáveis para o ser humano, ou, dito em termos neurofisiológicos: certas ligações neuronais (sinapses), responsáveis por processos cognitivos elementares, são danificadas, ou nem chegam a ser desenvolvidas plenamente conforme um excesso de estímulos perturba o sistema nervoso, não lhe dando descanso e tempo suficiente para elaborar os choques já recebidos.

Claro, nem Benjamin nem TÜRCKE objetivam pura e simplesmente difamar a arte fotográfica e cinematográfica. Importante dizer isto, pois uma leitura apressada talvez cause a impressão de que ambos desprezam o cinema. Não se trata disso. Como pano de fundo da crítica deles está o entendimento de que as técnicas imagéticas extrapolaram fins artísticos e culturais, convertendo-se em mecanismos paradigmáticos de aderência a um tipo de sociabilidade, na qual se reproduz a lógica capitalista de mercantilização e standardização da

vida. A popularização da microeletrônica e a miniaturização das telas facilitou este processo, de forma a consolidar a estetização do capitalismo. Paulatinamente as pessoas interiorizaram a propaganda, a mercantilização e a concorrência como princípios fundamentais para a sobrevivência e o reconhecimento social na sociedade capitalista. Todos querem fazer algum tipo de propaganda de si próprios, aparecer; todos querem ter sua imagem veiculada nas mídias digitais, e, se possível, até lucrar com isso. E, para além do lucro financeiro/econômico, aparecer, fazer-se percebido, começa a ganhar contornos de imperativo existencial.

Ora, isso tudo só se torna inteligível compreendendo que a veiculação maquinal de imagens foi uma revolução tanto no âmbito sensorial e psíquico quanto no âmbito social, e que ela se solidificou enquanto condição de consolidação de determinada ordem socioeconômica. Sendo assim, as análises da Teoria Crítica acerca do cinema, e de tudo aquilo que possa vir a ser chamado de indústria cultural, é sempre tendo em vista o caráter não só individual e psicológico, mas sobretudo o caráter sociológico de suas repercussões. Portanto, seria descabido inculcar a Benjamin ou a TÜRCKE uma espécie de negação ou repulsa essencialista das tecnologias audiovisuais. E ajuda a esclarecer esse tópico a passagem seguinte, onde seu autor indica como o cinema se tornou problemático ao longo da história, contribuindo para a fundação de uma sociedade de superprodução imagética:

[...] as primeiras florações do cinema não se deviam somente ao estímulo das novas imagens, da fantasia dos diretores que se desenvolvia com embriaguez, do clima de busca de novidades em torno do novo meio, mas também ao simples fato de, num primeiro momento, as apresentações cinematográficas serem raridades: saraus festivos ou de fim de semana. Entre um filme e outro havia tempo de sobra para se assimilar o que fora vivenciado. Não se impunha de imediato a fita seguinte, o próximo *talk-show* ou noticiário. Só quando, em sua avassaladora cruzada vitoriosa, o cinema a si próprio se fez inflacionário e decaiu do destaque para a cotidianidade foi que ele pouco a pouco alcançou o estágio em que seu processo maquinal foi capaz de retroagir plenamente sobre seus receptores (TÜRCKE, 2016, p. 30-31).

Nas condições atuais, em que o registro e a reprodução de imagens excedem o campo artístico, comercial e cinematográfico – e assim tais ações ficam disponíveis a qualquer reles mortal que porte um *smartphone* –, o sensorio humano é inundado por estímulos imagéticos. Começamos a viver no espetáculo e do espetáculo, pois sob “condições concorrenciais, a tendência crescente de espetacularização é tão pouco evitável quanto a inovação técnica permanente” (TÜRCKE, 2010, p. 13). Isto é, sociedades que se organizam e se orientam pela concorrência estão sempre numa interminável pressão por novidades; o “inovar” é erguido a status de virtude intocável, e os sujeitos, assim como instituições sociais e governamentais, precisam sempre buscar o novo. Entretanto, o que talvez ainda não tenhamos percebido tão claramente, é que essa busca insaciável pela novidade, catapultada pela concorrência de todos

contra todos, funciona como motor de força do capitalismo atual, haja vista que essa pressão pelo novo ajuda a desencadear as condições objetivas de perpetuação da sociedade de mercado: cedendo-lhe a infraestrutura midiático-tecnológica.

Ainda no sentido de esclarecer que não se trata de um desprezo à arte cinematográfica, vale dizer que para TÜRCKE (2016, p. 31) os filmes têm “receptores ideais” na figura de pessoas que sejam “capazes de coerentemente contar a outras” sobre um filme, “refletir sobre ele, discutir a respeito”, e até quem sabe, “escrever uma resenha” a respeito. Acontece que este tipo de espectador não é formado (no sentido educacional-cultural) na lógica do choque de imagem, quer dizer, suas capacidades cognitivas e intelectuais não florescem assentadas no filme ou no mundo das telas em geral, antes, são moldadas “pelos meios e espetáculos tradicionais, semelhantemente idílicos: carta, jornal, livro; festa popular, concerto, teatro” (TÜRCKE, 2016, p. 30). Em suma, o choque de imagem, quando modestamente dosado, abarca um potencial formativo que até pode ser despertado, todavia isso só é possível se já estiverem fixadas no sujeito as bases mentais e comportamentais compatíveis com esse espírito crítico. A lógica cinematográfica não determina a riqueza e a inteligência cultural das pessoas, ao contrário, são as experiências significativas, somadas a toda rede de aprendizagens científico-culturais acumuladas ao longo da vida que podem determinar a maneira como vemos os filmes.

3.3. Os choques de imagem e a determinação de um novo regime atencional

Conforme já previsto por Benjamin, e corroborado por TÜRCKE, o estado de agitação – simbolizado pela sucessiva “mudança de lugares e ângulos” – do universo filmico se expande para além dessa esfera artística, espraiando-se pela totalidade do corpo social. Dois exemplos relativamente banais, mas que ilustram a relação de dependência da atenção ao princípio do choque, são dados pelo autor de *Hiperativos* (2016). O primeiro diz respeito às transformações pelas quais o texto, em suas diversas plataformas, tem sido submetido a uma “des-textualização”. Mesmo a comunicação escrita de hoje tende a se render à lógica do choque imagético, de modo que a política editorial de jornais e revistas incorporam junto ao texto maiores quantidades de imagens em comparação com o que era feito há três ou quatro décadas atrás. Se observarmos comparativamente, notaremos que essa tendência tem atingido

também aos livros, especialmente os didáticos¹⁸, largamente utilizados na educação básica brasileira:

É claro que o próprio escrito se submete progressivamente ao novo regime de atenção. Todo novo impresso, que ainda quer merecer atenção, tem de se impor ao olho com impulso semelhante ao da imagem cinematográfica. [...] Sem grandes fotos coloridas, quase nada mais consegue atrair os olhares. Os jornais tornam-se cada vez “mais atrativos”, quer dizer, trazem menos textos e mais imagens, e a configuração dos livros segue atrás. [...] A totalidade do design tipográfico tem como um de seus tácitos pressupostos que praticamente ninguém tem mais concentração e resistência para estudar um texto da primeira à última página linha por linha (TÜRCKE, 2016, p. 34).

Também a prática professoral vem sofrendo mudanças, e esse é o segundo exemplo mencionado pelo filósofo. Ele nos narra o fato ocorrido em uma universidade de Frankfurt, em 2011, quando na “avaliação de rotina” de uma disciplina, “consideráveis dez por cento dos participantes sugeriram” que as aulas, de uma hora e meia cada, podiam ter “uma ou duas pausas”, ficando manifesto que “para eles [os estudantes], concentrar-se por noventa minutos corridos era simplesmente demais” (TÜRCKE, 2016, p. 35). O relato do autor assusta porque ele detalha que as exposições do professor eram, em geral, de uma hora de duração, sendo que às vezes ainda era mediada por recursos audiovisuais, e os trinta minutos restantes eram dedicados ao debate acerca do conteúdo estudado.

Decerto, estamos diante de um exemplo simples, mas potencialmente paradigmático no que diz respeito ao modelo atencional que estamos cultivando na sociedade, inclusive com o contributo de escolas e universidades. À medida em que, desde a mais tenra infância, o esforço, a persistência, a paciência e a tranquilidade não são incentivadas, os jovens estão crescendo incapazes de suportar atividades que requeiram concentração prolongada e dedicada. Assim, aos poucos a atenção dos alunos está se tornando dependente dos micros choques imagéticos proporcionados por cada fotograma ou pixel, de modo que a interrupção constante faz do choque a condição da atenção, mas de uma atenção que é, paradoxalmente, marcada pela “distração concentrada”¹⁹. E como demonstrado por Türcke, a expressão concreta disso pode ser facilmente observada na educação, onde até mesmo no contexto do

¹⁸ Em um episódio que oscila entre o cômico e o trágico, o ex-presidente brasileiro Jair Bolsonaro disse certa vez, em conversa pública com apoiadores, que os livros didáticos tinham “muita coisa escrita”, e que isso deveria ser “suavizado” nas próximas edições. Ou seja, a nível político, já há um diagnóstico, implicitamente reconhecido, de que é insuportável para o jovem estudar algo sem o suporte de ilustrações ou fotos. Cf. <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2020/01/03/bolsonaro-diz-que-livros-didaticos-tem-muita-coisa-escrita.htm>>.

¹⁹ Retornaremos ao conceito de distração concentrada no próximo capítulo, mas cabe adiantar por agora uma pequena questão de tradução: em *Sociedade excitada* encontramos a denominação “distração concentrada” (2010), já em *Hiperativos* o termo é traduzido como “dispersão concentrada” (2016). Por entendermos que esta diferença não traz nenhum prejuízo teórico ou interpretativo, no decorrer desta dissertação optaremos, fortuitamente, pela primeira tradução.

ensino superior a utilização sistemática de imagens, animações ou filmes tem se tornado quase um imperativo.

Afora esses casos, mas intimamente conectado com eles, outro fenômeno em particular começa a preocupar: a imagem se torna espetacular em si mesma a ponto de se converter em condição de comunicação, subjetivação e sociabilização. De alguma maneira, TÜRCKE já falava desse risco em *Sociedade excitada*. Porém, na era do capitalismo digitalizado e da concorrência extremada, e com o sucesso estonteante das redes sociais, surge também um fenômeno que representa a introjeção da lógica do espetáculo ao nível individual: estamos nos referindo aqui ao que Marsiel Pacífico denomina de “espetáculo de si” (PACÍFICO, 2021). Segundo este autor:

O espetáculo que habita as imagens parece um sedativo moderno extremamente sofisticado, que nos circunda e transpassa, levando consigo a capacidade de espantar-se. A experiência perde suas potencialidades formativas ao inebriar-se do suntuoso espetáculo de cores, imagens e sensações, cuja síntese estabelecida entre forma e conteúdo inibem o desenvolvimento do pensamento autônomo e a sua conseguinte dimensão emancipatória. A banalidade das distorções e antagonismos do nosso projeto moderno de sociedade passa fundamentalmente pelas sensações produzidas pelos sucessivos e ininterruptos fragmentos imagéticos que, acelerados, leva-nos à letargia; a contemplação do espetáculo das imagens na Indústria Cultural é, ao mesmo tempo, a fuga do olhar sobre a concretude do mundo. Assim, o patamar espetacular alcançado pela imagem é uma potencialização da dinâmica do capital, que ressignifica a seu modo não somente sua lógica interna, mas também e fundamentalmente a relação do homem com o mundo e sua relação consigo mesmo e com seus pares. Se as imagens estão no interior da tecnificação das relações sociais, entender a força exercida pela imagem nesse contexto, demanda o mapeamento das novas significações denotadas pelo espetáculo de si (PACÍFICO, 2021, p. 52-53).

Sob o prisma da linguagem, o pesquisador busca demonstrar em seu estudo o quanto o espetáculo transfigura-se do social para o individual e subjetivo, fazendo o ato comunicativo se adequar à lógica mercantil, onde cada um faz propaganda de si usando a infraestrutura técnico-midiática. A grande questão é que começamos adentrar num estágio no qual as técnicas tradicionais de propaganda não são mais suficientes para chamar a atenção dos espectadores. A forma se sobrepõe ao conteúdo na tentativa de capturar a atenção do outro nem que seja por instantes, de modo que pouco importa o que se veicula, mas sim a aparência chamativa, luminosa, arrebatadora, enfim, espetaculosa, que obtém, através das telas digitais, o olhar fugidio do espectador-consumidor.

Enquanto “componente fundamental do capitalismo moderno, o espetáculo encontra-se no âmbito da cultura digital, delineando-se como um novo *éthos* comunicacional, o meio pelo qual transitam as ideias e as coisas, e se constituem subjetividades e sujeitos” (PACÍFICO, 2021, p. 94). Ou seja, o sujeito contemporâneo, fortemente cercado e moldado pelo mundo das telas, incorpora a necessidade de destacar-se em meio à multiplicidade de

identidades, e assim, a espetacularização do “eu” através da superexposição da imagem de si mesmo, representa a particularização de uma lei universal do capitalismo, que é a propaganda. Com a ascensão das redes sociais, *websites* e aplicativos, é como se a indústria cultural, com todo seu potencial de fascínio, descesse dos grandes monopólios empresariais e dos escritórios de marketing, ficando assim à disposição do mais pacato indivíduo. Sem dúvida, trata-se de um processo de aprofundamento da sociedade do espetáculo, tematizada por Guy Debord. Para aparecer e ter algum destaque no turbilhão da vida digitalizada, cada um faz da sua imagem um espetáculo à parte, nem que para isso tenha que recorrer a métodos absurdos, como a exposição ao vivo do próprio suicídio em fóruns da internet (PACÍFICO, 2021). E como demonstra o autor, não se trata apenas de casos isolados, mas sim de um fenômeno cada vez mais comum, que ganha contornos de estratégia ultraradical do espetáculo de si.

Assim, dentro de todo esse contexto sociocultural, o processo de seleção, recepção, memorização e elaboração dos estímulos sensoriais, isto é, a percepção em geral, congestionase. Perceber exige atenção. O problema é que ainda na fase de seleção do estímulo, nossa visão e audição estão já sobrecarregadas, pois têm diante de si uma enxurrada de possibilidades de escolhas, e quando enfim se escolhe, dificilmente conseguimos manter-nos concentrados no estímulo selecionado, especialmente se ele não for espetacular, arrebatador, brilhoso, frenético, excitante. Consequentemente, é lícito imaginar que na concorrência com o arsenal midiático proporcionado pelas telas, os livros, por exemplo, quase sempre irão perder. Qual estímulo excita mais: os vídeos de *influencers* digitais ou uma obra literária (impressa)²⁰ pronta para ser lida num canto silencioso da casa? Em qual deles é mais fácil prestar atenção? Obviamente, para alguém que esteja cercado e mergulhado na realidade das telas, a disputa entre as duas opções chega a ser desleal.

Portanto, diante do quadro exposto, é nítido que a conjuntura sob a qual vivemos favorece a desatenção e o comportamento hiperativo. Somos sensorialmente bombardeados diuturnamente, seja nas horas de descanso e lazer, quando tais ocasiões são atravessadas pelas mídias técnico-digitais – e aqui se enquadram os noticiários televisionados, novelas, filmes/séries, redes sociais e videogames; seja nos momentos de trabalho e estudo. Na verdade, essa separação entre ócio/diversão/entretenimento e trabalho/estudo/esforço começa a perder sentido. De alguma maneira, hábitos e práticas relativamente novos como o *home*

²⁰ De acordo com Wolf (2019), não há ainda conclusões definitivas sobre as diferenças entre a leitura no livro físico e a leitura por meio de telas, porém, os resultados mais recentes de pesquisas realizadas ao redor do mundo, indicam que na oposição livro físico versus livro digital o primeiro leva vantagem, tanto em termos cognitivos e emocionais, quanto em termos de desenvolvimento da infância. Na perspectiva da autora, especialmente nos primeiros anos de vida, seria fundamental os pais privilegiarem o meio impresso e evitar ao máximo os meios digitais.

office, a educação à distância e o uso das redes sociais, advogam a favor da indistinção entre público e privado, fazendo com que haja o entrelaçamento dos diferentes momentos e lugares da vida. Onde se trabalha, estuda e pesquisa é também onde se pode espiar a vida alheia, rir com memes, ler as manchetes do dia, distrair-se com músicas ou *podcasts*. Dessa forma, trabalho e estudo, antes vistos como coisas aborrecedoras, tediosas, insossas etc. passam a se adaptar à lógica da leveza, da diversão e do prazer imediato, de tal sorte que se examinarmos mais de perto veremos que é precisamente dentro dessa lógica que o indivíduo afetado pelo TDAH se move. Sua dificuldade em persistir em tarefas que exijam maior esforço é retroalimentada por este mundo midiático e digitalizado da hiperexcitação.

3.4. O TDAH dentro da cultura do déficit de atenção

Não à toa TÜRCKE (2016) fala em “cultura do déficit de atenção”, admitindo assim que o TDAH é fruto de determinações sociais e econômicas, e não uma mera anomalia que surge espontaneamente e ao acaso. Isso faz o pensador assumir uma posição dialética a respeito da natureza do transtorno, de maneira que isto constitui um traço fundamental de sua interpretação. Acerca deste aspecto é bastante ilustrativo o título de duas subseções do livro *Hiperativos*, que são quase seguidas uma da outra, sendo uma delas designada como “Distúrbio cerebral” e a outra “Transtorno cultural”. Como pensar essa aparente contradição? Por um lado, o transtorno está realmente localizado no sistema nervoso, mas por outro é sintoma da nossa cultura?

Aqui, retornaremos àquela questão da plasticidade ou flexibilidade cerebral, brevemente comentada no início deste capítulo. Reconhecer esse princípio como dado biológico estruturante do desenvolvimento humano é parte da estratégia teórica de Christoph TÜRCKE para lidar com o TDAH, sem negar assim seu lado natural, e ao mesmo tempo sem lhe retirar a influência externa da sociedade. Ironicamente, a mesma plasticidade cerebral que possibilita a aprendizagem e o desenvolvimento individual, também pode promover o caminho inverso. Esse caráter dualístico da plasticidade cerebral é confirmado quando a neurociência afirma que ela “nos permite formar não só circuitos cada vez mais sofisticados e expandidos, mas também circuitos cada vez menos sofisticados, dependendo dos fatores ambientais” (WOLF, 2019, p. 29). Ou seja, a depender de como as conexões neurais são exercitadas (e se o são), está em aberto para elas a possibilidade de trilharem caminhos que acabam desembocando numa espécie de atrofiamento de determinadas capacidades, justamente por ser o cérebro um órgão bastante flexível.

Nesse sentido, é plausível apresentar o TDAH como um fenômeno de caráter biológico. Ao mesmo tempo, se o cérebro pode se adaptar regressivamente é porque existe um ambiente prévio que fornece as condições para tal, e é este ambiente abundante em estímulos audiovisuais que dificulta a fixação de padrões mentais por causa da ininterrupta mudança de foco a que ele submete o aparato sensorial. Esse movimento dialético, diante o qual podemos pensar nas dicotomias cérebro-ambiente, natureza-cultura ou indivíduo-sociedade, é explícito em passagens como a seguinte:

Também os cérebros têm de se ajustar aos solavancos, e não apenas diante da tela. O que começou como “efeito de choque do cinema” há tempos se transformou em regime de atenção do conjunto da sociedade. Nesse regime crescem hoje as crianças desde o nascimento. Sob ele, elas montam seus cérebros; e, quanto mais jovens elas forem, mais plásticas, mais receptivas para os intocáveis pequenos solavancos e choques com os quais se acelera a “mudança de lugares e ângulos” (TÜRCKE, 2016, p. 41).

Outro aspecto da interpretação de TÜRCKE a respeito do TDAH está ligado ao seu status ontológico, pois em nenhum momento há uma negação da existência do distúrbio. Importante esclarecer este ponto para evitar a impressão de que o filósofo seja incondicionalmente alinhado a certas posições que veem o TDAH como uma invenção médica, ou até mesmo um complô da indústria farmacêutica²¹. Entretanto, suas conclusões o fazem defender que deve sim “desaparecer” dos manuais psiquiátricos a “precipitada” classificação do TDAH “como doença” (2016, p. 46), já que, em seu entendimento, não há causas claras e precisas do problema. Prova disso é o adjetivo “multifatorial” que os especialistas normalmente utilizam para justificar a prática diagnóstica do TDAH (TÜRCKE, 2016, p. 43). Ou seja, conforme a ciência fracassa em conseguir explicar o problema em termos de produção de modelos estáveis, embasados em padrões físico-químicos ou comportamentais, ela mesma passa a recorrer a uma multiplicidade de causas (ou “fatores”), que podem variar desde pequenas lesões cerebrais até traumas familiares, passando ainda por má alimentação, problemas na gravidez, herança genética, excesso de telas, dentre outros. Daí a dificuldade em determinar o transtorno necessariamente como uma doença; todavia, tal condição não nos impede de concluir que há sim algo de errado acontecendo no organismo de uma crescente quantidade de crianças e adolescentes.

É essencial do fenômeno TDAH essa “desproporção de efeitos manifestos e ausência de causas individuais detectáveis”, de modo que o distúrbio – “que de fato está no cérebro e, na verdade, é apenas cultural – vaga como um fantasma” (TÜRCKE, 2016, p. 51). Portanto, o

²¹ Em seu site oficial a própria Associação Brasileira do Déficit de Atenção (ABDA) se dá ao trabalho de argumentar e elencar uma série de fatos, visando rebater a posição dos que defendem que o TDAH é uma “doença inventada pelos laboratórios farmacêuticos”, ou mais uma forma de aprofundar a “medicalização” da vida. Cf. <<https://tdah.org.br/tdah-e-uma-doenca-inventada/>>.

transtorno existe sim, porém, muito mais como algo indeterminado do que uma simples classificação patológica poderia sugerir, pois:

Para além da mera soma de fatores, nunca haverá entendimento sobre o que é o TDAH, na mesma medida em que uma figura não pode ser entendida pela numeração de seus elementos, posto que seja, justamente, mais do que a soma de suas partes: uma constelação. E o TDAH é um fenômeno constelativo, para não dizer plástico. Ele consiste em elementos determináveis, mas em seu bojo acolhe outros elementos, bem como os elabora e reestrutura. Nos anos 1970, esse fenômeno era novo. Não existe nenhum motivo para “riscá-lo dos manuais diagnósticos”. Não foi a pesquisa a inventá-lo. Antes, ela não pode suportá-lo: pois como tolerar a desproporção entre efeito e causas? Daí a precipitada classificação como doença, e esta é que deve tranquilamente desaparecer “dos manuais diagnósticos” [...] (TÜRCKE, 2016, p. 46).

Enfim, para encerrar esta seção, cabe discorrer brevemente sobre a visão do filósofo no tocante aos tratamentos medicamentosos (especificamente aqueles a base de metilfenidato) que costumam ser oferecidos às pessoas diagnosticadas com TDAH. Para o filósofo, ao invés de ajudar definitivamente, os remédios podem piorar a situação na medida em que inserem a dopamina no jogo dialético da adaptação. Explicando melhor: a dopamina é uma substância química autoproduzida pelo corpo, e é caracterizada por ser um importante neurotransmissor responsável por auxiliar no controle de processos excitatórios, atencionais e emocionais. Em determinada época, nos anos 1970, pesquisadores chegaram à conclusão de que era a falta de dopamina a causa de comportamentos desatentos, agitados e dispersos, e então, elevando por meios externos os níveis de dopamina no organismo, o problema seria remediado (TÜRCKE, 2016). Para efetivar isso, o metilfenidato foi o medicamento de maior sucesso nos experimentos científicos, e logo passou a ser receitado pelos profissionais da saúde como forma de enfrentamento ao TDAH.

Por ser uma substância estimulante e que exerce o papel de mensageira entre as células nervosas, a dopamina age na construção de redes neurais, quer dizer, ela é parte importante na aprendizagem cerebral, porém, quando gerada artificialmente por longo tempo, e em pequeníssimas doses, este efeito construtivo pode sofrer uma reversão. O efeito estimulante da dopamina liberada pelo metilfenidato pode acabar inibindo a liberação de dopamina sináptica, aquela que é biogênica e responsável por realizar a comunicação entre as células nervosas (TÜRCKE, 2016). Dito de outro modo, com o uso medicamentoso da dopamina, as funções de estimular e dar prazer podem coibir outras funções, como a de conexão e estruturação dos neurônios. Assim, para o filósofo alemão:

A dopamina é, por um lado, uma substância altamente “criativa”. Ela estimula interconexões sinápticas e, na verdade, contribui até mesmo para que determinadas extensões de células nervosas, as assim chamadas axonas, cresçam, de modo a oferecer a outras interconexões, mais complexas, uma variedade de perspectivas. Por outro lado, justamente por causa de sua “criatividade”, a dopamina é um

interruptor constante, para não dizer um elemento perturbador. Ela estimula, quando o cérebro é exposto a uma constante “mudança de lugares e ângulos”, uma constante revisão de interconexões sinápticas, para cuja consecução ela antes justamente contribuíra. E a “mudança de lugares e ângulos” já há tempos deixou de ser uma mudança produzida por uma câmera (TÜRCKE, 2016, p. 41).

Ora, a mesma dopamina que age “criativamente” em nosso organismo, pode agir “destrutivamente” quando deixa de promover a consolidação de certos circuitos cerebrais para ativar outros. De acordo com o filósofo, “a adaptação tem sua própria dialética” (2016, p. 48). E este movimento dialético opera tanto no nível social quanto no nível cerebral, de modo que aquela dinâmica posta em marcha com a expansão da fotografia, dos filmes e das telas em geral, atinge em cheio o que há de mais subjetivo e particular em cada um de nós; é aí onde os minúsculos choques diários agem (neuro)fisiologicamente, interrompendo a todo instante a elaboração de estímulos por causa da introdução de novos estímulos, mais violentos, reluzentes, espetaculosos. Assim, o sistema nervoso do homem se adapta por causa de sua natureza flexível, entretanto, se adapta regressivamente quando passa a maior parte do tempo exposto a um ambiente cultural que privilegia a inquietude sensório-motora e o prazer imediatista gerado pelas telas. Dessa forma:

É justamente, pois, a otimização da adequação à nova cultura da estimulação – portanto, um alto desempenho da inteligência plástica – que, no caso, conduz a pontos cegos e faz com que determinados resultados, que no decurso de uma longa história cultural conquistaram o prestígio de uma capacidade humana fundamental, deixem de ser alcançados. Do ponto de vista fisiológico, a elaboração dos estímulos funciona, por inteiro, livre de perturbação. Perturbadas são simplesmente suas condições tradicionais de trabalho. [...] o regime de atenção do cinema, que há muito busca o direcionamento da percepção da sociedade como um todo, treina o cérebro a seu modo, sobretudo segundo os padrões abruptos de sua lógica da interrupção (TÜRCKE, 2016, p. 48-49).

Chegamos aqui ao ponto crucial desta reflexão: a capacidade de atenção, histórica e filogeneticamente adquirida ao custo de – literalmente – enormes sacrifícios, corre o risco de ser perdida; primeiro, em termos ontogenéticos, mas depois, conforme avança em forma de cultura da desatenção e hiperatividade, pode também ser perdida ou reduzida em termos filogenéticos. Nesse sentido, jovens e crianças diagnosticados com TDAH seriam a representação manifesta da parte de um problema que é muito mais profundo, e cujo entendimento das verdadeiras causas não pode prescindir de uma ampla teoria social. Essa perspectiva de colocar o TDAH como uma espécie de insígnia de um fenômeno genérico, denominado por Türcke (2016) de “cultura do déficit de atenção”, nos faz legitimar e perseguir a compreensão de que o estudo pormenorizado desta sociedade deve se sobrepor ao estreitamento que a pesquisa excessivamente fixada no TDAH pode gerar.

4. INTERDIÇÃO DA EXPERIÊNCIA: ENTRE WALTER BENJAMIN E CHRISTOPH TÜRCKE

4.1. Determinantes socioeconômicos do atrofiamento da atenção e da derrocada da experiência formativa

Conforme vimos, a lógica de funcionamento do filme não ficou restrita ao campo do cinema e das artes, ao contrário, espalhou-se no tecido social, de tal sorte que a vida de cada um de nós passou a se adequar, subjetiva e objetivamente, ao ritmo das intermitências tecnológicas. Com isso, paradoxalmente, tem se tornado uma marca dessa forma de sociabilidade atual procurarmos naquilo que nos perturba sensorialmente um efeito tranquilizador. De fato, esta pode ser considerada uma característica daquilo que costumamos chamar de vício, e, não sem motivo, TÜRCKE irá defender em *Sociedade excitada* (2010) que faz parte da condição moderna a dependência fisiológica por sensações, de forma que estaríamos desenvolvendo um vício por imagens, ou melhor, estaríamos nos viciando na excitação causada pelos choques imagéticos, disparados através do arsenal midiático-tecnológico. Segundo o pensador:

O vício é a busca de um apoio vital num objeto falso, sendo que aqueles que o procuram não devem ser informados de que se trata de algo falso. Eles sentem, eles sabem que a substância na qual se aferram não fornece nenhum apoio, mas eles não têm outra e, por isso, cada vez mais se jogam a ela, a mesma substância que os priva daquilo que lhes deveria proporcionar (TÜRCKE, 2010, p. 239).

E mais adiante prossegue:

Vício é, por assim dizer, uma crença penetrada pela descrença. O viciado sabe que a substância com a qual ele se agarra não fornece um apoio verdadeiro, mas ele não tem alternativa e nela se aferra. O seu organismo “crê” na substância e não para de exigí-la, embora ele duvide de seu efeito redentor. O vício torna evidente a dimensão fisiológica da crença e da descrença [...] (TÜRCKE, 2010, p. 246).

O filósofo alemão aponta, assim, para o entendimento de que à perda de sentido ontológico-existencial que o mundo moderno secularizado traz, opõem-se formas profanas de apoio aos indivíduos, entre elas a fixação em objetos ou comportamentos viciantes, os quais, fugaz e superficialmente, proporcionam sentido existencial. E não necessariamente isso precisa ocorrer por meio do uso de substâncias químicas, haja vista a característica do vício objetivar-se em diferentes meios e objetos, inclusive o audiovisual. Desse modo, na era da alta tecnologia, da superinformação e das redes sociais, muitas pessoas têm buscado preencher seu vazio existencial naquilo que dá prazer imediato e ao mesmo tempo ocupa seus sentidos, especialmente visão e audição. Paradigmático desta situação é o caso do “O homem tomando banho de sol”, que TÜRCKE pega emprestado, novamente, de Günter Anders. Este fenômeno

começa a ser tornar típico da sociedade norte-americana do pós-guerra, e diz respeito àquele sujeito que, preenchendo seu tempo livre, toma banho de sol e, concomitantemente, passeia os olhos por uma revista ilustrada, ouve no rádio uma transmissão esportiva, e ainda ocupa as mandíbulas mascando gomas (TÜRCKE, 2010, p. 43).

A ocupação fisiológica de “o homem tomando banho de sol” representa, na perspectiva tanto de Anders quanto de Türcke, o *horror vacui*, quer dizer, ela é a tentativa de o indivíduo fugir ou preencher o vazio desesperador que ele sente ser quando está fora do emprego. “Seu trabalho acostumou-o tão definitivamente a *ser* ocupado, ou seja, a ser dependente, que, quando o trabalho acaba, não consegue estar à altura da tarefa de ocupar a si próprio” (ANDERS, 1956, p. 138 apud TÜRCKE, 2010, p. 43). Este tipo de sujeito necessita de vários estímulos para se autossuportar, ele simplesmente não sabe, e talvez nem consiga, ter quaisquer outras coisas para fazer que não sejam atividades de contínua estimulação sensorio-motora. Ler um livro do começo ao fim? Contemplar quadros, esculturas ou paisagens por largos períodos? Nada disso lhe é possível, pois comportamentos deste tipo lhe são insuportáveis – inclusive fisiologicamente falando. E apesar de Türcke reconhecer um certo exagero do modelo comportamental representado no “homem tomando banho de sol”, ele acredita que tal modelo “se encontra em vias de tornar-se normal enquanto durarem as relações presentes de ocupação” (2010, p. 43).

Theodor Adorno (2002), em sua palestra *Tempo livre*, já havia feito indicações de como o capitalismo tardio estava se apropriando dos momentos de ócio dos trabalhadores para inculcar nestes a ideologia e a lógica do mercado. Com efeito, a indústria cultural é encarregada de assumir o tempo livre do trabalhador, devendo ele se manter ocupado por atividades tão alienantes e reificadas quantos aquelas exercidas nos escritórios ou nas fábricas, de maneira que a vida fora do trabalho passa a ser apenas a extensão da vida miserável vivida quando se está nele.

Interessante notar que Türcke segue essa tradição de explicar o fenômeno do tempo livre por uma via materialista, ou seja, vinculando-o às determinações históricas e concretas do capitalismo, como podemos verificar na citação a seguir:

A ociosidade representava antigamente um sinal de plenitude. Se não se cultivasse uma, de um total de três áreas, deixando-a recuperar-se para uma nova fertilidade, significava que o agricultor podia dar-se ao luxo de fazê-lo. Se debaixo da cama houvesse uma meia toda cheia de ouro e joias, intocada, queria dizer que se tinha economias. Hoje, um pedaço de terra sem cultivo ou uma meia de dinheiro, que não gera juros, são associados a dissipação ou vazio. O caso exemplar e mais extremo desse vazio moderno é dado pela força de trabalho desocupada. É sabido que antes do capitalismo o desemprego era uma ocorrência esporádica. Ele só se tornou decisivo e uma ameaça à existência quando a maioria da população foi obrigada, para melhor ou pior, a levar sua força de trabalho ao mercado e a oferecê-la aos

proprietários dos instrumentos e das condições de trabalho. E quando uma ameaça econômica vital perdura por gerações, ou mesmo se agrava, não é de todo improvável que comece a transformar-se em algo natural (TÜRCKE, 2010, p. 42).

Ora, está aí a gênese do *horror vacui* que se apodera daquele “homem tomando banho de sol”, e a indústria cultural surge para, literalmente, dar sentido, preencher de alguma forma essa desocupação – ou vazio – econômico e sensorial. Além do medo do desemprego econômico-financeiro, que ameaça aos milhões no sistema capitalista, temos em marcha agora também o medo do “desemprego” sensorio-fisiológico atingindo as grandes massas. Quase todos querem emitir sinais de existência, preponderantemente em forma de imagens, para que assim sejam percebidos; e, ao mesmo tempo, querem receber os sinais de outros, de maneira que consigam manter seu aparato sensorial ocupado, “empregado”. Ou seja, a ameaça e a aversão ao desemprego penetram o âmbito fisiológico, e a alta tecnologia serve de ferramenta propulsora para que todos sintam-se (sentimentalmente/subjetivamente e fisiologicamente/sensorialmente) integrados ao mundo-mercado, pois é somente dentro deste padrão de vida que a existência passa a ser aceita e reconhecida. O problema é que numa situação como essa o homem acaba por não persistir em nada, pois sendo um todo orgânico unificado, ele encontra-se disperso e decomposto em partes, como se cada órgão fosse um sujeito diferente que se mantém ocupado com uma sensação diferente, de modo a não se deter em nada profunda e absolutamente. Esse é o caso de “o homem tomando banho de sol”, que de exceção pode vir a ser a regra:

Anders exagera, porém antecipa o que desde então foi muitas vezes confirmado com respeito aos desempregados. São justamente eles que são especialmente assolados por uma inquietude motora, e que sentem uma compulsão tão dolorosa a ocupar-se, porque não podem dar-lhe vazão sob a forma de uma atividade socialmente reconhecida. Sem dúvida, há regiões no mundo – como o Tibete, a Amazônia ou o Saara – onde a fisiologia de “O homem tomando banho de sol” ainda não se impôs [...]. Mas nos últimos 50 anos, com o auxílio de aparelhos de som portáteis, telefones celulares e *laptops*, ela tem avançado por todo o globo, desenvolvendo novos padrões comportamentais híbridos como, por exemplo, simultaneamente assistir à televisão, mandar *e-mails*, telefonar, acariciar o cachorrinho ou o ser amado [...] E também pertence a esse fenômeno o fato de a compulsão difusa e generalizada para fazer algo, aquele coletivo malabarismo defensivo contra a desocupação, que mesmo no tempo livre não desaparece e que é preenchida até sua capacidade máxima com o que lhe é “ofertado”, sofrer uma notável estandardização [...] (TÜRCKE, 2010, p. 44).

Inegavelmente, em sentido macro, as razões desse cenário que se desenha desde o século passado somente são localizáveis a partir da compreensão da estrutura econômica do mundo ocidental-capitalista. O princípio segundo o qual “A pressão concorrencial pertence ao capitalismo assim como a pressão sanguínea pertence ao corpo” é exacerbado ao extremo a partir dos anos 1970, quando recebeu um forte “empurrão da alta tecnologia” (TÜRCKE,

2010, p. 20). O desenvolvimento da microeletrônica foi fundamental para o surgimento do capitalismo de tipo neoliberal, no qual nem os produtos e serviços mais básicos deixam de se submeter às leis do mercado. Nesse sentido, TÜRCKE (2010) elenca uma série de políticas neoliberais que foram implementadas em grande escala a partir dos anos 1980, e que, no final das contas, colaboraram para pressionar pessoas e instituições a mergulharem de cabeça nos valores da sociedade de mercado: diversos ofícios, antes realizados por seres humanos de carne e osso, foram ocupados por computadores e *softwares*; a privatização de empresas estatais; a flexibilização de contratos de trabalho; o enfraquecimento das políticas de proteção social. A raiz desses processos está nos imperativos de desregulamentação da economia e de adequação do Estado e da esfera pública ao modelo empresarial. Para TÜRCKE, a desregulamentação empreendida pelos americanos, e que também avançava na Ásia e na Europa, visava:

[...] a uma mudança de mentalidade – romper um tabu que durante um século e meio havia se firmado na base do capitalismo paulatinamente, como um calo, e que havia ao mesmo tempo consolidado e restringido o sistema: o de que determinados empreendimentos estatais de base seriam direito de todos, merecendo, assim, uma proteção categórica contra as leis do mercado. Agora, isso já não era mais evidente. Por que deveria haver serviços não rentáveis? Com essa simples pergunta desconcertante iniciou-se a desregulamentação. Sob seu ponto de vista, nenhuma instituição, nenhuma firma, nenhum grupo têm direito à existência se não estiver em condições de se manter economicamente [...]. Não que com isso todas as instituições sociais se tornem firmas, mas se deixa bem claro a todas que a firma é o modelo que doravante devem seguir e o padrão pelo qual serão medidas (TÜRCKE, 2010, p. 22-23)

Compreender essas análises de cunho mais econômico nos permite ligar os pontos e perceber que é no campo das disputas e transformações dos sistemas sociais de produção que ocorrem os ordenamentos da superestrutura social. Individualismo, desregulamentação, concorrência e propaganda são princípios e valores típicos do capitalismo, mas que são exponenciados na fase neoliberal do capital, que por sua vez só foi possibilitada pelo desenvolvimento “estonteante” de novas tecnologias nascentes do “*Silicon Valley* californiano” (TÜRCKE, 2010, p. 21). Tais princípios e valores, no decorrer no tempo, penetram os sujeitos, modelando suas subjetividades, comportamentos e até mesmo sua constituição neurofisiológica. Sendo assim, o caráter individual da luta pela atenção, que também é uma luta pela existência, poder ser entendido como fruto de um processo econômico-social maior. Especial menção aqui para a propaganda. Enquanto princípio fundamental do mercado, ou seja, enquanto “laboratório estético-psicológico-fisiológico para o teste das formas comunicacionais mais pregnantes” (TÜRCKE, 2010, p. 28), o comercial

transforma-se em modelo supremo de comportamento comunicativo. Isso fica claro nesta passagem:

À exposição de mercadorias pertence, agora, seu louvor a altos brados. E quando o mercado, onde isso acontece, deixa de ser um lugar para a troca de bens e torna-se uma instância central de socialização, sob a qual as relações inter-humanas e o trato pessoal começam a ser regulados, então é apenas questão de tempo para que a preconização das mercadorias se autonomize em uma própria forma de comportamento comunicativo (TÜRCKE, 2010, p. 34)

Sem perder de vista a função essencial da propaganda, que é anunciar mercadorias e fazer vendê-las, utilizando para isso técnicas comunicacionais das mais sofisticadas, o mercado fez o comercial introjetar-se nas pessoas na forma de princípio ontológico, pois a existência, o reconhecimento social e a capacidade de sentir e perceber são subsumidas ao potencial propagandístico que a imagem de cada um alcança. Isso já foi constatado num dos capítulos desta pesquisa, cabe então agora buscar pensar quais são as consequências para a experiência formativa quando a propaganda e os demais valores da sociedade de mercado tornam-se forças impregnadas na dimensão social e subjetiva da vida.

4.2. A experiência (*Erfahrung*) segundo as concepções de Walter Benjamin

Podemos afirmar que a filosofia de TÜRCKE entrega, de maneira sistematizada, subsídios históricos e argumentos filosóficos para efetivarmos um diagnóstico crítico do tempo presente, todavia, sob formato mais ensaístico e fragmentado, várias reflexões de Walter Benjamin antecipam problemas examinados por aquele pensador. Um deles é a questão da experiência (no original alemão: *Erfahrung*).

Apesar de TÜRCKE não se deter em reflexões explícitas acerca deste conceito, devemos reconhecer que isso não impossibilita extrair de seu pensamento reflexões frutíferas para repensar as experiências na contemporaneidade, principalmente por causa de algumas ideias contidas no primeiro capítulo de *Sociedade excitada*, onde ele examina situações em que pessoas tiveram sua capacidade de experiência reduzida à excitação sensorial. Na verdade, a seção anterior foi justamente um primeiro movimento de fazer essa aproximação entre os dois pensadores, tentando assim demonstrar como o autor de *Sociedade excitada* problematiza as condicionantes históricas e socioeconômicas da experiência moderna, e como, com isso, fornece elementos para entendermos como se manifesta a experiência na civilização da alta tecnologia. Isso foi necessário porque este trabalho mais sistemático de buscar as causas, assim como as expressões concretas da experiência moderna, não se encontram de maneira tão objetiva nos escritos de Benjamin. Mas voltaremos a esse ponto mais tarde.

Por enquanto, dentre os nexos possíveis entre o pensamento dos dois autores, gostaríamos de destacar no restante desta dissertação apenas um: a dependência da experiência (*Erfahrung*) -- no sentido de condição necessária, mas não de condição suficiente -- em relação à capacidade de atenção. Ou seja: em que medida a faculdade atencional dos seres humanos é condição de possibilidade para se vivenciar experiências significativas, ricas e autênticas? Nos parece bastante claro que aquilo que Benjamin denomina experiência (*Erfahrung*) está em estreita correlação com a atenção, e se vivemos numa época de déficits de atenção “induzidos ambientalmente” (WOLF, 2019, p. 90), conforme discutimos até o momento, então o acesso às experiências também está seriamente prejudicado.

Para melhor esclarecer essa relação entre experiência e atenção, vale enfatizar que não estamos entendendo a derrocada da primeira como um efeito do comprometimento da segunda. Ou seja, não se trata de uma relação de causalidade, onde os déficits atencionais gerariam o empobrecimento da experiência, para já utilizar aqui a terminologia benjaminiana. O aspecto principal da relação entre os dois conceitos, e que tentamos defender nesta dissertação recorrendo inclusive aos achados empíricos das neurociências, é que sem a capacidade fisiológica da atenção não há meios biológicos/materiais para o reestabelecimento da experiência formativa. Ora, afirmar que a capacidade atencional é a base biológica que possibilita a experiência não significa dizer que preservando a atenção garantiremos experiência (*Erfahrung*). Porém, tampouco queremos afirmar a tese contrária, isto é, a de que a derrocada da experiência (*Erfahrung*) leva ao atrofiamento da atenção, pois isso incorreria sustentar a ideia de que para tal fenômeno se concretizar a atenção seria um elemento dispensável. Se assim o fosse, repassar experiências de uma pessoa para outra, de um coletivo espaço-temporal para outro, por exemplo contando histórias herdadas de uma determinada tradição oral, não exigiria predicados atencionais? Conseguimos imaginar alguém se apropriando e incorporando experiências narradas sem para isso estar em estado de atenção dedicada àquele momento? Nesse sentido, conforme exposto, não se trata de uma relação de causalidade, mas de dependência, da atenção como uma condição *sine qua non* para a experiência em geral.

Bem, mas afinal, qual o significado de “experiência” (*Erfahrung*) na filosofia de Walter Benjamin? De que maneira esta noção se diferencia da palavra “experiência” usada em outros contextos, distintos do universo benjaminiano? Delimitar um núcleo conceitual para a experiência (*Erfahrung*) na obra do berlinense não é tão simples, pois a própria dinâmica de pensamento do autor deixa em aberto possibilidades diversas de interpretação. No entanto, é plausível que, recorrendo a alguns de seus textos clássicos, como *Experiência e pobreza*

(escrito em 1933), *O Contador de histórias* (escrito em 1936)²² e *Sobre alguns motivos na obra Baudelaire* (redigido em 1939), consigamos retirar conclusões mais ou menos consensuais sobre o conceito de experiência (*Erfahrung*). Isso será de fundamental importância para que possamos, ao final, sustentar a ideia de que o declínio da experiência formativa está em estreita correlação com o atrofiamento da capacidade atencional, e que, nesse sentido, cabe às instituições escolares posicionarem-se como espaços de resistência, sendo elas um local em que o cultivo da atenção não deve se dobrar à lógica do choque.

Desde a juventude até sua fase mais madura, o tema da experiência (*Erfahrung*)²³ e seu significado atravessa a obra benjaminiana, nunca deixando de ser reatualizado e/ou complementado. Não obstante esta sinuosa trajetória, para atender a finalidade da presente pesquisa é suficiente frisarmos três momentos do itinerário do conceito. Em linhas gerais, podemos resumir cada um deles mais ou menos da seguinte maneira: 1) Elaboração e aceitação de um sentido moderno de experiência, forjado a partir da admissão da que o mundo do século XX é pobre de experiências comunicáveis, e que, assentado nesse pressuposto, é necessário reconstruir a experiência aproveitando o pouco das condições que ainda restam. Tal perspectiva está exposta em *Experiência e pobreza* (2021). 2) Espécie de complemento do primeiro sentido, mas numa direção oposta, valorizando não exatamente a modernidade, e sim as formas tradicionais e pré-modernas de comunicação, de maneira que estas deveriam ser levadas em conta numa eventual reconstrução da experiência. Assim como no primeiro momento, aqui a experiência está diretamente atrelada a uma dimensão prática e moral. *O contador de histórias* (2018) é o escrito em que Benjamin desenvolve esta perspectiva. 3) Há aqui a separação entre experiência e vivência (*Erlebnis*), de modo que a vivência se diferencia da experiência na medida em que aquela é tipicamente moderna, passageira e fugaz, não ficando guardada na memória dos sujeitos, pois apoia-se na hiperestimulação dos choques sensoriais que atravessam a vida na sociedade capitalista moderna. Essa terceira visão está presente no texto *Sobre alguns motivos em Baudelaire* (2015). Pois bem, faremos daqui

²² Ficou consagrada na recepção brasileira da obra de Benjamin traduzir este ensaio como “O narrador”, mas, numa versão recente do texto, publicada pela editora Hedra, a tradutora, Patrícia Lavelle, propõe romper o consenso até então aparentemente bem estabelecido, e modificar o título para “O contador de histórias”. Dois motivos são apresentados pelos revisores da tradução para justificar essa decisão: em outras línguas, como o inglês e o francês, o texto de Benjamin teve seu título traduzido por termos equivalentes a quem conta histórias (*conteur* no francês, e *storyteller*, no inglês). Em segundo lugar, existe um bilhete que Benjamin deixou escrito a um colega francês, onde ele mesmo sugere que seria melhor traduzir o ensaio por “O contador de histórias” (PINHO, MACHADO; 2018, p. 13).

²³ Desde o início deste capítulo, quase todas as vezes a palavra “experiência” foi escrita com o termo alemão entre parênteses porque estávamos nos referindo à noção dentro do escopo da filosofia de Benjamin, e, quando ela apareceu sozinha, foi em razão de seu significando ser mais genérico. Daqui até o final desta seção, dispensaremos o uso do termo correspondente alemão, haja vista que o conceito somente aparecerá no sentido benjaminiano.

adiante o maior detalhamento de cada um destes momentos, e assim, encontrar inspiração na filosofia benjaminiana para repensarmos, junto às condições da experiência na atualidade, as perspectivas de efetivá-la.

No pequeno ensaio *Experiência e pobreza*, Benjamin (2021) busca ressignificar a experiência moderna a partir da constatação de um novo tipo de pobreza que assola a humanidade, a saber, a pobreza na capacidade de realizar experiências comunicáveis. Tal conclusão emerge do então conturbado contexto histórico da década de 1930, quando o mundo europeu, arrasado pela Primeira Guerra e suas terríveis consequências (humanitárias, econômicas e políticas), já estava em vias de entrar definitivamente numa outra grande guerra, de modo que o cenário vislumbrado pelo filósofo era nada menos que sombrio. O diagnóstico de empobrecimento da experiência parece estar associado a uma redução semântica a qual foi submetido o conceito, uma redução de caráter técnico e instrumental. E é justamente dentro desse quadro de limitação do significado da experiência é que foram formadas culturalmente as gerações responsáveis pelas grandes guerras.

Por certo, não encontramos esta formulação no texto de Benjamin, entretanto, ela é respaldada em fragmentos como os seguintes: “A detestável mistura de estilos e visões do século passado [século XIX] mostrou-nos tão claramente aonde leva *o uso hipócrita e simulado da experiência*, que é uma questão de honra confessar hoje a nossa pobreza” (2021, p. 86, grifo nosso). Pouco mais adiante, ao observar que as pessoas têm anseio por um mundo onde “possam afirmar de forma tão pura e clara sua pobreza” exterior e interior, o autor nega que essas pessoas sejam ignorantes ou inexperientes, pois: “Muitas vezes é o contrário que se verifica: tiveram de ‘engolir’ tudo isso, a ‘cultura’ e ‘o Homem’, e ficaram saturadas e cansadas” (2021, p. 89). A concepção estreita e positivista de experiência é um dos fundamentos de certo tipo de racionalidade, que por um lado ensejou o gigantesco salto técnico-científico da humanidade nos séculos XVIII e XIX, mas, por outro lado, esse mesmo “gigantesco desenvolvimento da técnica levou a que se abatesse sobre as pessoas uma forma de pobreza totalmente nova” (BENJAMIN, 2021, p. 86).

Com efeito, neste opúsculo de 1933 a idealização de experiência que o filósofo berlinense tinha em mente estava muito mais ligado às formas de vida e de comunicação pré-modernas e pré-capitalistas do que qualquer outra acepção corrente do termo. Assim, a experiência seria constituída por situações ou acontecimentos dotados de um conteúdo tal que a narração deles, por parte das pessoas mais velhas, poderia ser de interesse das gerações vindouras (BENJAMIN, 2021). Tudo aquilo que foi vivenciado de maneira marcante e significativa por sujeitos coletivos, interligados por uma determinada tradição espaço-

temporal, seria passível de ser transmitido via contos, fábulas, provérbios ou conselhos – ou seja, repassados através de modos de expressão essencialmente oralizados.

Ora, uma disposição social que privilegie tais formas de expressão é anacrônica ao capitalismo avançado em que vivemos, e Benjamin sabia bem disso. A adequação da vida privada e coletiva ao ritmo de trabalho da sociedade industrial é incompatível com a perduração das experiências, sendo sua destruição um dado evidente. Acontece que dessa constatação, o pensador não se resigna, pois traz à luz um conceito “novo” e “positivo” de “barbárie” (BENJAMIN, 2021, p. 87). Nas palavras do autor:

Senão vejamos aonde essa nova pobreza leva o bárbaro. Leva-o a começar tudo de novo, a voltar ao princípio, a saber viver com pouco, a construir algo com esse pouco, sem olhar nem à esquerda nem à direita. Entre os grandes criadores sempre existiram os implacáveis, que começaram por fazer tábua rasa. Queriam uma prancheta, foram construtores (BENJAMIN, 2021, p. 87).

Trata-se de, admitindo a ruína da experiência, juntar os cacos do que sobrou e erigir outras possibilidades de experienciar o mundo, sendo necessário para esse empreendimento a “absoluta ausência de ilusões” no que diz respeito à nossa época, mas é também necessário somar a essa desilusão “uma total identificação” com esta mesma época (BENJAMIN, 2021, p. 87). Para exemplificar o surgimento desses “bárbaros” e seus diferentes contextos históricos, Benjamin cita nomes da filosofia, da ciência e das artes, sempre considerando o papel de renovação – a partir do zero ou do pouco que havia sobrado – que eles assumiram em suas respectivas áreas. Nesse sentido, por mais paradoxal que possa parecer, com a assumpção do empobrecimento das experiências partilháveis, seria tarefa histórica de nosso tempo recriar e reconstruir uma nova cultura que, “se necessário for”, prepare a humanidade para “sobreviver à cultura” (BENJAMIN, 2021, p. 90). Desse modo, não caberia a nós apenas nos resignarmos à negatividade da constatação, e sim nos esforçarmos para estar ao “lado daqueles que desde sempre fizeram do radicalmente novo a sua causa, com lucidez e capacidade de renúncia” (BENJAMIN, 2021, p. 90), sem ilusões, e ainda assim identificados com o tempo presente de qual são fruto. Em última instância, *Experiência e pobreza* preconiza um tipo de engajamento ético do ser humano, onde este se compromete, como um “bárbaro do bem”, em reconstruir a experiência a partir de sua iminente destruição.

Perspectiva menos propositiva é encontrada em *O contador de histórias*, onde é feita a relação entre o declínio da arte de contar histórias com o declínio da experiência. Visando demonstrar essa ideia, o autor toma como paradigma o contista russo Nikolai Leskov (1831-1895), visando assim sintetizar os traços fundamentais do narrador enquanto agente de transmissão de experiências entre as diferentes gerações. Leskov incorpora, na visão de

Benjamin, a figura do narrador genuíno, sendo o escritor russo aquele tipo de “grande contador”, que tem “suas raízes no povo, e em primeiro lugar nas camadas artesanais” (BENJAMIN, 2018, p. 46), mas que, devido à técnica e seu avanço junto à sociabilidade capitalista, está em rota de extinção. Inclusive partilhando passagens quase idênticas de *Experiência e pobreza*, o diagnóstico (de declínio da experiência) presente em *O contador de histórias* é essencialmente o mesmo do opúsculo de 1933, porém, num tom mais nostálgico, saudosista talvez. De acordo com o filósofo:

Torna-se cada vez mais raro encontramos pessoas que ainda sabem contar alguma coisa. Cada vez mais frequentemente generaliza-se o embaraço quando, num grupo, alguém pede uma história. É como se tivéssemos sido privados de uma faculdade que nos parecia inalienável, e era a mais segura entre todas: a faculdade de trocar experiências. Uma causa desse fenômeno é clara: a cotação da experiência caiu. E parece que continuará a cair infinitamente. Basta olharmos os jornais para constatarmos que ela atingiu um novo nível, ainda mais baixo [...] (BENJAMIN, 2018, p. 20)

Aqui, mais uma vez o conceito de experiência surge enquanto possibilidade de a entender como aquela massa de matéria vivida por sujeitos inseridos, enraizados, num espaço e num tempo compartilhados coletivamente, e que, sendo expressa artesanalmente pela narração, vale a pena ser transmitida e assimilada pela posteridade por causa de seu valor moral de sabedoria prática. Herdar e repassar experiências confunde-se com ser capaz de aconselhar a si próprio e a seu próximo numa forma viva de linguagem, ou seja, mobilizando expressões comunicacionais que promovam a interação humana dentro de um horizonte comum de produção histórica. Isso pode, conforme já dito, ser efetivado através de provérbios, contos de fadas, fábulas, mitologias etc. – modos de comunicação humana que ou são, ou se aproximam muito, da linguagem oralizada, e que sob o domínio do capitalismo avançado têm perdido força. Contar e ouvir histórias (ou estórias) demanda, como condição mínima, paciência e atenção, e o contador de histórias (o narrador) cumpre a função de transmitir experiências ao narrar; experiências estas que são significativas porque imprimiram-se na vida de antepassados e imprimem-se na vida dos que a ouvem, resistindo assim ao transcorrer do tempo. Por conseguinte, a respeito da verdadeira narrativa e seu definhamento moderno, o autor nos diz que:

Ela traz em si, abertamente ou de modo secreto, sua utilidade. Tal utilidade pode aparecer aqui numa moral, ali numa recomendação prática, ou ainda num provérbio ou numa regra de vida – em cada um desses casos, o contador é um homem que sabe dar conselhos aos seus ouvintes. Mas se hoje em dia “saber aconselhar” começa a soar antiquado aos ouvidos, isso se deve à perda progressiva da comunicabilidade da experiência. Por isso não sabemos mais dar conselhos, nem a nós mesmos nem aos outros. Conselho é menos a resposta a uma pergunta do que uma sugestão de continuação para uma história (que está se desenrolando). Para obtê-lo, é preciso primeiro ser capaz de contá-la [...]. Conselho, entretido na matéria vivida, é

sabedoria. A arte de contar se aproxima de seu fim pois o lado épico da verdade, a sabedoria, está se extinguindo (BENJAMIN, 2018, p. 24-25).

Diferentemente de *Experiência e pobreza*, no ensaio de 1936 há a tentativa mais explícita de apontar as causas concretas da derrocada da arte narrativa e sua correspondente perda de capacidade de comunicar experiências. Tais causas encontram-se especificamente em duas novidades condicionadas pela época burguesa: a literatura de romance e, principalmente, o advento da informação. Segundo Benjamin (2018, p. 27), embora já existissem em circunstâncias bastante distintas desde a Antiguidade, ambas formas de comunicação ganham configuração totalmente nova a partir das condições materiais – destaque aqui para o surgimento da imprensa – do mundo burguês. No tocante ao romance, as palavras de Patrícia Lavelle resumem bem a crítica de Benjamin:

Se os contos podem ser compartilhados e transmitidos oralmente, a recepção do romance implica a leitura silenciosa pelo indivíduo isolado. É também a perplexidade diante da singularidade individual que orienta o romance; este se interroga fundamentalmente sobre a infabilidade do sentido de uma vida e sua conclusão corresponde simbolicamente à morte do personagem. O conto, ao contrário, coloca a questão moral de tal modo que a história não se acaba com seu fim, mas suscita a interrogação sobre o que aconteceu depois, abrindo-se assim a outras histórias (LAVELLE, 2018, p. 275).

Portanto, a difusão do romance, o qual tende a individualizar as representações e projeções de quem os lê e os ouve, é o primeiro motivo do ocaso da arte narrativa como modelo de transmissão de experiências.

Todavia, ainda mais impactante às formas oralizadas e pré-capitalistas de comunicação é a expansão técnica das possibilidades de disseminação de informações, a qual prejudicou até mesmo o romance. Esse aspecto causador da ruína da experiência nos obriga a observá-lo com maior cuidado. Pois se nos tempos de Benjamin o nível excessivo de notícias e informações que atravessam a percepção humana já se mostrava preocupante ao pensamento filosófico ocupado com a experiência moderna, o que dizer então dos dias atuais, onde a informação ultrapassou em muito os limites dos jornais impressos (meio quase que exclusivo de veicular notícias nos primórdios do século XX)? Aliás, diga-se de passagem, é emblemático dessa situação ter se tornado jargão classificar nossa sociedade como “sociedade da informação”. Contrariamente às histórias antigas – que mesmo “depois de milhares de anos” ainda despertam “espanto e reflexão”, conservando em si um “poder de germinar” algo de positivo em quem com elas tem íntimo contato (BENJAMIN, 2018, p. 30) –, a informação é por natureza momentânea, provisória, rasa e pobre na relação que mantém entre quem a redige e quem a lê.

[..] a informação sobre os acontecimentos próximos encontra hoje audiência muito maior do que a mensagem que vem de longe. A mensagem que vinha de longe – seja

especialmente, de terras estrangeiras, seja temporalmente, da tradição – dispunha de uma autoridade que lhe fornecia validade mesmo onde não fora submetida ao controle. Mas a informação reclama verificação imediata. Em primeiro lugar, ela precisa ser “compreensível em si e para si”. Frequentemente não é mais exata do que relatos dos séculos anteriores. Entretanto, enquanto estes podiam lançar mão do maravilhoso, a informação deve soar plausível. Por isso ela é irreconciliável com o espírito do conto. Se a arte de contar tornou-se hoje rara, a difusão da informação desempenhou um papel decisivo em tal situação (BENJAMIN, 2018, p. 28).

A ascensão dos noticiários expande exponencialmente a quantidade de informações em circulação, elevando-a assim à categoria comunicacional essencial da modernidade. A informação comunica, mas na forma de choque, pois “tira seu valor do instante em que é nova”, de modo que sua existência depende desse instante, devendo “render-se a ele e explicar-se nele sem perda de tempo” (BENJAMIN, 2018, p. 29-30). Essa sobrevalorização do instante, do tempo presente, desfavorece a memória individual e coletiva, pois a importância dos acontecimentos limita-se a apenas momentos passageiros, que normalmente não oferecem nada de tão relevante que possa perdurar no tempo. Nesse sentido, o horizonte da informação é limitado espacial e temporalmente, baseado no aqui e agora, e, portanto, ela não se vincula a uma tradição, e nem a uma comunidade de sujeitos interligados culturalmente.

Outro aspecto importante é que o noticiário, e todo gênero de informação midiática, tende a se oferecer às pessoas de modo desconexo, sem uma história em comum com outras notícias, sempre impondo explicações prontas e acabadas para o leitor. Com efeito, na perspectiva benjaminiana, a comunicação humana quando pautada pelos modelos informacionais afeta decisivamente a capacidade intelectual e imaginativa das pessoas, na medida em que a notícia não deixa espaço para a elaboração de novas interpretações, pois seu sentido é único e fechado. A fantasia, a criação, o mistério, os segredos, a dubiedade: nada disso pode sobreviver na informação se ela quer realmente cumprir seu objetivo natural, que é justamente informar. Sendo assim, em comparação com o romance, a informação seria ainda mais destrutiva para a experiência. É o que confirmamos junto à autora da citação abaixo:

[...] o declínio da arte de contar que se enraíza na tradição oral corresponde à emergência do romance, mas se acentua com a própria crise deste, associada à importância crescente da informação que encontra seu espaço nos jornais. Ora, esta se caracteriza pela proximidade, pela plausibilidade e pela explicação dos fatos. O saber que vem de longe para se transmitir misteriosamente nos contos não tem nenhum valor informativo. O interesse da informação está na proximidade, no aqui e agora dos eventos que nunca vêm sem numerosas explicações. Nela, nada é deixado ao julgamento do leitor (LAVELLE, 2018, p. 275-276).

Finalmente, sobre *O contador de histórias* é possível compreendê-lo como praticamente um complemento ao ensaio *Experiência e pobreza*. Todavia, uma diferença capital é que no texto de 1936 o conceito benjaminiano de experiência é mais claramente

compreendido em sua estreita dependência com uma forma de vida essencialmente pré-moderna e pré-capitalista, enquanto no pequeno de ensaio de 1933 esse sentido fica um tanto vago, recaindo sua ênfase numa reconstrução moderna da experiência. Grosso modo, em um texto temos a apresentação do problema e suas possíveis causas, no outro encontramos indicações de como contorná-lo, buscando assim arrefecer seus efeitos.

Completando a tríade de ensaios benjaminianos que tratam da questão do rebaixamento da experiência, agora analisaremos *Sobre alguns motivos na obra de Baudelaire*. Neste que foi um de seus últimos trabalhos, o pensador berlinense aborda a experiência em paralelo com um tema maior, o da modernidade europeia. Para tanto, elege a figura do poeta francês Charles Baudelaire (1821-1867) como alguém que com sua arte consegue representar o espírito de toda uma época. No escopo do que importa a esta dissertação, a constatação de maior impacto é que, na visão de Benjamin, o processo de perda da experiência é congênito ao desenvolvimento da civilização ocidental.

Para entendermos essa tese, outra vez se faz necessário ter em mente a Revolução Industrial. Apesar de não fazer menção explícita, ela subjaz a estrutura argumentativa de Benjamin, na medida em que tal Revolução foi o impulso capitalista para o crescimento exponencial (geográfico e econômico) das cidades europeias do século XIX. Devido o êxodo rural, o empilhamento de seres humanos em espaços urbanos e industrializados começa a tornar comum as megacidades, e com elas o surgimento de massas amorfas de pessoas cada vez mais atomizadas, que passam a viver sob o ritmo frenético do trabalho maquinal. À medida que o tempo passa, essas transformações demográficas e socioeconômicas se consolidam, e assim se sedimentam como condições permanentes da vida objetiva e subjetiva, de modo que as artes, assim como a própria percepção humana, transformam-se qualitativamente.

Conforme as invenções técnicas da modernidade se aglutinam e se incorporam às massas, elas propiciam aos homens das grandes metrópoles uma enormidade de situações que causam pequenos choques sensoriais, isto é, impressões e percepções que por possuírem, em escala mínima, um elemento de susto ou surpresa, atormentam o aparato neurofisiológico, praticamente sem lhe dar descanso. É neste sentido que, comentando o impacto das técnicas de imagem e som nas atividades sensoriais e fisiológicas do homem moderno, Benjamin diz:

Entre os inúmeros gestos que serviram para ligar, inserir, acionar, etc., um dos de maiores consequências foi o *click* do fotógrafo. Bastava a pressão de um dedo para fixar um acontecimento por tempo ilimitado. O aparelho, por assim dizer, aplicava ao instante um choque póstumo. A essas experiências táteis vieram juntar-se outras, ópticas, com as seções de anúncios num jornal, mas também o trânsito nas cidades. Mover-se através dele significa para o indivíduo sofrer uma série de choques e

colisões. Nos pontos de cruzamento mais perigosos, atravessam-no vários choques nervosos em rápida sequência, como descargas de uma bateria. Baudelaire refere-se ao homem que mergulha na multidão como num reservatório de energia elétrica [...]. Assim, a técnica foi submetendo o sistema sensorial humano a um treino complexo. E chegou um dia em que o cinema veio corresponder a uma nova e urgente necessidade de estímulos. No cinema afirma-se a percepção sob a forma de choque como princípio formal. Aquilo que determina o ritmo de produção na linha de montagem corresponde no cinema ao ritmo subjacente à percepção (BENJAMIN, 2015, p. 127-128).

Quer dizer, a reconfiguração pela qual passa as cidades nos séculos XVIII e XIX, tende a alterar, de modo decisivo, a faculdade humana de realizar experiências. Toda expressão artística sofre um déficit em suas condições de recepção pelo público, e “recepção” aqui entendida inclusive em termos sensoriais e perceptivos. Na esteira desse processo, gêneros literários tradicionais que são tipicamente mobilizadores da experiência, como a poesia lírica, começam a ser colocados em suspensão: até que ponto eles poderão ser fundados “numa experiência para a qual a vivência do choque se tornou norma”? (BENJAMIN, 2015, p. 113). Assim, a experiência transforma-se em vivência na medida em que o organismo direciona, repetidas vezes, seus esforços conscientes para resistir ou proteger-se dos choques. É pouco provável que certas impressões sensoriais sejam “incorporadas na experiência”, de modo que elas “mais facilmente corresponderão ao conceito de vivência”, pois uma vez que o choque é amortecido pelo organismo, o acontecimento até “ganha um lugar temporal exato no plano do consciente”, porém, “à custa da integridade do seu conteúdo” (BENJAMIN, 2015, p. 113-114).

Ora, não pode haver experiência se nosso aparato sensorio-fisiológico é bombardeado por choques audiovisuais diuturnamente. Outra vez dialogando com as análises de Marsiel Pacífico, o pesquisador (2021) caminha mais ou menos para esse mesmo entendimento quando analisa o fenômeno do “espetáculo de si”, que marca a superestimação das imagens na formação objetiva e subjetiva da realidade. Para ele, a capacidade de transmitir experiências verdadeiramente formativas é perdida na medida em que a linguagem espetacular das imagens veiculadas no ciberespaço se sobrepõem à linguagem da narrativa, de tal modo que as “milhares de vozes e rostos amontoados nos ambientes virtuais” brigam “incessantemente por atenção” (PACÍFICO, 2021, p. 97-98).

Portanto, ressaltamos aqui uma importante diferenciação: experiência não é a mesma coisa que vivência, pois esta é o simples transcorrer da vida acometida por sensações fugazes que, ao contrário da experiência, não se fixam no sistema nervoso humano, não ficam guardadas na memória ao ponto de se converterem em narrativas que poderiam ser

transmitidas às gerações vindouras. Segundo os comentadores Franciele Petry, Jaison Bassani e Alexandre Vaz:

A experiência, [...] exige tempo, não se origina de choques ou de eventos efêmeros, mas vai se constituindo, se formando, se acumulando nesse processo de conservação, mas também de esquecimento, de momentos significativos aos quais, então, ela se integra. Ela se apresenta como algo muito distinto de uma vivência, pois esta não chega a ser guardada, ela é do imediato, do instante mesmo em que o sujeito se relaciona com o real e que exige de sua estrutura psíquica um modo de organizar os estímulos que são recebidos. Já a experiência é o que resta, o que se situa para além do tempo presente em que se vivenciou algo; o que desse momento ficou na memória. E é nesse sentido que a experiência é essencialmente histórica, pois acontece não só com o passar do tempo, mas no fluxo qualitativo do tempo, em continuidades e rupturas em que se agregam novas experiências que vão marcando o sujeito. A experiência, entretanto, não pertence apenas a ele, pois ao mesmo tempo em que nele está sediada, é também coletiva: pode ser transmitida, narrada e integrada à vida de outras pessoas que narram as suas e escutam as experiências dos outros. Não se refere ao que um indivíduo tomado isoladamente foi capaz de vivenciar, mas a um passado que é individual e coletivo e retomado pelo exercício mesmo da memória. (PETRY; BASSANI; VAZ, 2014, p. 111).

Em última análise, no que diz respeito à contraposição entre experiência e vivência, chegamos à conclusão de que esta última está correlacionada ao caráter superficial, vazio e instável das práticas cotidianas que são vividas nos centros urbanos e industriais. A cidade impõe ao nosso sistema perceptivo uma série de distrações e fatos estúpidos, muitos dos quais são tão mecanizados que a recepção deles por nós é sentida apenas na forma de reflexo automático, sem deixar qualquer traço mnemônico, e sem qualquer articulação coletiva que venha caracterizar uma experiência que seja significativa para a posteridade. É neste sentido que para Benjamin (2015, p. 130), nas cidades modernas, o comportamento de seus habitantes caracteriza-se por ser “uma reação aos choques”. Dessa forma, os choques do mundo urbano equivalem-se à vivência e não àquela experiência tematizada em *Experiência e pobreza* e n’ *O contador de histórias*. Na verdade, o ensaio sobre Baudelaire complementa, principalmente, a proposta afirmativa do texto de 1933, no sentido de que a obra do poeta francês seria como que uma primeira tentativa de reconstrução da experiência moderna a partir da apropriação do que restou da tradição. Benjamin parece entender que Charles Baudelaire foi capaz de fazer da vivência, típica da sua época histórica, uma experiência. Ajuda a validar essa interpretação a ambivalência que o filósofo enxerga na posição de Baudelaire em relação às massas urbanas:

E é precisamente essa imagem da multidão urbana que será decisiva em Baudelaire. Se é certo que se sentia dominado pela sua força de atração, que fazia dele, enquanto *flâneur*, um dos seus, também não o abandona o sentimento da sua natureza inumana. Ele faz-se seu cúmplice, para, no momento seguinte, distanciar-se dela. Deixa-se absorver longamente por ela, para inopinadamente, com *um* olhar de desprezo, arremessá-la para o Nada (BENJAMIN, 2015, p. 124).

E mais adiante, no último parágrafo do texto, lemos:

Ser presenteado com os encontrões da multidão é uma experiência que Baudelaire assinala, entre todas as outras que fizeram da sua vida aquilo que ela se tornou, como determinante e inconfundível. [...] Baudelaire invectiva a multidão, e o faz com a raiva impotente de alguém que se rebela contra a chuva ou o vento. É essa a natureza da vivência a que Baudelaire atribuiu a importância de uma experiência. Fixou o preço pelo qual se pode adquirir a sensação da modernidade: a destruição da aura na vivência do choque. A convivência com essa destruição saiu-lhe cara. Mas é a lei da sua poesia [...] (BENJAMIN, 2015, p. 149).

Se por um lado Baudelaire deixa-se levar pelos mesmos comportamentos do amontoado de indivíduos, por outro lado afasta-se dele justamente ao retratá-lo em seu fazer lírico. Tendo como pressuposto este aspecto ambivalente da relação entre arte/poesia e as multidões, uma das conclusões mais interessantes a que podemos chegar com a análise de *Sobre alguns motivos na obra de Baudelaire* é que o sintoma do declínio da experiência tem um eixo geográfico em torno do qual ele se desenvolve: os centros urbanos industrializados.

Entretanto, vale ressaltar que essa não é uma descoberta puramente benjaminiana, pois intelectuais do século XIX haviam tematizado e legado reflexões ou descrições diante as quais Benjamin irá se apropriar, inclusive citando-os em seu ensaio. É o caso de autores tão díspares como Edgar Allan Poe e Friedrich Engels, os quais já problematizavam, literária ou cientificamente, o fenômeno das multidões que viviam exprimidas em cidades como Londres e Paris; e, em ambos os escritores, a cidade foi retratada como uma espécie de habitat natural da multidão amorfa; uma monstruosidade para a qual o aparato sensorio e fisiológico do ser humano não estava acostumado, haja vista que ainda não tinha se deparado com nada de semelhante até então. Desse modo, mover-se na cidade requer estar em estado de vigilância permanente; nela é indispensável que os indivíduos não renunciem a um nível constante de excitação e paranoia.

Sobreviver na civilização técnico-industrial exige do indivíduo que ele consiga lidar, sistematicamente, com ruídos, choques, interrupções, surpresas, sustos e colisões, de tal sorte que a totalidade de seu organismo termina por se adaptar completamente a essa forma de vida. O que sobra da experiência diante deste cenário que lhe é tão desfavorável? Há lugar ainda para contadores de histórias em uma sociedade como esta? Seguindo o pensamento de Benjamin, é possível afirmar que, longe de resignar-se, Baudelaire agiu como um daqueles construtores mencionados em *Experiência e pobreza*, os quais têm por tarefa fazer tábula rasa de determinada situação histórica para edificar assim uma experiência totalmente nova. Neste sentido, o poeta francês poderia ser considerado aquele “bárbaro” de “boa espécie” (BENJAMIN, 2021, p. 90).

Chegado ao término desta análise do pensamento benjaminiano, podemos dizer que o ensaio *Sobre alguns motivos na obra de Baudelaire* é uma rica combinação de crítica literária com teoria social. Cabe destaque o fato de que em relação ao tema da experiência, o ensaio acrescenta a ele um aspecto de síntese, mostrando que é possível, sim, numa civilização massificada, resistir ao declínio total da experiência. Nem que para isso seja necessário apoderar-se da vivência, para então, movendo-se dialeticamente entre tradição e contemporaneidade, transformá-la numa barbárie positiva.

4.3. Uma possível teoria da experiência em TÜRCKE: aproximações e distanciamentos em relação a Benjamin

De acordo com a indicação feita no título deste capítulo, acreditamos ser possível extrair do pensamento de TÜRCKE e de Benjamin aproximações e relações no tocante ao tema da experiência, sobretudo através dessa chave de leitura ligada a uma perda ou definhamento da experiência no mundo moderno e contemporâneo. Embora nesta temática não haja menções diretas a noções ou conceitos, o autor de *Sociedade excitada* nos defronta com algumas provocações que se assemelham ao diagnóstico benjaminiano. Em TÜRCKE, porém, a noção de experiência pode ser lida e interpretada de maneira menos vaga e fragmentária, mais clara e objetiva – o que é natural, dadas as iminentes diferenças no estilo de escrita dos autores. Assim, a despeito de não ser o problema central de *Sociedade excitada*, aparecendo no livro apenas de forma tangencial e implícita, em determinadas partes é difícil deixar de notar que há um debate sendo feito tendo como pano de fundo a questão da experiência. Vejamos.

Para TÜRCKE (2010, p. 53), a luta pela atenção é fruto de uma “compulsão para emitir” que se generaliza na sociedade, compulsão esta que tem como marca se tornar, tendencialmente, uma necessidade ontológica na contemporaneidade. Isso porque, conforme já abordamos, na onipresença avassaladora das telas e das mídias, só é reconhecido existencialmente quem participa de forma ativa e receptiva na produção e disseminação de dados, notícias, imagens, informações e tudo o mais que possa ser veiculado numa infraestrutura microeletrônica. Nesse sentido, os rádios, televisões, *smartphones*, *tablets* e computadores funcionam como sistemas de transmissão de dados, os quais carregam consigo a existência cifrada de todos aqueles que emitem sinais de sua identidade. Configurando-se como “uma nova forma de autoconservação” (TÜRCKE, 2010, p. 55), emitir sinais elétricos de existência, aos poucos, deixa de ser algo opcional, produto de uma escolha livre e pessoal,

e torna-se uma exigência social, uma obrigação da qual dificilmente se consegue escapar. Por esse motivo, seria viável então falar de uma “compulsão”, pois a existência virtual começa ganhar mais a aparência de uma exigência natural do que uma decisão livre. “Não estar em ‘transmissão’, não irradiar nada, torna-se, aparentemente, cada vez menos tolerável [...]” (TÜRCKE, 2010, p. 55). A realidade deste raciocínio é notória e em certa medida indubitável, e para prová-la basta observarmos que praticamente todas as empresas, instituições governamentais, políticos e os cidadãos em geral têm ou utilizam aplicativos, *websites*, perfis nas mais diversas redes sociais e assim por diante.

Pois bem, diante do cenário global de compulsão generalizada à emissão, a pressão que recai sobre os indivíduos na conversão da existência física para a existência virtual faz com que sua capacidade sensorial seja fortemente afetada, afinal de contas, a percepção e o direcionamento neurofisiológico da atenção são sobrecarregados pela enxurrada de estímulos disparados por todos os lados, o tempo inteiro. Aqui começa a ficar claro os efeitos no empobrecimento da experiência. Tendo sua faculdade atencional prejudicada, e a percepção sobrecarregada, a própria sensação é colocada em perigo, pois os sentidos são anestesiados, congestionados com o fluxo contínuo de choques audiovisuais. Nas palavras do filósofo:

Se não se pode mais sentir é porque se está morto. A aparelhagem midiática, todavia, apodera-se desse dado fisiológico de sua própria maneira. Assim como ofusca a irradiação de cada organismo, despotencializando-o até ele se tornar irreconhecível, assim também o faz em relação à capacidade de percepção. Como parecem insossos os estímulos do meio imediato em comparação com aqueles que, berrantes, continuamente cintilam na tela; como fica entediante a rotina de cada um diante de tudo aquilo de excitante que as mídias incessantemente veiculam. Os estímulos do ambiente do dia a dia não são páreo para a torrente de excitação midiática do espetacular; eles ficam abaixo do limite do que o aparato sensorial pode absorver, possuem um pobre aqui e agora, mas nenhum “ai”. Representam estímulos de menos para serem percebidos. A torrente de excitação, porém, representa estímulos demais. Ela coloca o organismo na situação paradoxal de não mais ser capaz de transformar os puros estímulos em percepção (TÜRCKE, 2010, p. 65-66).

Ser capaz de elaborar os estímulos é pré-condição da percepção e, portanto, também é pré-condição para que as sensações possam ter lugar na memória e no repertório existencial de cada pessoa; e este é o pressuposto elementar para a experiência na acepção de Türcke. Se a exponencial oferta de estímulos, catapultada pela pressão por emitir, congestionada minha percepção e minha atenção, então, conseqüentemente, esvazia-se a possibilidade de experimentar momentos que sejam significativos o suficiente para atestar e fazer valer minha própria existência não-virtual. Desse modo, a capacidade de realizar experiências se interliga com a atenção, desde que o direcionamento do esforço nervoso do indivíduo seja mantido num objeto que não faça parte da lógica de interrupção, ou seja, que não desgaste a percepção

com aquela mudança constante de “lugares e ângulos”. Segundo TÜRCKE (2010, p. 66): “Apenas na medida em que a percepção é capaz de fixar-se em algo, juntar-se a algo, é que ela pode tornar-se uma unidade concreta de experiência, pode dar coesão ao organismo sensível, uma identidade, um ‘aí’ [...]”. Que “algo” ou que objetos são estes nós ainda não podemos dizer ao certo.

Assim, fica claro que a virtualização microeletrônica e midiática da ontologia tem seus limites. A experiência, por certo, precisa integrar-se numa base (neuro)fisiológica, e estando esta base comprometida, só se tornará percepção, e depois experiência (ainda que precária), aqueles fatos ou acontecimentos extremos, espetaculares no mais alto grau. De fato, há uma tensão impregnada nas tecnologias comunicacionais: elas favorecem um tipo de existência etérea, diluída na rede mundial de computadores, e com isso enfraquecem o tipo de existência baseada no aqui e agora, isto é, uma existência que possua “aí” – para usar a terminologia de TÜRCKE (2010). Possuir “aí” é reconhecer no corporal o fundamento da experiência, pois é a partir do corpo que conseguimos processar e elaborar os estímulos que nos chegam do exterior, filtrá-los, e, quem sabe, armazená-los em nossa memória. Apesar das imagens e dos demais dados que colocamos em circulação na *web* a nosso respeito, ainda somos seres de carne, osso e sangue. Precisamos do mundo físico para viver. Precisamos sentir, perceber, experienciar o mundo através de nossos sentidos, para daí nos apercebermos como parte deste mundo, nos reconhecendo nele como organismos que carecem de apoio existencial objetivo. Dessa forma, será possível nos sentirmos como organismos que são também unidades coesas de percepções e sentimentos.

O enfraquecimento da percepção, que em última instância é um enfraquecimento da experiência assim como da existência real e concreta dos seres humanos, gera fenômenos peculiares do mundo atual. Um deles, analisado por TÜRCKE (2010), é o chamado “*sensation seeking*”, quer dizer, a busca apelativa por sensações. O *sensation seeking* surge devido à força da compulsão à emissão; nele, as pessoas têm “vontade de sentir” a si mesmas, “de se certificar que se existe”, para então saírem “do vácuo da falta de percepção, de sensação e de sentimento” (TÜRCKE, 2010, p. 67). Participam deste fenômeno sujeitos que se arriscam física e/ou socialmente em atividades que lhes causem sensações intensas e arrebatadoras, impossíveis de não serem sentidas e percebidas. Assim, a busca por sensações extraordinárias pode se expressar em atividades das mais diversas, como por exemplo: pichações, esportes radicais, corridas ou até o turismo meramente recreativo, enfim, tudo aquilo que seja mais ou menos excêntrico, capaz de fazer o indivíduo sentir-se vivo, dotado de um aqui e agora significativo (embora, na maioria das vezes, esse sentido significativo seja demasiadamente

fugaz), pode se enquadrar no fenômeno. Emblemático dessa situação é o caso mencionado por TÜRCKE: “Quando funcionários de escritórios fazem férias aventureiras ou praticam esportes radicais, referem-se na maioria das vezes à ‘compensação’ que procuram para uma rotina *pobre em experiências*” (2010, p. 74, grifo nosso). Isso significa que pessoas com traços de personalidade *sensation seeking* tenderiam a evitar atividades que julgam monótonas, entediantes e repetitivas, pois precisariam estar a maior parte do tempo ocupadas intensificando suas vivências.

Todavia, essa busca por novidades como forma de vida, tem caráter ilusório, de tal sorte que elas apenas falseiam o reavivamento da percepção e das experiências:

As sensações que agitadamente tomam o organismo, fazendo-se sentir em todas as suas fibras, e que parecem dar-lhe de volta a percepção subtraída, o sentimento pleno de si, são precisamente aquelas que o anestesiaram. A quantidade de danos auditivos produzida em jovens nas discotecas ou por meio de fones de ouvido fala por si só. O bombardeio audiovisual faz os sentidos ficarem dormentes. As sensações criam a necessidade de outras mais fortes. [...] A permanência das impressões é algo constitutivo da percepção própria, e também a elaboração ativa de estímulos, transformando-os em fermentos de experiência própria (TÜRCKE, 2010, p. 68-69).

Logo, ainda que não saiba disso, é vazio de experiências o sujeito que considera imprescindível para sua existência conduzi-la vivenciando sensações extremas, que causem abalos, calafrios, tremores. As impressões que tais sensações geram são por demais passageiras, não são incorporadas duradouramente na memória, no sentido de uma memória involuntária (BENJAMIN, 2015)²⁴; nem tampouco são capazes de vincular a pessoa a uma tradição espaço-temporal. Para além do âmbito individual, as impressões geradas por esse tipo de sensação não deixam nenhum tipo de legado ao coletivo. No máximo, obedecendo aos predicados da vivência tematizada por Benjamin, se encaixam na lógica de reprodução do capitalismo avançado.

É sob o signo da compulsão à emissão, portanto, que o fenômeno da *sensation seeking* deve ser compreendido, configurando-se assim como uma manifestação cifrada daquela pobreza de experiência da qual Benjamin nos alerta. Ele é a tentativa de fuga desesperada de indivíduos que vivem cercados por uma realidade que, quando comparada à “realidade” das

²⁴ No ensaio sobre Baudelaire, Walter Benjamin (2015, p. 108) toma de empréstimo a noção de *mémoire involontaire*, do escritor francês Marcel Proust, para ajudar na fundamentação da sua teoria da experiência. Recorrendo também a elementos da psicanálise freudiana, Benjamin defende que a memória involuntária seria constituída de traços mnemônicos que não estão no plano do consciente, mas sim no plano do inconsciente. Sendo assim, a experiência verdadeira, distinta da vivência, não poderia operar na consciência, pois esta estaria ocupada demais absorvendo e protegendo o organismo da ameaça dos choques traumáticos. Grosso modo, a experiência, na modernidade, encontraria lugar no sujeito apenas se fosse gravada independentemente de sua consciência e de sua vontade, numa esfera de mais difícil penetração, e fundada em acontecimentos que se fixaram involuntariamente no plano do inconsciente, que só a muito custo poderiam ser acessadas conscientemente.

telas, evidencia-se debilitada, opaca, sem graça. Sentir-se vivo e incluído no aqui e agora que o capitalismo técnico-digital proporciona para a grande maioria das pessoas pode se provar uma expectativa frustrante. O que esta sociedade oferece é uma pálida e dura realidade material, que na maioria das vezes é compensada não por experiências, mas pela vivência (BENJAMIN, 2015) de atividades supérfluas para a história individual e coletiva. Os acontecimentos da vivência morrem conforme morre cada pessoa que os vivenciou. Este é mais um ponto de contato interessante para a Teoria Crítica da Sociedade, onde a compulsão à emissão de TÜRCKE amplia e joga luz em questões levantadas por Benjamin, como o atrofiamento moderno da experiência e o caráter efêmero da vivência.

Ainda no tocante ao problema da experiência, outro ponto de contato interessante entre os dois pensadores, é quando TÜRCKE, ressaltando o *sensation seeking*, aborda brevemente os temas da tatuagem, do *piercing* e do chamado *amok*²⁵. Todos estes três fenômenos, que mostram maior força no universo das juventudes, reafirmam a existência de uma profunda necessidade que as novas gerações vêm desenvolvendo de experimentar sensações e sentimentos de autopercepção. São maneiras de se manter excitado, sentindo algo que lhe toque até o âmago, por mais que esse algo seja fisicamente doloroso para si ou para os outros. Quando a aparelhagem audiovisual não excita suficientemente, não sendo mais capaz de causar sensação, porque sua ontologia se assenta numa distância intocável e num “aí” falso, então os sujeitos apelam a formas de expressão que machucam seu corpo, mas que, ao menos, atestam, precariamente, que esse corpo existe, que ele está vivo e, portanto, não é um nada (TÜRCKE, 2010).

De acordo com o filósofo (2010, p. 73), furar o próprio corpo com *tattoos* e *piercings* é a estratégia encontrada por pessoas que querem exercer poder, ao menos sobre si próprias, de modo a fazer com que tais ações atinjam em cheio seu sistema nervoso, reabilitando assim as funções perceptivas. Concomitantemente, estas práticas forneceria uma frágil sensação de orientação, sensação de haver nelas um centro de apoio objetivo e facilmente localizável, e que se justificariam diante da volatilidade, instabilidade e incertezas do mundo midiático-técnico-digital, onde o desejo de “imprimir algo que permaneça” (TÜRCKE, 2010, p. 74) manifesta-se como sintoma. O sentir-se fisicamente se converte no principal requisito ontológico, isto é, para eu existir necessito me sentir no nível mais elementar do corporal. Dito em poucas palavras: “O ‘aí’ proporcionado pela picada ritual da agulha não pode ser

²⁵ Num artigo que busca compreender as formas de violência ocorridas no meio escolar, o professor Antônio Zuin afirma que o *amok* é “uma síndrome psicopatológica” (2010, p. 60), na qual os indivíduos por ela atingidos descontam sua fúria descontrolada assassinando pessoas aleatoriamente em ruas, escolas ou outros lugares públicos. No mesmo texto, o professor explica que o conceito, de origem javanesa, foi cunhado em 1965 por um psiquiatra chinês (ZUIN, 2010, p. 67).

oferecido por nenhuma transmissão de dados. A tatuagem e o *piercing* representam uma “revolta contra a intangibilidade do mundo dissolvido microeletronicamente” (2010, p. 74).

Haveria também, na visão de TÜRCKE (2010), uma outra forma de expressão juvenil contra a volatilidade e imaterialidade do mundo das telas: o *amok*. Esta, diferente das outras duas, seria uma manifestação mais radical porque não é aplicada contra o próprio indivíduo, mas contra os outros. Radical também é a suspeita lançada pelo autor neste ponto: sua posição dá a entender que a fúria descontrolada de adolescentes, nos ataques mortais que aconteceram em escolas dos Estados Unidos, tem lastro na digitalização totalizante da vida. Para o filósofo, seria insuficiente explicar tais atrocidades única ou preponderantemente pelo viés do “ódio”. Antes, seria preciso compreender as condições objetivas que possibilitam esse padrão de comportamento, e entre essas condições está aquele déficit de experiências e de palpabilidade, gerados justamente por uma forma de vida controlada por ambientes onde “todos os sinais importantes” estão prestes a serem transmitidos em “telas e *displays*” (TÜRCKE, 2010, p. 76-77). Aqui, a pobreza de experiência está ligada à falta de concretude da maioria das sensações vivenciadas pelas novas gerações, que nascem e se desenvolvem, cada vez mais intensamente, cercadas pela intangibilidade e fluidez das relações sociais, afastadas do contato corpóreo com o outro.

A sociabilidade capitalista acentua esta contradição: estamos mais próximos uns dos outros, mas, ao mesmo tempo, mais distantes, isolados. Apesar de soar como clichê, tal contradição é emblemática no que diz respeito ao empobrecimento das nossas experiências. A todo momento nos é possibilitado e somos incitados: a conversar com familiares e amigos por intermédio das redes sociais ou das plataformas de videoconferência; estudar e trabalhar em formato *on-line*; namorar e conhecer pessoas em sites ou aplicativos de relacionamento; brincar e se divertir através de videogames; usar habitualmente as plataformas de *streaming* e de música, as quais dispensam nossa presença física em teatros, salas de cinema e concertos; enfim, esta lista de momentos, situações e contextos de tecnificação e digitalização da vida poderia estender-se longamente.

Ora, e o que sobra para o corpo humano? Em quais ambientes ele ainda poderá sentir o contato tátil, visual, auditivo e olfativo dos objetos e das pessoas que coexistem com ele concretamente, percebendo o “aí” delas? Para além da impalpabilidade dos sinais elétricos, das ondas eletromagnéticas, dos pixels etc., no que exercitaremos nossos sentidos e em quê concentraremos nossa atenção? Seguindo a perspectiva de TÜRCKE (2010), este tipo de questionamento, junto à análise do contexto geral do mundo em que vivemos, deveriam estar presentes nas tentativas de compreensão do fenômeno da violência juvenil, cujo maior

exemplo são os massacres em escolas, os quais têm se tornado mais comum nos últimos anos, e não apenas nos EUA. Claro, não é a intenção nossa nem de TÜRCKE reduzir a questão a um único fator universal, porém, de alguma forma não deveríamos prescindir dele. Assim, feita a ressalva de que é preciso cuidado com as generalizações, e apontando que dissolver as causas do *amok* à onipresença das telas e dos aparelhos tecnológicos não explica tudo, o pensador alemão afirma:

Naturalmente, cada caso é um caso; cada um possui seus próprios motivos. Mas todos esses casos que hoje em dia geram desde a perplexidade até o terror têm algo em comum: uma desproporção, para não dizer uma total falta de proporção, de arrepiar os cabelos, como se lhes faltasse contato com as coisas e com os seres vivos com que lidam ao seu redor, uma relação com eles. [...] Faltam motivos concretos. A mãe sem afeto, o pai portador de armas, desempregado e com tendência ao alcoolismo e à violência, o fracasso no colégio, o professor autoritário, os colegas de sala provocadores, e sabe-se lá o que mais da história de vida específica de cada um: nada disso tem normalmente uma relação com a gravidade do ato, para o qual, via de regra, o agente, ele mesmo, não tem palavras, sejam de esclarecimento, de horror, ou arrependimento. São como enigmas para eles próprios (TÜRCKE, 2010, p. 75-76).

Logo em seguida, complementa o raciocínio:

Em suma, é difícil determinar os motivos individuais, difícil dizer se estão somente ocultos, ou se nem mesmo existem. Mas justamente essa falta de clareza faz parte do perfil supraindividual do infrator. O que lhes é mais significativo é não poder reconhecer motivos importantes para seus atos. Não poder compreender o que levou à ação: isso os criminosos têm em comum com os terapeutas, juristas e comentaristas. (TÜRCKE, 2010, p. 76).

Isto é, para o autor, a incompreensibilidade que perpassa os atos de ira e violência extrema dos jovens se dá entre as famílias, professores, juristas, comentaristas de jornais e até mesmo entre psicólogos, e assim ocorre por um motivo relativamente simples: normalmente todos eles querem identificar uma causa específica e visível, sem analisar a enorme desproporção entre os possíveis motivos e a gravidade da infração. Daí segue-se o lugar-comum de recorrer ao ódio ou outras explicações exageradamente subjetivistas. É exatamente essa desproporção entre os supostos motivos e as horríveis consequências dos atos de *amok* que faz TÜRCKE pensar no decréscimo de experiências como chave de leitura do problema, que, pode bem não ser suficiente, mas com certeza é necessária.

Dessa forma, na esteira de traçar aproximações e distanciamentos entre Benjamin e TÜRCKE, notamos que o entendimento de experiência deste difere do conceito benjaminiano, na medida em que não adota em seu discurso o tom nostálgico da figura do contador de histórias. Nesse sentido, as posições de TÜRCKE são também menos poéticas e enigmáticas do que as de Benjamin. Sua perspectiva está muito mais ancorada em dados e possibilidades de caráter fisiológico do que em análises literárias e artísticas, com as de Benjamin. No entanto,

a despeito das notáveis dissemelhanças, ambos pensadores concordam naquilo que é fundamental: concluem que o atrofamento da experiência é condicionado historicamente pela sociabilidade burguesa. Isto é, as intempéries da formação social capitalista abriram caminho para a desarticulação da vida comunitária, para a fragilização das formas orais de comunicação, para a sobrecarga excitatória dos sentidos e da percepção, culminando assim na derrocada da experiência.

4.4. Repensando a noção de experiência

Tanto as concepções de Benjamin quanto as de TÜRCKE a respeito do que é a experiência são passíveis de serem pensadas e repensadas tendo como pano de fundo o contexto educacional. Com efeito, através do estudo sistemático dos mais elevados saberes já produzidos pelo ser humano, a escola tem o potencial de ser o lugar (não o único) onde as novas gerações possam se interligar a determinadas tradições históricas. A educação formal tem o poder magnífico de condensar os elementos da cultura, seja em suas expressões estéticas, literárias, filosóficas ou científicas, utilizando-as como meio de unir o velho ao novo, o tradicional ao contemporâneo. A partir disso, isto é, baseados no princípio segundo o qual a educação é um processo essencialmente veiculador de experiência humana, entendemos aqui que as concepções de ambos os autores não são excludentes entre si, ao contrário, são complementares e, nesse sentido, tentaremos conciliá-las sob o ponto de vista de seus respectivos aspectos educacionais.

Obviamente, há limitações práticas e teóricas nesse tipo de empreendimento. Diante do atual momento histórico, nos ater ao caráter nostálgico e romântico da experiência, que é expresso principalmente n' *O contador de histórias*, inviabilizaria a definição e reconfiguração da experiência na contemporaneidade. Isso porque, reestabelecer formas de vida e de sociabilidade nos moldes pré-capitalistas e pré-modernos é algo impensável nos dias de hoje, e sob este ponto a teoria da experiência de Benjamin dificilmente poderia ser aplicada. Em direção oposta, seguindo a lógica de fornecer – desde o nível sensório-fisiológico – apoio, equilíbrio e orientação, ou seja, autopercepção existencial, as ideias de TÜRCKE são completamente cabíveis para uma reabilitação da experiência, tendo em vista que isso dependeria do envolvimento do sujeito em práticas de repetição ritualizadas, conforme veremos adiante.

Por exemplo: não seria factível resgatar, em momentos e espaços específicos da vida coletiva, a “leitura profunda” (WOLF, 2018) de algumas obras clássicas da literatura mundial

(principalmente as fábulas, as mitologias e os contos de fada)? Mais do que isso, os próprios conteúdos em geral dos currículos escolares não seriam formas de experiência humana transmutada em conhecimentos? Aprender criticamente as principais teorias científicas que regem a natureza e o mundo social; aprender conceitos e interpretações filosóficas dos mais variados temas; ter contato, ainda que indireto, com a arquitetura, pintura, escultura e música; estas não seriam formas de se apropriar da experiência que nossos antepassados acumularam e nos legaram, e que fazem parte de um repertório cultural capaz de resistir à excitação dos choques microeletrônicos? Ensinar e aprender os conteúdos clássicos exige um ambiente e uma disposição de espírito que evite a agitação sensorio-motora e as distrações, e que, ao mesmo tempo, promova a concentração, a quietação, a persistência e a disciplina cognitiva. Isto posto, trabalharemos aqui com a hipótese de que os próprios conteúdos escolares, quando ensinados e estudados com seriedade e qualidade, servem de escudo contra a desatenção, a agitação e a hiperatividade cultivadas pela nossa época. E, para além deste fator, tais conteúdos seriam a base da formação cultural que possa vir a reconstruir a experiência, ainda que precariamente.

Em certa medida, esta aposta já foi intuída pelos intelectuais da pedagogia histórico-crítica, corrente educacional bastante forte no Brasil. No livro *Os conteúdos escolares e a ressurreição dos mortos* (2021), do professor Newton Duarte, encontramos a tese de que os conteúdos clássicos da filosofia, da ciência e das artes constituem o supassumo dos conhecimentos acumulados pela humanidade, de maneira que eles seriam fundamentais para a formação plenamente humanizada dos indivíduos (DUARTE, 2021). Metaforicamente, aprender os conteúdos seria uma “incorporação” dos mortos pelos vivos, de modo que seria função da educação mediar esse processo. A transmissão de conhecimentos clássicos, os quais resistem ao tempo e às intempéries sociais, é o modo de comunicação entre nós e toda tradição do gênero humano, comunicação esta que só fica ao alcance de todos pela via de uma universalização da educação pautada no ensino dos clássicos²⁶.

Até por causa de sua filiação filosófica, alinhada ao marxismo revolucionário, e, portanto, mobilizadora de conceitos e horizontes distintos dos princípios frankfurtianos, Duarte (2021) raramente fala em “experiência”, e nem mesmo toca no tema dos déficits atencionais de nossa cultura²⁷. Todavia, sua ideia de que é preciso promover a formação

²⁶ Ora, mas o que são os “clássicos” exatamente? Isso pode e deve ser amplamente debatido, para assim pluralizarmos as vozes, os saberes, as visões de mundo, tradições e costumes que foram silenciados por processos históricos modernos. Dito isso, nada impede de considerarmos clássicos os conteúdos produzidos pelas culturas de raiz afro, indígena ou asiática por exemplo.

²⁷ Disso não decorre que o autor despreze a importância da atenção e da disciplina na educação. Prova disso é a seguinte passagem: “O que define o trabalho educativo é a socialização do conhecimento e, por isso, [...] se faz

educacional de acordo com os conhecimentos acumulados ao longo da história humana, coaduna-se com algumas posições da Teoria Crítica da Sociedade nos seguintes aspectos: 1) a criação de vínculos mnemônicos com a tradição, onde, em um primeiro momento, se transmite os conteúdos de maneira heterônoma, usando inclusive meios coercitivos, mas, uma vez interiorizados, tais conteúdos formam a base da criatividade pessoal, da autonomia e da emancipação; 2) potencial de reconstrução da experiência a partir dos escombros do que sobrou dela na modernidade, de modo que as obras clássicas que chegaram até nós têm seu valor formativo e devem ser usadas para isso; 3) exigência de atenção concentrada, disciplina, paciência e determinação para conseguir estudar e aprender de forma significativa o conteúdo.

Reparem: temos aqui ao menos três momentos em que a proposta de Duarte se alinha às questões discutidas na teoria da experiência de Benjamin e de Türcke. Dito de maneira sintetizada: em espaços e tempos compartilhados com outras pessoas, o treinamento sensorial e comportamental da atenção é essencial para o ensino-aprendizagem dos conteúdos clássicos, de tal sorte que estes são assimilados e fixados na memória, assim como aquela experiência pré-moderna de Benjamim, e por fim, este tipo de aprendizagem pode configurar-se como o germe da experiência possível do nosso tempo. Isto nos provoca a pensar que a suposição do professor Duarte faz todo sentido: os conteúdos clássicos das diversas áreas do saber humano são experiências no mais alto grau, são parte dos momentos mais significativos que os homens vivenciaram ao longo da história. Por que não poderiam ser eles aquele “algo” ou objeto a que nossa atenção e percepção deveriam se fixar?

Convicção não tão distante dessa aparece em *Teoria da semiformação*. Inclusive, a mecanicidade e a heteronomia – muitas vezes atribuídas ao ensino de conteúdos – não deixam de ser reconhecidas, também por Adorno (2010), como momentos necessários à uma formação cultural que faça frente à semiformação (*Hallbildung*). Apesar de denunciar que esse meio de promover a formação cultural autêntica carregue consigo a contradição inerente de submeter o indivíduo à coerção e à imposição de estruturas pré-determinadas (ADORNO, 2010, p.21), o frankfurtiano entendia que: “[...] é ainda a formação cultural tradicional, mesmo que questionável, o único conceito que serve de antítese à semiformação socializada [...]” (ADORNO, 2010, p. 18). Nesse sentido, ler os clássicos, decorar e utilizar a memória para aprendê-los, recitar poesias, enfim, tudo isso que pode parecer atualmente demasiado “conteudista”, monótono e entediante, não deveria ser desprezado no ambiente da educação formal. Expondo as contradições geradas pelas reformas educacionais ocorridas na Alemanha

necessário disciplina, bem como a capacidade de atenção e concentração, sem as quais o indivíduo se vê escravo da dispersão dos sentidos, cultivada pela cotidianidade alienada da sociedade capitalista contemporânea (DUARTE, 2021, p. 35).

da época, Adorno enfatiza que nem sempre elas são superiores à formação educacional tradicional, apoiada na força dos clássicos:

Quem tendo frequentado escola não terá se emocionado alguma vez com a poesia de Schiller e os poemas de Horácio que devia aprender de cor? E a quem os velhos pais não terão causado arrepios de extrema emoção quando, sem que se lhes pedissem e inesperadamente, recitavam textos de que se recordavam ainda, compartilhados assim numa comunhão com os mais jovens? Com certeza, dificilmente se pediria hoje que alguém aprendesse algo de cor: apenas pessoas muito ingênuas estariam dispostas a apoiar-se na tolice e na mecanicidade desse processo; porém, assim se priva o intelecto e o espírito de uma parte do alimento de que se nutre a formação (ADORNO, 2010, p. 21-22).

Pois bem, se admitimos que a ressignificação e reabilitação contemporânea da experiência passam pelo ensino/estudo da tradição clássica, em suas vertentes literárias, artísticas, filosóficas e científicas, devemos então, para isso, pressupor que existam em nossas juventudes as condições perceptivas necessárias. Ou seja, a grande questão que aqui nos defrontamos, e que ao longo desta dissertação nos esforçamos em demonstrar, é que vivemos numa “cultura do déficit de atenção” (TÜRCKE, 2016), cujas consequências comprometem parte significativa da existência humana como a conhecemos – inclusive no sentido (neuro)biológico, conforme vimos na perspectiva das neurociências. Ora, a leitura profunda (WOLF, 2018) e o estudo dos clássicos que aqui defendemos requerem, essencialmente, capacidade de concentração, persistência, paciência e disposição de espírito para ser absorvido por ideias e experiências dos outros, de modo que o material lido, por exemplo, seja incorporado na memória e na vida de quem o lê. Como promover isso se até os meios escolares têm se dobrado à lógica do choque e da excitação sensorial constante?

5. PARA PENSAR POSSÍVEIS CONCLUSÕES: OS “ESTUDOS RITUAIS” COMO RESISTÊNCIA À CULTURA DO DÉFICIT DE ATENÇÃO

As escolas, e a educação em geral, são subsistemas umbilicalmente inseridos no todo social e, portanto, não são poupadas dos problemas que atingem a sociedade, ao contrário, antes os reafirmam e os reproduzem. No caso do tema da atenção/desatenção, para comprovar isso, basta lembrarmos aqui o início desta dissertação, onde citamos o relato de Borba (2020) e a dissertação de mestrado de Valente (2019), ou, mencionar também o artigo da professora Luciana Azevedo Rodrigues (2012). Evidentemente, o problema dos déficits atencionais, enquanto tendência de comportamento social em crescimento, provoca reflexos no campo da educação formal. A tarefa de formar jovens com as habilidades cognitivas elementares, confronta-se com a agitação sensorial e motora promovida por um ambiente que instiga aquilo que é sensorialmente excitante, cintilante, chamativo – e que ao mesmo tempo é passageiro, fugaz e raso. Assim, partindo do pressuposto de que o processo atencional é indispensável para a aprendizagem, e que ele abre caminho para desinterditar o acesso às experiências, buscaremos nestas considerações finais pensar como a escola pode resistir aos ditames da “sociedade excitada” (TÜRCKE, 2010) e da “cultura do déficit de atenção” (TÜRCKE, 2016). Como conquistar a atenção de um adolescente para estudar obras clássicas e questões importantes da ciência, das artes, da literatura ou da filosofia se ele já possui na palma de suas mãos todo um universo existencial transmutado em vídeos, *podcasts*, *websites*, redes sociais, aplicativos, jogos eletrônicos etc.? A escola pode de alguma maneira deixar de participar da cultura do déficit de atenção de modo a agir como escudo que proteja o organismo dos estímulos danosos que o ambiente lhe oferece?

Quando teoricamente nos movemos partindo da correlação existente entre a capacidade de prestar atenção, os conteúdos escolares e a noção de experiência, a obra de Türcke se desvela para nós como uma proposta concreta de reabilitação da experiência. A segunda parte do livro *Hiperativos* é inteiramente dedicada a isso. Nela, mirando principalmente os professores, pais e escolas, o autor desenvolve a ideia dos “Estudos Rituais” (TÜRCKE, 2016), a qual se constituiria numa fórmula de intervenção pedagógica que deveria atravessar toda a educação básica. Pensada sob a ótica de uma configuração de disciplina transversal:

Ela introduziria no cotidiano escolar um eixo de desagravo e tranquilização, ao longo do qual possam se fortalecer as energias contra o déficit de atenção que se alastra. Toda criança possui essas energias. Cumpra reuni-las e fortalecê-las estruturalmente. O que me ocorre é uma disciplina, que eu provisoriamente gostaria de chamar Estudos Rituais [*Ritualkunde*] (TÜRCKE, 2016, p. 87-88).

Quer dizer, o autor defende que a escola, dos anos iniciais até os finais, organize suas atividades de ensino-aprendizagem tendo nas estruturas dos rituais o seu eixo operacional e

regulador, convertendo-as em fonte de estabilização nervosa e meio de assimilação dos códigos culturais mais basilares, como a escrita e a leitura. Isto significa que práticas como apresentações teatrais, cópia de textos, leitura de obras clássicas, colóquios, refeições em conjunto etc. deveriam ser inseridas e assimiladas no cotidiano estudantil, de modo a se converterem em padrões mentais e comportamentais tranquilizadores. Resumidamente, os Estudos Rituais seriam uma forma de resistência à excitação provocada pelas telas.

Como vimos, de acordo com Türcke (2010; 2016), em tempos primitivos, a compulsão à repetição se manifestava na forma de rituais sagrados, tendo como finalidade afastar ou neutralizar o pavor provindo das forças da natureza, as quais o homem era inescapavelmente submetido. Com o passar dos milênios essas repetições foram se sedimentando e se secularizando até constituírem elementos da cultura, de tal sorte que nossa linguagem, hábitos, crenças, religiões e instituições sociais teriam se formado graças à persistente tentativa hominídea de livrar-se dos choques pavorosos causados pela natureza. Ou seja, no fundo, as criações humanas seriam sedimentações da compulsão à repetição, mediadas psicológica e culturalmente. Essa interpretação abre uma brecha para que Türcke enxergue na reincidência uma espécie de “terapia”, tanto para o que ele chama de “cultura do déficit de atenção” (2016), quanto para a hiperatividade que assola o mundo contemporâneo. Retomando sua importância para a hominização, mas também tratando da secularização pela qual os antigos rituais passaram, o autor nos esclarece que:

Rituais são repetições coaguladas, codificadas. Suas formas mais antigas surgiram do pavor. Por sorte, conseguiram se livrar dele. Hoje eles não estão mais condenados a tornar presente um sagrado arrepiante, sedento de sacrifícios. Eles podem assumir formas temperadas, na verdade amenas, por assim dizer, e girar ao redor de algo bastante profano: uma encenação, um discurso, uma refeição. [...] O prolongado café da manhã de domingo, com toalha de mesa limpa, velas e pequenas iguarias, e que não acontece no restante da semana, indubitavelmente possui algo de ritual, mesmo que sejam só dois ou três a fazê-lo juntos e nenhum dos participantes lhes atribua um sentido mais elevado. Onde termina o ritual e começa o uso, o hábito, é uma questão burocrática. Todos os usos, costumes e hábitos são rituais degradados, gastos, tornados mais ou menos profanos (TÜRCKE, 2016, p. 88-89).

Regulados sob o princípio da repetição, os Estudos Rituais emergem como forma de atenuar o estado de excitação em que se encontra a sociedade contemporânea, estado este que é reproduzido em todas as esferas da vida, inclusive na escola. Nessa proposta, as atividades organizadas dentro da lógica de ritualização do profano seriam capazes de (re)estabelecer as condições mentais e comportamentais necessárias para a atenção e para a aprendizagem. Destarte, a perspectiva de criar estruturas de repetição sistematizadas auxiliaria na promoção de disciplina e constância, opondo-se assim, frontalmente, ao frenesi da frequente mudança de métodos. Claro, disciplina e repetição exaustiva não devem ser fomentadas nas escolas sem

que se vise alcançar algo maior através delas, ou seja, não devem ser fins em si mesmas, mas sim meios de cultivar a atenção e a experiência. Justamente neste sentido caminha a posição do autor:

Essas estruturas [de repetição] nunca são destituídas de coerção; pô-las em prática tem sempre igualmente algo de disciplinar. A famosa questão de Immanuel Kant, “Como cultivo a liberdade sob coerção?”, paira irresoluta acima de todo esforço pedagógico. É justamente a questão-chave dos Estudos Rituais. Seu negócio é a coerção, que está a serviço do livre desenvolvimento. [...] É inteiramente correto que, sem disciplina, nenhuma aula razoável pode ser levada a cabo. Mas a disciplina como tal não é louvável; depende de como e com qual finalidade é praticada. Tampouco os rituais são bons em si mesmos. Seus primórdios foram até mesmo terríveis. No entanto, sem estruturas rituais, nada de bom se pode esperar da educação e do ensino. O essencial é que elas não funcionem como fim em si mesmas, mas como aparelhos de ginástica da liberdade (TÜRCKE, 2016, p. 95-96).

Ou seja, o autor admite, por um lado, a necessidade de a educação exercer sobre as crianças e adolescentes níveis e momentos de imposição e heteronomia; contudo, por outro lado, ele também aponta que tais momentos são apenas a parte de um objetivo mais amplo, que é a promoção da liberdade, da autonomia e da autodeterminação dos indivíduos. Nesse sentido, a escola, quando introduz repetições ritualizadas como eixo orientativo de seu trabalho, ela cultiva nos alunos as condições cognitivas e comportamentais para transmitir os conteúdos clássicos, de modo que o aprendizado significativo destes se solidifica como fundamento, ou ao menos condição para a experiência e, quiçá, para a emancipação. Inegavelmente, pode-se alegar aqui que uma sólida educação formal, desenvolvida em ambientes livres de perturbações e distrações, não garante a retomada da experiência e da emancipação. Mas se a leitura, estudo e aprendizagem dos saberes artísticos, literários, filosóficos e científicos não são condições suficientes para a emancipação, no mínimo talvez sejam condição necessária. No fundo, retomando a filosofia e o léxico benjaminiano, tais saberes ainda parecem ser o que há de mais seguro e universal para a promoção da experiência (*Erfahrung*) e o afastamento das vivências (*Erlebnisse*).

Assim, baseando-nos sobretudo na filosofia de Türcke, temos a seguinte hipótese central: os Estudos Rituais, ao englobar os conteúdos clássicos, podem ser assimilados como uma espécie de metodologia pedagógica que, sistematicamente implantada, ajudará as crianças e jovens a desenvolver e consolidar sua capacidade de atenção, condição elementar para quaisquer outras evoluções cognitivas e comportamentais mais complexas. Ou seja, os Estudos Rituais seriam uma medida para tranquilizar o aparato psíquico e perceptivo, agindo como meio de legítima defesa frente aos estímulos disparados pela ubíqua maquinaria audiovisual; uma forma de resistência à falsa formação e à indústria cultural.

Não obstante, esta hipótese não quer negar que já existam nos ambientes escolares determinadas regras e combinados que procuram justamente estabelecer de algum modo a concentração e um certo comportamento disciplinado entre os estudantes. Mas o ritual é algo mais complexo: “Rituais são muito mais do que meras regras. São processos vividos de repetição, nos quais, se não quisermos dobrar as crianças, nós podemos introduzi-las quando elas próprias sentem por eles certa tendência” (TÜRCKE, 2016, p. 90). Isso significa, na visão do filósofo (2016, p. 97), que originalmente os rituais são “algo de ‘espontâneo’”, que surgem “sem planejamento”. Por trás desta caracterização, está a ideia de colaboração, de criação conjunta que permeia o surgimento dos rituais na vida de comunidades arcaicas, de tal sorte que seria impossível imputá-los a um único indivíduo, ou entendê-los como algo planejado e pensado por pessoas específicas que o impuseram a outras. Rituais seriam, portanto, essencialmente criações coletivas, comunitárias.

Evidentemente, os rituais, em sua expressão primitiva e religiosa, não cabem no espaço educacional de nossa sociedade tecno-científica. Mas, como visto anteriormente, eles estão, na modernidade, decalcados em formas profanas de expressão cultural, suavizados nos patrimônios culturais, nas instituições sociais, nos hábitos e nos costumes. Uma dessas formas de expressão que seriam perfeitamente condizentes com o ambiente escolar, e cuja natureza não escapa à dimensão do ritual, localizamos nos contos de fada, por exemplo. Em seu texto sobre Leskov, Benjamin (2018) também menciona os contos de fada como detentores notáveis de experiência humana historicamente condensada, carregados de formas de vida pré-capitalistas e pré-modernas. Seria nos contos de fadas que a orientação existencial de crianças e de adultos encontrou as primeiras balizas:

O conto de fadas, que ainda hoje é o primeiro conselheiro das crianças, pois foi outrora o primeiro da humanidade, sobrevive secretamente no conto. O primeiro contador verdadeiro é e continua sendo o dos contos de fadas. Esse conto sabia trazer um bom conselho, onde nada era mais difícil de se encontrar, e onde a necessidade era a mais urgente, a sua ajuda era a que estava mais próxima. [...] O conto de fadas ensinou há muito tempo à humanidade e ainda hoje ensina às crianças que o mais aconselhável é enfrentar o mundo do mito com astúcia e ousadia (BENJAMIN, 2018, p. 47-48).

Ao que tudo indica, Türcke compartilha desta opinião, e enxerga então nos contos de fadas a possibilidade de fazer as crianças entrarem em contato com um mundo totalmente diferente do qual ela vive, um mundo simplório e transparente, menos complexo, onde os sentimentos de autopercepção, orientação e localização são mais facilmente sentidos. Tal entendimento fica patente em trechos como este:

O universo dos contos de fadas não é povoado apenas de seres fabulosos. Também do ponto de vista social ele é um mundo passado: pré-moderno, preponderantemente agrário, simples e transparente. Camponeses, artesãos, reis são seus protagonistas.

Eles desempenham papéis claramente definidos, como também marido e mulher. Sabemos o que se pode esperar deles. Neste campo social transparente desenvolve-se o enredo: como acidente, como desvio de regra. Mas com isso os contos de fadas cultivam também uma sensibilidade fundamental para a História: que houve uma vez circunstâncias diversas daquelas às quais estamos expostos; mais primitivas, “mais pueris”, nas quais as pessoas se orientavam com mais facilidade, podiam perceber com mais rapidez onde estavam (TÜRCKE, 2016, p. 99-100).

Neste sentido, seria possível fazer da leitura atenta, cuidadosa e repetitiva dos contos de fadas uma estratégia de reconstrução da experiência, inclusive, pois seria um modo de reativar a figura do contador de histórias tradicional. Ao mesmo tempo, tal estratégia também atenderia à noção de experiência de TÜRCKE, haja vista a potencialidade da literatura fantástica afetar positivamente o aparato sensorial e neurofisiológico do ser humano, ajudando-o a cimentar impressões que lhe confirmam apoio existencial. Enfim, assim como os rituais, os contos de fadas, em suas formas originárias, também seriam “manifestações espontâneas”, diante as quais ninguém individualmente poderia “reclamar direitos autorais” (TÜRCKE, 2016, p. 97), haja vista sua natureza comunitária e oral, na qual cada geração de pessoas contribui para a elaboração e difusão.

Interessante notar que, em princípio, ao propor a adoção dos contos de fadas – ou ainda outras “manifestações espontâneas”, tais como “cantigas populares, provérbios” (TÜRCKE, 2016, p. 97) – como práticas pedagógicas ricas em estruturas rituais, o autor está em confluência com aquela ideia de Duarte (2021), discutida anteriormente, onde o pesquisador brasileiro defende que o ensino dos clássicos seja a base curricular da educação formal. Clássicos: esta definição é perfeitamente cabível aos contos de fadas. O estudo dos clássicos em geral se opõe aos modismos pedagógicos e à constante implementação de novos métodos – como se a inovação metodológica fosse boa em si mesma, um dado *a priori* que professores e escolas devem acatar sem críticas:

A mudança de métodos ganhou autonomia: ela serve para estabelecer, na escola, a lógica de interrupção do cinema, a equiparação da aula aos padrões de entretenimento da televisão. O excessivo monólogo professoral ficou sendo uma raridade, mesmo porque, para isso, muitos colegas simplesmente não dispõem de perseverança. O problema, hoje, é muito mais até onde afinal eles ainda são capazes de concatenar e apresentar algo com vivacidade, sem de saída enfeitá-lo com figurinhas, citações ou musiquinhas (TÜRCKE, 2016, p. 90-91).

Assim, tanto a crítica do autor quanto suas propostas, buscam atacar a tendência contemporânea de fazer das aulas uma espécie de espetáculo, no qual professores sentem-se quase que forçados a subordinar suas aulas, seus conteúdos, aos padrões de funcionamento do choque audiovisual. Cada vez mais, o professor que deseja prender minimamente a atenção dos estudantes precisa submeter-se à lógica da “distração concentrada” (TÜRCKE, 2010). A aula poderá até ser atrativa, entretanto, precisamente por ter sido convertida num regime

duradouro de choques, acaba moldando a neurofisiologia da atenção ao sensacional e ao que é excitante aos sentidos, sem deixá-los descansar. Quer dizer, no regime de distração concentrada consegue-se a concentração, porém, somente sob circunstâncias de distração contínua, nas quais a atenção é direcionada a objetos que golpeiam o aparato sensorial com os micros e incessantes abalos – aqueles minis choques traumáticos causados pela mudança abrupta de cenários, imagens e sons. Esse problema não é recente, e por isso não atinge somente alunos atuais. Para o pensador alemão, gerações inteiras de professores já foram formadas dentro desta lógica de espetacularização da aula, de modo que:

Do ponto de vista pedagógico, nem sequer se deseja mais o professor como narrador, que sabe fazer com que, fascinadas, as crianças ouçam uma história pela duração de dez a quinze minutos. [...]. Esse ouvir-ler comum, esse exercício elementar para imergir em algo, persistir em algo, tomar parte em algo, é ostensivamente sacrificado ao ativismo. [...]. Mas enquanto está a segui-la [a mudança de métodos] como um dogma e parte para cima das crianças com constante “mudança de lugares ângulos”, e isso, supostamente, porque a atenção delas não se deixa mais prender de outro modo, ele próprio se inclui entre os provocadores de inquietação em sala de aula. Acordos e gongos para a regulação do volume, no caso, são de pouca valia (TÜRCKE, 2016, p. 91).

Inseridos nesta perspectiva educacional, os professores tendem a se tornar reprodutores do cotidiano *high-tech*, e é justamente como contraponto, resistência a esse cotidiano, que os Estudos Rituais se direcionam. Isto faz Türcke repensar inclusive a configuração do que é a formação de professores. Para ele (2106), seria indispensável que no período da faculdade os futuros docentes aprendessem sobre rituais, de modo que concluíssem seus cursos sabendo das origens e importância dos diferentes ritos para as comunidades arcaicas, suas estruturas de repetição, a lógica de profanação a que são submetidos e o papel deles na hominização. Nesse sentido, assimilar as diversas dimensões teóricas (etnológica, histórica, religiosa e psicanalítica) dos rituais seria parte da proposta de instituir a prática dos Estudos Rituais; seria aquilo que aqui no Brasil enquadraríamos dentro do que convencionalmente chamamos de “formação de professores”. Enquanto parte da política de preparação profissional, a compreensão teórica e prática do ritual despertaria nos professores a “confiança na força da repetição humana” (TÜRCKE, 2016, p. 128). De extrema importância seria que esses docentes, sobretudo os que lecionam no ensino fundamental, dispusessem de um “cabedal de expressões infantis espontâneas” (TÜRCKE, 2016, p. 128), que podem ser os contos de fadas, cantigas, provérbios, poemas e fábulas.

Ademais, a sugestão de Türcke a respeito dos Estudos Rituais contém outros aspectos, por exemplo: reconhecendo a diversidade de interesses pertinentes a cada faixa etária, ele pensa separadamente as etapas de ensino, propondo determinadas atividades e estratégias para as crianças pequenas, e outras estratégias e atividades para os adolescentes. Discute ainda, a

despeito dos potenciais intenções doutrinárias ou confessionais, como os livros canônicos das grandes religiões podem ser uma fonte riquíssima de ensino e aprendizagem. Mas notemos: tudo isso está subsumido à tese principal do poder da repetição. Repetir, repetir e repetir. Desde a mais tenra infância esse deveria ser o mantra de pais e professores. Mesmo porque, conforme vimos nos inícios desta pesquisa, a repetição é -- pelo menos no nível fisiológico mais básico -- uma reação natural do ser humano a determinados estímulos do ambiente, um impulso orgânico frente ao meio que nos cerca, impulso este descoberto pela psicanálise freudiana ao cunhar o conceito de “compulsão à repetição”. Naturalmente, não estamos defendendo aqui qualquer tipo de repetição. Pois para resistir aos déficits atencionais, induzidos pela excitação feroz das telas, é necessário direcionar os esforços de repetição na concentração em objetos e situações coletivas que se contraponham à impalpabilidade e fragmentação do mundo *high-tech*. A escola não deve ser furtar a essa tarefa, até porque ela ainda é um baluarte da leitura, escrita e atenção. Se a educação não tomar as rédeas da tarefa de direcionar e sistematizar a natural inclinação humana à repetição, a telas o farão; mas daí a compulsão à repetição será transformada naquilo que Türcke chamou de “compulsão à repetição técnica” (2016, p. 80). A crianças e jovens não deixarão repetir, porém isto acontecerá no mundo virtual das telas, pois:

Um maquinário audiovisual tecnicamente aperfeiçoado trabalha em tempo integral, repete sem cessar a irradiação de sus aclamativos impulsos de atenção, mas essa irradiação não repete mais processos de movimentação do tipo que se sedimenta em rituais e hábitos. Ao contrário: ela os dessedimenta. A excitação traumática que outrora impulsionava no sentido da formação e repetição de rituais, o desejo de se livrar dessa excitação e encontrar repouso – tudo isso é estranho à compulsão à repetição técnica. Ele funciona de modo meramente mecânico; sem dor, sem cansaço, sem desejo, sem objetivo (TÜRCKE, 2016, p. 80).

Assim como a compulsão à repetição técnica, o conceito de “drenagem cerebral”, advindo das neurociências, também está aí para ajudar a provar o quão afetados somos pela onipresença dos *smartphones* em nossas vidas. Na matéria de Bernardo Yoneshigue, publicada na versão eletrônica do jornal *O Globo*, cientistas relataram experimentos onde foi verificado o seguinte dado: quanto mais próximos os dispositivos celulares estão das pessoas, mais facilmente os recursos cognitivos são direcionados para eles, e assim, menos os indivíduos se concentram em tarefas que exijam recordações ou cálculos, tendo neste tipo de tarefa desempenho inferior em comparação a quem está com os aparelhos mais distanciados (YONESHIGUE, 2023). Dessa forma, os especialistas presentes na matéria concluem que “mesmo quando as pessoas conseguem manter a atenção sustentada – como ao evitar a tentação de verificar seus telefones – a mera presença desses dispositivos reduz a capacidade cognitiva disponível”, isto é, “mesmo quando você não está pensando conscientemente em

seu telefone, o processo de não pensar em seu telefone requer alguns recursos cognitivos” (YONESHIGUE, 2023).

Em convergência com as posições de Türcke, como aquela de que o homem corre o risco de ter sua capacidade atencional atrofiada, está a psiquiatra Julia Khoury. Ouvida na mesma matéria jornalística supracitada, ela assevera:

Temos uma diminuição da capacidade de se concentrar em longos períodos porque os estímulos do celular são muito rápidos e intensos, e eles fazem o cérebro liberar dopamina, que é o hormônio do prazer. Toda vez que recebemos isso dessa forma gera uma necessidade de mais dopamina, o cérebro fica ávido por isso. Por isso checamos o celular a todo o momento. Só que essa dopamina também é liberada no córtex pré-frontal, que é a região que controla nossos impulsos, que faz com que consigamos nos concentrar a longo prazo, que basicamente nos diferencia dos animais irracionais (YONESHIGUE, 2023).

Quer dizer, está neurocientífica e filosoficamente fundamentada a suspeita de que o ritmo frenético dos pequenos choques audiovisuais da aparelhagem microeletrônica prejudica nossa faculdade atencional, assim como a cognição em geral. O que faremos diante deste cenário? O que as escolas podem fazer além introduzir acriticamente as telas na rotina das relações de ensino-aprendizagem? Imaginando ser um bem, não estaríamos causando mal maior a nossas crianças e jovens?

Desejando facilitar o processo educativo, talvez estejamos sendo autoenganados ao introduzir nas aulas métodos que se assemelham a diversionismos. Nesse sentido, a sugestão de Türcke de as escolas se reconfigurarem e se organizarem a partir de estruturas rituais ganha factibilidade. Obviamente, a proposta do filósofo tem que nos servir muito mais como ideia reguladora, uma espécie de inspiração teórico-concreta, do que propriamente algo a se seguir mecânica e acriticamente. Importante também deixar esclarecido que, nem nós, nem Türcke, consideramos ter encontrado a panaceia para os problemas da educação e da semiformação (*Halbbildung*) tematizada por Adorno.

No entanto, a partir de algum lugar devemos começar, pois entendida como condição de restauração da experiência, do aprimoramento pessoal e sociocultural, a faculdade atencional deve ser resguardada dos infortúnios do nosso tempo. O filósofo alemão (2016, p. 130) garante: “[...] a cultura do déficit de atenção está apenas em seus primórdios; seu verdadeiro ímpeto está por vir”. Assim, buscar remediar esta situação é parte da tarefa histórica do setor educacional. Nesse sentido, deveríamos extrair da proposta de Türcke o que há nela de essencial para nós: o entendimento de que a prática da repetição é imprescindível para o livre desenvolvimento do sujeito, especialmente no âmbito do desenvolvimento de faculdades cognitivas, emocionais e mesmo existenciais. Compreender que o ritual tem uma

vivacidade única, na qual incorpora objetivos comuns de grupos inteiros, faz do sujeito um ser integrado e reconhecido por sua comunidade. Nas práticas rituais, esse sujeito sente-se vivo nos níveis fisiológico, mental e social.

REFERÊNCIAS

ABDA. Associação Brasileira do Déficit de Atenção. **O que é TDAH?** Disponível em: <https://tdah.org.br/sobre-tdah/o-que-e-tdah/>. Acesso em: 28 dez. 2022.

ADORNO, T. W. Tempo livre. *In*: ALMEIDA, J. M. B. (org.). **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 103-117.

ADORNO, T. W. A atualidade da filosofia. **Revista Primeira Versão**, Porto Velho/RO, v. XIV, n. 195, 2005, p. 31-42. Disponível em: http://www.primeiraversao.unir.br/volumes_pdf/volume%20XIV%202005.pdf. Acesso em: 12 jan. 2023.

ADORNO, T. W. Teoria da semiformação. *In*: PUCCI, B.; ZUIN A.; LASTÓRIA, L. (org.). **Teoria Crítica e Inconformismo: novas perspectivas de pesquisa**. Campinas, SP: Autores Associados, 2010, p. 07-40.

APA. American Psychiatric Association. Transtornos de neurodesenvolvimento. *In*: APA. American Psychiatric Association. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5)**. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 31-86.

BARROS, D. B. **Os usos e sentidos do metilfenidato: experiências entre o tratamento e o aprimoramento da atenção**. 2014. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro 2014.

BENJAMIN, W. A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução. *In*: BENJAMIN, W.; HORKHEIMER, M.; ADORNO, T.; HABERMAS, J. (Coleção Os pensadores). **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

BENJAMIN, W. Sobre alguns motivos na obra de Baudelaire. *In*: BARRENTO, J. (org.). **Baudelaire e a modernidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p. 103-149.

BENJAMIN, W. O contador de histórias. *In*: LAVELLE, P. (org.). **Walter Benjamin: A arte de contar histórias**. São Paulo: Hedra, 2018, p. 19-58.

BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. *In*: BARRENTO, J. (org.). **O anjo da história**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021, p. 83-90.

BORBA, M. S. Relato de experiência docente. **Eleutheria – Revista do Curso de Filosofia da UFMS**, Campo Grande/MS, v. 5, n. especial, 2020, p. 106-120. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/reveleu/article/view/12194>. Acesso em: 10 jan. 2023.

BRANDÃO, M. L. Atenção: *In*: BRANDÃO, M. L. **As bases biológicas do comportamento: introdução à neurociência**. São Paulo, SP: EPU, 2004, p. 165-178.

CALIMAN, L. V. A constituição sócio-médica do “fato TDAH”. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, 2009, p. 135-144. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/hBfJpQhp43DFzLKnCbmPQwf/>. Acesso em: 24 fev. 2023.

CRUZ, L. F. P. **Funções executivas e atenção: Análise em crianças com TDAH com e sem uso do metilfenidato**. 2017. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Neurociência Cognitiva e Comportamento (PPGNeC) - Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, 2017.

DUARTE, N. **Os conteúdos escolares e a ressurreição dos mortos**: contribuição à teoria histórico-crítica do currículo. 2ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2021.

FREUD, S. **Além do princípio de prazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

HORKHEIMER, M. Teoria tradicional e Teoria Crítica. *In*: BENJAMIN, W.; HORKHEIMER, M.; ADORNO, T.; HABERMAS, J. (Coleção Os pensadores). **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 117-154.

JUNIOR, O. G. A Teoria Crítica em Lüneburg: um tributo brasileiro a Christoph Türcke. *In*: ZUIN A.; LASTÓRIA, L.; GOMES, L. (org.). **Teoria Crítica e formação cultural**: aspectos filosóficos e sociopolíticos. Campinas, SP: Autores Associados, 2012. p. 15-28.

LAVAGNINO, N. J.; BARBERO, S.; FOLGUERA, G. Caracterización, alcances y dificultades de las “bases biológicas” del Trastorno por Déficit de Atención e Hiperactividad (TDAH). Um enfoque desde la Filosofía de la Biología. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 28(1), 2018, p. 01-32. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312018280110>. Acesso em: 30 jul. 2022.

LAVELLE, P. Posfácio. *In*: LAVELLE, P. (org.). **Walter Benjamin: A arte de contar histórias**. São Paulo: Hedra, 2018, p. 263-283.

LENT, R. Neuroplasticidade. *In*: LENT, R. (coordenador). **Neurociência da mente e do comportamento**. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2008, p. 109 – 132.

LIMA, R. F. Compreendendo os mecanismos atencionais. **Ciência & Cognição**, Rio de Janeiro, v. 06, n. 01, 2005, p. 113 – 122. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cc/v6n1/v6a13.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2023.

MARTINEZ-BADÍA, J.; MARTINEZ-RAGA, J. Who says this is a modern disorder? The early history of attention deficit hyperactivity disorder. **Word Journal Psychiatry** (online), v. 5(4), 2015, p. 379-386. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4694551>. Acesso em: 11 jan. 2023.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Política Nacional de Alfabetização (PNA)**. Brasília: Secretaria de Alfabetização, 2019. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/images/banners/caderno_pna_final.pdf. Acesso em: 10 jan. 2023.

MORALES, A. A.; DIONISIO, L. **Trastorno de Desatencion e Hiperactividad (TDH)**. Cuestionamientos acerca de su diagnóstico y prevalencia. *Revista de Salud Pública*, Córdoba, v. 16, n. 2, 2012, p. 46-56. Disponível em: <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/RSD/article/view/6942>. Acesso em: 29 dez. 2022.

NOBRE, M. **A Teoria Crítica**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

OLIVEIRA, R. C.; SILVA, J. V.; CARDOSO, V. L. S. TDAH e o uso prolongado das mídias sociais. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v.4, n.1, 2021, p. 2425-2434. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/24176>. Acesso em: 19 fev. 2023.

PACÍFICO, M. **O Espetáculo de Si**. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2021.

PINHO, A; MACHADO, F. P. Coligir, traduzir, editar W. Benjamin: Notas sobre uma coleção que inicia. *In*: LAVELLE, P. (org.). **Walter Benjamin: A arte de contar histórias**. São Paulo: Hedra, 2018, p. 11-15.

RESENDE, M. S.; PONTES, S.; CALAZANS, R. O DSM-5 e suas implicações no processo de medicalização da vida. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 21, n. 3, 2015, p. 534-546. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v21n3/v21n3a08.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2023.

RODRIGUES, L. A. A desatenção no processo formativo. *In*: ZUIN A.; LASTÓRIA, L.; GOMES, L. (org.). **Teoria Crítica e formação cultural: aspectos filosóficos e sociopolíticos**. Campinas, SP: Autores Associados, 2012. p. 183-199.

SOUZA, R. C. *Mindfulness* e pedagogias crítico-emancipatórias. *In*: Política e Filosofia na Escola: a urgência do pensamento – IV Congresso da Sociedade Brasileira de Filosofia da Educação, 2022, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: USP, 2022. p. 145-146.

TONNETTI, F. A. **A Especificidade da Ciência da Atenção [da Filosofia da Mente à Neurociência Cognitiva]**. 2008. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo. 2008.

TORRE, Bruna. A nova “organização”: Adorno, indústria cultural (digital) e a extrema-direita hoje. **Blog da Boitempo**, 2021. [publicado em 24 junho de 2020]. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2021/06/24/a-nova-organizacao-adorno-industria-cultural-digital-e-a-extrema-direita-hoje/>. Acesso em: 21 jan. 2023.

TUMELEIRO, L. F. *et. al.* Dependência de internet: Um estudo com jovens do último ano do Ensino Médio. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia** [online], Belo Horizonte, 2018, vol.11, n.2, pp. 279-293. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v11n2/07.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2023.

TÜRCKE, C. **Sociedade Excitada: filosofia da sensação**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2010.

TÜRCKE, C. “Não é possível entender as estruturas sociais sem decifrar sua gênese”: uma entrevista com Christoph Türcke. **Constelaciones — Revista de Teoria Crítica**, v. 6, p. 355-378, 2014. Entrevista concedida a Luiz Antônio Calmon Nabuco Lastória. Disponível em: <https://constelaciones-rtc.net/article/view/874/924>. Acesso em: 23 out. 2023.

TÜRCKE, C. **Hiperativos! Abaixo a cultura do déficit de atenção**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2016.

UEHARA, E. et al. Funções executivas na infância. *In*: SALLES, J.F.; HAASE, V.G.; MALLOY-DINIZ, L.F. (Orgs). **Neuropsicologia do desenvolvimento: infância e adolescência**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2016, p. 26 – 40. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1wroLaLFkcAwfzxFZ56z3o2n01XndMqrx/view>. Acesso em: 25 mar. 2023.

VALENTE, A. L. **Desatenção e hiperatividade em âmbito escolar**: sintomas de um transtorno social e cultural. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Comunicação e Artes – Departamento de Educação, Universidade Estadual de Londrina, 2019.

WILLIGES, F.; FRAGA, P. Do “dialético primevo” à teoria crítica como “legítima defesa”: entrevista com Christoph Türcke. *In*: BARATA, A. *et al.* (org.). **Filosofia, Comunicação e Subjetividade**: v. 2 - pensamento crítico, psicologia e educação. Covilhã, Labcom.IFP, 2018, p. 123-147.

WOLF, M. **O cérebro no mundo digital**: os desafios da leitura na nossa era. São Paulo, SP: Contexto, 2019.

YONESHIGUE, B. “Drenagem cerebral”: o uso exagerado do celular suga nossa capacidade cognitiva, diz novo estudo. **O Globo**, Rio de Janeiro, 04 mai. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/medicina/noticia/2023/05/drenagem-cerebral-o-uso-exagerado-do-celular-suga-nossa-capacidade-cognitiva-diz-novo-estudo-entenda.ghtml>. Acesso em: 29 jun. 2023.

ZUIN, A. Amok on-line e ressentimento entre alunos e professores. *In*: PUCCI, B.; ZUIN A.; LASTÓRIA, L. (org.). **Teoria Crítica e Inconformismo**: novas perspectivas de pesquisa. Campinas, SP: Autores Associados, 2010. p. 57-75.

ZUIN, A.; GOMES, L. R. A Teoria Crítica e a sociedade da cultura digital. **Revista Eletrônica de Educação**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 97–107, 2017. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/2183>. Acesso em: 17 jan. 2023.

ZUIN, A.; ZUIN, V. A Indústria Cultural na era da tela onipresente. **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional**, Curitiba, v. 14, n. 36, 2019, p. 89-104. Disponível em: <https://interin.utp.br/index.php/a/article/view/2090>. Acesso em: 24 jan. 2023.

ANEXO 1

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Apresentação

Para além de uma contribuição teórica, esta pesquisa pretende construir, em parceria com a sociedade sul-mato-grossense, caminhos concretos de ação no que diz respeito ao enfrentamento do problema analisado na dissertação. Desse modo, utilizaremos este espaço para articular a teoria e a prática, buscando mobilizar esforços para aumentar a qualidade da educação no Estado.

Entre os principais resultados de nosso estudo está a evidenciação de que os distúrbios relacionados à atenção têm uma determinação histórica e sociocultural. Seguindo esta perspectiva, tentamos deixar claro que assumi-la não significa negar os fatores naturais e biológicos que inegavelmente estão presentes nos distúrbios atencionais, porém, defendemos que tais fatores são mais bem compreendidos se inseridos numa abordagem mais ampla, sendo assim observados sob a lupa da sociabilidade humana.

Nesse sentido, nossa proposta de intervenção está pautada na ideia da criação de um Grupo de Trabalho (GT) interdisciplinar e intersetorial, cujo objetivo central seja subsidiar e nortear cientificamente as políticas públicas educacionais de âmbito estadual, de modo a compreender, selecionar e avaliar as metodologias ancoradas nas tecnologias digitais. Também deve estar incluso neste objetivo do GT as metodologias educacionais comumente chamadas de “tradicionais”, haja vista que em seu núcleo histórico encontramos uma certa crença, consciente ou inconsciente, no poder da repetição. Desse modo, pretende-se esclarecer quais os impactos positivos e negativos de cada linha metodológica para a educação básica.

Baseando-se inicialmente nos resultados que a presente dissertação alcançou, o ponto de partida teórico-metodológico assumido pelo GT deve ser o de que a desatenção, a impulsividade e os comportamentos hiperativos devem ser compreendidos e tratados dentro de um quadro epistemológico plural, no qual convirja saberes das diversas áreas científicas. Tal grupo deve ser essencialmente multidisciplinar, composto por profissionais envolvidos tanto com a educação quanto com a saúde (pedagogos, professores, filósofos, neurocientistas, antropólogos, neurologistas e psicólogos), afinal de contas estamos tratando de uma questão que afeta o bem-estar mental e físico de milhões de pessoas no Brasil. A criação formal do GT, sua composição, distribuição de tarefas, e demais atividades organizativas e burocráticas ficaria a cargo da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul (SED/MS), órgão máximo da política educacional do Estado.

A proposta aqui idealizada parte do entendimento de que a SED/MS deve aproveitar e otimizar a sua já estabelecida parceria com a Universidade do Estado de Mato Grosso do Sul (UEMS). Com isso, o Poder Público desencadearia dois movimentos: 1) valorizaria de maneira mais efetiva os pesquisadores e as pesquisas acadêmicas desenvolvidas em solo sul-

mato-grossense, reconhecendo assim o potencial de nossa gente e de nossas instituições; 2) tendo como base os resultados e as conclusões das pesquisas científicas, promoveria um espaço privilegiado para discutir e elaborar políticas públicas relevantes para a população.

Problema

Somado a fatores mais gerais, o uso excessivo de tecnologias digitais, recorrente nas últimas décadas, tem criado uma situação em que capacidades cognitivas e comportamentais estão entrando em estado de regressão. Estaríamos vivendo numa “cultura do déficit de atenção” (TÜRCKE, 2016) que, paulatinamente, retroage sobre os indivíduos com tamanha pressão que já causa neles sintomas clinicamente detectáveis (como o caso exemplar do TDAH).

Justificativa

Também serve de fundamentação a esta proposta de intervenção o recente relatório da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), intitulado *A tecnologia na educação: uma ferramenta a serviço de quem?* (2023). Dentre as várias ponderações críticas que o documento faz ao uso irrestrito das tecnologias na educação, sobressai para nós o fato de a entidade alinhar-se à perspectiva da presente pesquisa quando admite que o excesso das telas, mesmo que com fins pedagógicos, afeta a concentração dos alunos. Nesse sentido, o relatório diz que:

[...] a tecnologia pode ter um impacto negativo se for inadequada ou excessiva. Dados de avaliações internacionais em larga escala, tais como os fornecidos pelo Programa de Avaliação Internacional de Estudantes (Programme for International Student Assessment – PISA), sugerem uma correlação negativa entre o uso excessivo das Tecnologias de informação e comunicação (TIC) e o desempenho acadêmico. Descobriu-se que a simples proximidade de um aparelho celular era capaz de distrair os estudantes e provocar um impacto negativo na aprendizagem em 14 países (UNESCO, 2023, p. 8).

Assim, nos parece digno de nota que uma instituição mundialmente renomada como a UNESCO esteja participando ativamente do debate que circunda as novas tecnologias e suas potenciais consequências. Em certa medida, esse fato realça e dá crédito aos estudos e análises críticas que vem sendo produzidos sobre o tema – como este por nós empreendido. No que tange especificamente à ideia do GT, o relatório tem diagnósticos que assemelham a esta iniciativa. O documento explicita a necessidade de os governos tomarem decisões a respeito da adoção ou não de tecnologias nas escolas sempre levando em consideração evidências seguras sobre seus benefícios e custos (UNESCO, 2023, p. 25). No relatório,

recomenda-se que os governos estabeleçam “organismos para avaliar a tecnologia educacional”, nos quais sejam inclusos “todos os atores que possam realizar pesquisas independentes e imparciais”, de modo que se faça responsabilidade destes “organismos” a definição de “padrões e critérios claros de avaliação”, colaborando assim para a obtenção de “decisões políticas baseadas em evidências sobre a tecnologia educacional” (UNESCO, 2023, p. 25).

Quais são exatamente os recursos tecnológicos positivos e eficazes para o aprendizado das crianças e adolescentes? Para quais situações didáticas tais recursos poderão ser benéficos? Com a adoção sistemática da tecnologia na educação formal, como quantificar o real avanço na escolarização? Como deve ser a abordagem das escolas em relação aos alunos diagnosticados com TDAH e outros distúrbios do tipo? Ora, responder perguntas como estas, além de outras suscitadas pela dissertação, é justamente uma das funções que deve cumprir o GT multidisciplinar e com visão crítica aqui proposto.

Objetivo do Grupo de Trabalho

Subsidiar e nortear, com critérios estritamente científicos, as políticas públicas educacionais de âmbito estadual, de modo a compreender, selecionar e avaliar tanto as metodologias ancoradas nas tecnologias digitais, quanto as mais fundamentadas na tradição, esclarecendo assim os impactos positivos e negativos delas para a educação básica.

Ações/Propostas

Inicialmente, em parceria com a UEMS, a SED/MS instituirá um Grupo de Trabalho multidisciplinar que congregará uma pluralidade de pesquisadores e profissionais, principalmente das áreas da educação e da saúde. Obviamente, o Grupo poderá se expandir, recebendo participantes de outras instituições governamentais ou da sociedade civil organizada. Estes são alguns dos principais temas, problemas e tarefas que o órgão deverá empreender cientificamente:

- Investigar a importância dos cultos e rituais sagrados para o desenvolvimento da espécie humana.
- Analisar a atualidade das práticas rituais enquanto práticas de repetição dessacralizadas e secularizadas.
- Debater a importância dos rituais e da repetição no tocante à coesão social e aos processos de ensino e aprendizagem.

- Investigar a relação entre a intensidade do uso das telas e a perda de capacidade atencional.
- Pesquisar e debater a relação entre novas tecnologias e a saúde mental e física dos estudantes.
- Produzir estudos e pesquisas empíricas sobre quais tecnologias educacionais são eficientes e quais não promovem avanços significativos no aprendizado.
- Elaborar de pareceres técnicos.
- Produzir e entregar subsídios empíricos e teóricos para a criação, avaliação e manutenção de políticas educacionais.

Cronograma

Ano: 2024				
ETAPAS	MARÇO	ABRIL	MAIO	JUNHO
Defesa da dissertação.	X			
Reunião com a coordenação do ProfEduc para apresentar a proposta à UEMS e verificar sua viabilidade.		X		
Reuniões com o responsáveis da SED/MS.		X	X	
Formação do GT.				X

REFERÊNCIAS

TÜRCKE, C. **Hiperativos!** Abaixo a cultura do déficit de atenção. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2016.

UNESCO. **A tecnologia na educação:** uma ferramenta a serviço de quem? Paris, UNESCO. Disponível: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000386147_por. Acesso em: 27 out. 2023.